Manchete Esportiva

REVISTA SEMANAL — N.º 21 — RIO DE JANEIRO — 14 DE ABRIL DE 1956 — CR$ 7,00

BRASIL X PORTUGAL

A "NEGRA" SEM MISTÉRIO

TRI-CAMPEÃO NO CÉU

A CHAVE DA VITÓRIA

Edição Especial Dedicada Ao FLAMENGO

MARTHA, A QUE SONHA SER MISS

MARTHA MARIA, carioca de Botafogo, vai daqui a pouco ser uma das estrêlas de vôlei do Fluminense. Já jogava, antes, no colégio de Irmãs, lá em Teresópolis. E gostava, ficava feliz quando conseguia pontos para o seu time. Agora está treinando todo o dia na quadra tricolor, readquirindo forma para ser lançada num grande jôgo. Se não foi santinha, pelo menos deixou ótima lembrança no colégio. Foi interna desde pequenininha, não achava graça, mas aguentou firme. De bom, mesmo, apenas o dia da saída.

Adora praia. Não sabe se por ter sido tão prêsa, ou se porque a praia é a coisa mais louca dêste mundo. Quando está na areia respira amplidão e liberdade. Também gosta de disputar uma boa partida de tênis de praia. Mas não é só. Martha sorri, feliz e extasiada, num passeio de automóvel ou de lancha. Não é noiva nem tem pressa de ficar. Verdade. Quer é saber de disputar e ganhar o concurso de Miss TV, que está aí. Os prêmios até que compensam. E quem sabe se ainda não vai se animar a ser Miss Brasil? Não é môça de chiliques. Não conhece mêdo. Mas só se sente aflita volta-se imediatamente para a Santa Teresinha. Não há côr mais bonita do que azul, mas para vestido prefere o branco, sistemàticamente. E o traje esportivo é o que lhe dá mais elegância. Dona da coleção mais rara que já se viu: mata-borrão.

Não sabe cozinhar, nada dessas coisas de casa ela entende. Tem tempo. Mas gosta de uma galinha bem feita por outra pessoa. Verdura é a coisa mais enjoada dêste mundo. E pensar que põem isso no prato da gente a tôda hora. Considera-se emotiva até demais. Chorar não custa. E acha isso prejudicial à beleza e à linha que tôda môça deve manter. Tem uma vontade louca de conhecer a Europa e os Estados Unidos. A vontade é tanta que ela sabe que ainda chega lá. Porque afinal ela está sempre pronta a disputar um concurso. E um dêsses vai levá-la a êsse sonho. Martha Maria Monarcha da Costa, de louros cabelos e olhos verdes assim como o mar, risonha, certa de que beleza é quase tudo na vida de uma jovem moderna, parece impossível, mas não tem namorado. Gosta de bicho. Menos de gato, para ela um animal para lá de antipático. E adora criancinhas. Falando de homens, por enquanto só quer mesmo saber de Gregory Peck, e, para fazer rir, ninguém neste mundo como o ator Oscarito.

TEXTO DE MEG

FOTO DE ÂNGELO GOMES

UM TÚMULO E TRÊS RUBRO-NEGROS. O TÚMULO É DE GILBERTO CARDOSO E OS TRÊS RUBRO-NEGROS SÃO JOEL, DIDA E DEQUINHA.

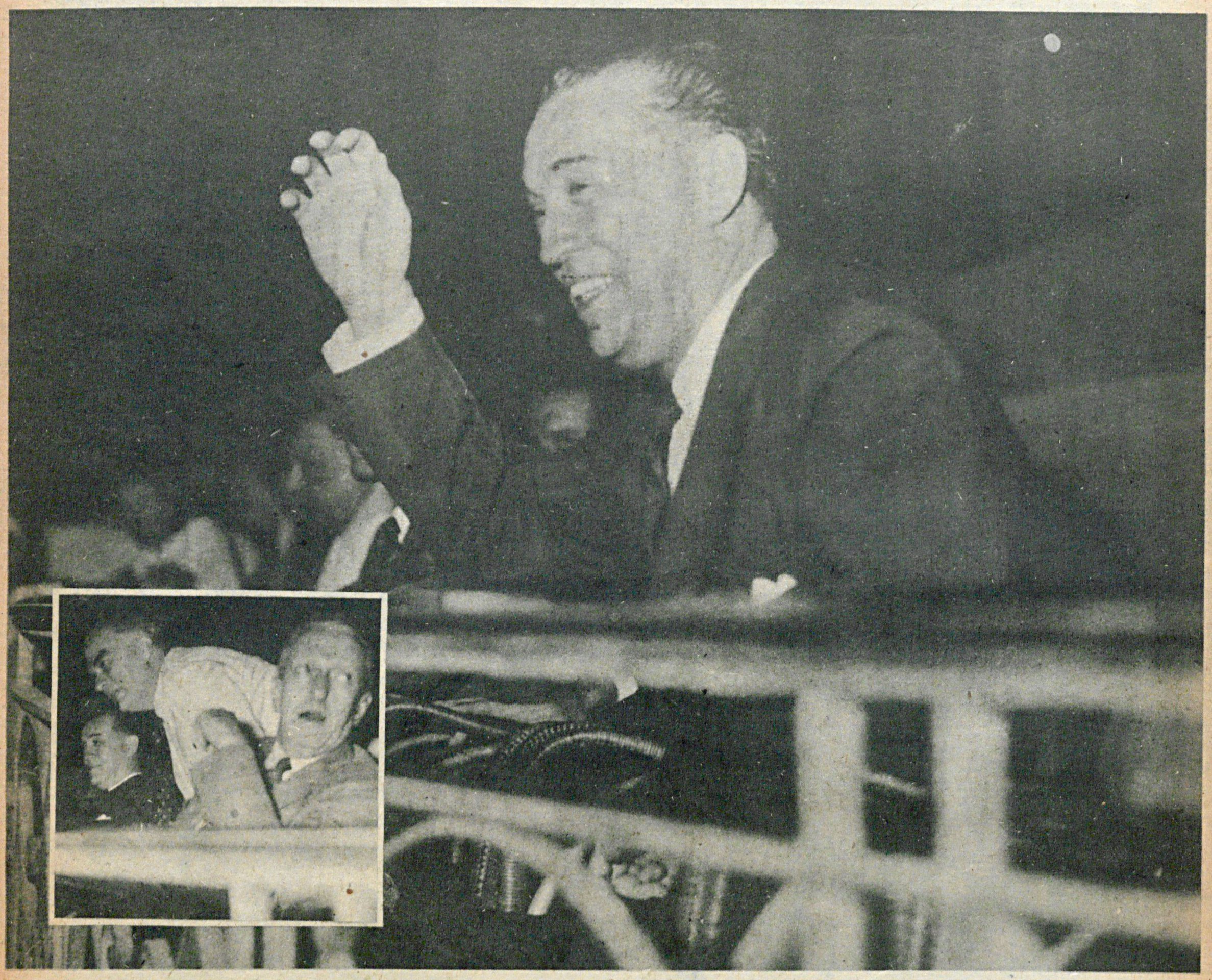
Promessa Cumprida: Título Para Gilberto

DE PAULO RODRIGUES

FOTO DE ÂNGELO GOMES

O tri-campeonato conquistado pelo Flamengo não foi mera coincidência. Foi o presente, póstumo, dos craques e técnico ao presidente Gilberto Cardoso. Com efeito, após o último jôgo do segundo turno, os rapazes do Flamengo foram ao cemitério São João Batista. E beijaram um túmulo em São João Batista. E juraram lutar pelo tri-campeonato. Não foram palavras sôltas ao vento, mas dirigidas ao céu, ao grande presidente que vivera e morrera por amor ao Flamengo. O garôto Dida lá estêve, o Tomires, o Pavão, o Deca, o Jadir, Evaristo, Zagalo, Joel, o time todo, em suma, prometeu dar o máximo, não se intimidar diante dos maiores obstáculos, mas alcançar o objetivo: tri-campeonato. E o que se viu o que foi senão essa vontade de não faltar à promessa feita à beira do túmulo? E nunca o Flamengo foi mais Flamengo, de corpo e alma, como na hora da decisão. E o garôto Dida simbolizou bem a fibra que é uma legenda rubro-negra, nas arremetidas de touro para a meta americana. Mas não foi só o garôto Dida que brilhou, que considerou a promessa sagrada. Foram todos, inclusive êsse grande profissional argentino que é Eusebio Chamorro. E foi o gigante Servílio, outra arma-secreta do mestre Fleitas Solich, lançada na hora H. E para que a missão fôsse cumprida, nunca o Flamengo estêve mais unido, um por todos e todos por um. E todos queriam jogar, cada qual mais disposto a mandar a "negra" para o céu. Depois, os soluços, o diálogo com a eternidade de Fadel Fadel e Dario de Melo Pinto, valiam como a melhor prova de que o Flamengo não admitia fracasso na decisão do campeonato. E, agora, o Flamengo está feliz: o presidente Gilberto Cardoso também é tri-campeão. Na noite de quatro de abril de 1956, após noventa minutos de luta com o América, o Flamengo mandou a "negra" para o céu. Estava, assim, conquistado o tri.

JUSCELINO VIU TUDO



COM UMA OVAÇÃO, O PÚBLICO SAUDOU O PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA. ACIMA VISTO AO LADO DE MÁRIO FILHO E ISRAEL PINHEIRO.

ERROU O ESCORE, MAS ACERTOU O CAMPEÃO...

TEXTO DE NEY BIANCHI

O primeiro trovão de milhares de vozes a ribombar no Maracanã, quarta-feira, não saudou nenhum gol do Flamengo, nenhum gol do América. Simplesmente homenageou a chegada do presidente da República à Tribuna de Honra. S. Excia., acompanhado pelos chefes de seus gabinetes e secretários, fêz questão de assistir à finalíssima. E, como se verá adiante, fê-lo como um bom torcedor de futebol. Sobretudo, um entendido.

"TACO A TACO".

O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, mais informal do que nunca, afável e sorridente, manteve contacto com a crônica especializada antes, no intervalo e depois do jôgo. Pôde inclusive, recordar seus tempos de rapazola, do jôgo da bola em Diamantina. Como prognosticou, igualmente, um resultado para o Flamengo x América. Diga-se de passagem, não acertou o escore. Mas previu o tri-campeonato.

— "Excelência — perguntou o repórter — qual o seu palpite para o jôgo?

O presidente pensou. Depois sorriu:

— "Acho que vai ser taco a taco", afirmou êle simplesmente. E justificou: — "Êsse é um jôgo que não tem favoritos".

— "Excelência — insistimos — qual o seu escore?"

— "2 a 2".

— "Bem, aí o Flamengo será campeão".

O presidente limitou-se a sorrir o seu sorriso largo e franco...

RECORDAÇÕES NO MEIO DA BATALHA

Logo que chegou ao estádio o presidente da República exclamou, como o mais entusiasmado dos fãs: — "Êste é um espetáculo impressionante", e apontou as arquibancadas literalmente cheias. Acrescentou: — "Não se poderá ver nada igual em todo o mundo, o que atesta a alta co[illegible]de o brasileiro tem seu esporte e seus clubes preferidos".

No meio tempo — o descanso da batalha que ia super-acesa — S. Excia., entusiasmado com a partida chegou a comentar para a crônica:

— "Futebol — para jogar e assistir — não há quem possa fazê-lo senão com o coração pequenino, apertado no peito, que as emoções são enormes". E, falando de futebol, o presidente Juscelino não pôde deixar de recordar seu tempo:

— "No meu tempo, em Diamantina, tínhamos dois times. Eu jogava num dêles. Primeiro no gol. Mas depois fui para o centro do ataque —e apontou Dida que saía para o descanso regulamentar — porque eu corria muito". E sorriu.

— "Como V. Excia. está vendo o jôgo?", perguntou um côro de vozes, nas mãos os lápis e os papéis, nas mãos os BTP-1A. A crônica esperava.

— "O Flamengo joga bem. Entusiástico, armado, perigoso. O América, entretanto, tem alguns pecados. Principalmente os arremates, são falhos.

Quando faltavam dez minutos para a partida terminar, S. Excia. retirou-se. Seu último olhar para a cancha mirou um tirambaço de Romeiro, que passou raspando ao travessão...

MANCHETE Esportiva

APRESENTA:

"A NEGRA MALUCA"

EXTRAÍDA DA "MELHOR DE TRÊS" ENTRE FLAMENGO E AMÉRICA

PERSONAGENS:

CHAMORRO
TOMIRES
PAVÃO
SERVÍLIO
DEQUINHA
JORDAN
JOEL
DUCA
EVARISTO
DIDA
ZAGALO

POMPÉIA
RUBENS
EDSON
IVAN
OSVALDINHO
HÉLIO
CANÁRIO
ROMEIRO
LEÔNIDAS
ALARCON
FERREIRA

Com DIDA no Papel de "Mocinho da Negra"

FOTOGRAFIAS DE:
ÂNGELO GOMES
JANKIEL GONCZAROWSKA
HÉLIO SANTOS
JUVENIL DE SOUZA

1

DIREÇÃO: MÁRIO VIANA

AS EQUIPES E AS NOTAS

Jogaram pelo Flamengo e América na finalissima e mereceram as notas (de 0 a 10) os seguintes:

C. R. FLAMENGO

CHAMORRO (9)

TOMIRES (9) — PAVÃO (8)

SERVÍLIO (9) — DEQUINHA (9) — JORDAN (8)

JOEL (8) — DUCA (9) — EVARISTO (7) — DIDA (10) — ZAGALO (8)

AMÉRICA F. C.

POMPÉIA (8)

RUBENS (10) — EDSON (9)

IVAN (8) — OSWALDINHO (6) — HÉLIO (7)

CANÁRIO (8) — ROMEIRO (8) — LEONIDAS (7) — ALARCON (*) — FERREIRA (8)

(*) Alarcon jogou sòmente os primeiros minutos da partida. Interveio apenas numa arrancada de sua equipe, sendo, depois, atingido por Tomires.

A Campanha do Tri

1.º TURNO

7-8-55 — Maracanã — Flamengo 3 x O Canto do Rio, gols de Rubens, Evaristo e Paulinho — Juiz: Gualter Gama de Castro — Renda: Cr$ 222.679,20 — 14-8-55 — Maracanã — Flamengo 5 x 2 Madureira, gols de Evaristo (3), Paulinho e Zagalo, com Nilo e Machado marcando para o Madureira — Arbitragem de Antônio Viug, e renda de Cr$ 208.046.70 — 21-8-55 — Maracanã — Flamengo 4 x 1 Bonsucesso, gols de Índio (2), Evaristo (2) e Geraldo. Juiz: José Monteiro, e arrecadação de Cr$ 504.083,30 — 28-8-55 — Campos Sales — Flamengo 5 x 1 Portuguêsa, gols de Joel (2), Índio (2), Paulinho e Neca — Juiz: Antônio Viug — Arrecadação: Cr$ 136.089,00 — 4-9-55 — Maracanã — Flamengo 1 x O Botafogo, gol de Dequinha. Arbitragem de Charles Williams, e arrecadação de ..... Cr$ 964.206,90 — 11-9-55 — Maracanã — Fluminense 2 x 1 Flamengo, gols de Escurinho, Valdo e Evaristo. Juiz: Charles Williams, e arrecadação de Cr$ 1.250.593,50 — 25-9-55 — Barirí — Flamengo 5 x 0 Olaria, gols de Paulinho (2), Dida (2) e Evaristo. Árbitro: João Aguiar — Arrecadação: Cr$ 156.500,00 — 2-10-55 — Maracanã — Vasco 3 x O Flamengo, gols de Maneca, Sabará e Sílvio Paródi — Juiz: Mr. Harry Davies — Arrecadação' Cr$ 1.810.217,00 — 16-10-55 — Maracanã — Flamengo 2 x 1 América, gols de Evaristo, Zagalo e Ferreira — Juiz: Mr. Charles Williams, e arrecadação de Cr$ 356.339,00 — 23-10-55 — Maracanã — Flamengo 4 x 0 São Cristóvão, gols de Zagala, Rubens (2) e Evaristo. Juiz: Alberto da Gama Malcher — Renda: Cr$ 159.758,20 — 29-10-55 — Maracanã — Flamengo 2 x O Bangu, gols de Rubens e Evaristo — Arbitragem de Mr. Williams — Renda: Cr$ 336.667,70.

RETURNO

6-11-55 — Figueira de Melo — Flamengo 2 x 1 São Cristóvão, gols de Rubens, Paulinho e Ivan — Arbitragem de Manoel Machado, e renda de Cr$ 136.251,00 — 20-11-55 — Conselheiro Galvão — Flamengo 5 x 2 Madureira, gols de Paulinho, Joel, Índio (3), Salvador e 91 — Arbitragem de Antônio Viug e arrecadação de..... Cr$ 90.000,00 — 30-11-55 — Niterói — Flamengo 5 x 2 Canto do Rio, gols de Dida (2), Esquerdinha (2), Paulinho, Osmar e Zequinha — Arrecadação: Cr$ 303.938,00 — 4-12-55 — Maracanã — Flamengo 4 x 1 América, gols de Paulinho (3), Dida e Leônidas — Juiz: Eunápio de Queirós — Renda: Cr$ 472.659,50 — 10-12-55 — Maracanã — Olaria 3 x 2 Flamengo, gols de Dida, Índio, Maxwell e Leo (2) — Juiz: Eunápio de Queirós, e renda:..... Cr$ 167.313,70 — 17-11-55 — Maracanã — Flamengo 6 x 1 Fluminense, gols de Joel, Dida (2), Paulinho (3) e Didí — Juiz: Mr. Davies — Arrecadação: Cr$ 1.061.302,10 — 8-1-56 — Maracanã — Flamengo 2 x 2 Bangu, gols de Paulinho (2) e Zizinho (2) — Juiz: Mr. Davies — Renda: Cr$ 527.727,60 — 14-1-56 — Maracanã — Flamengo 6 x O Portuguêsa, gols de Paulinho (3), Duca (2) e Dequinha — Arbitragem de Antônio Viug e renda de Cr$ 180.138,70 — 22-1-56 — Maracanã — Flamengo 1 x 1 Vasco, gols de Paulinho e Vavá — Renda de Cr$ 1.465.152,00 — Arbitragem de Mr. Williams — 29-1-56 — Teixeira de Castro — Flamengo 4 x O Bonsucesso, gols de Índio (2), Joel e Paulinho — Juiz: Mr. Williams — Renda: Cr$ 207.176,00 — 4-2-56 — Maracanã — Flamengo 2 x 1 Botafogo, gols de Paulinho (2) e Rodrigues — Juiz: Mr. Harry Davies — Renda: Cr$ 426.111,30.

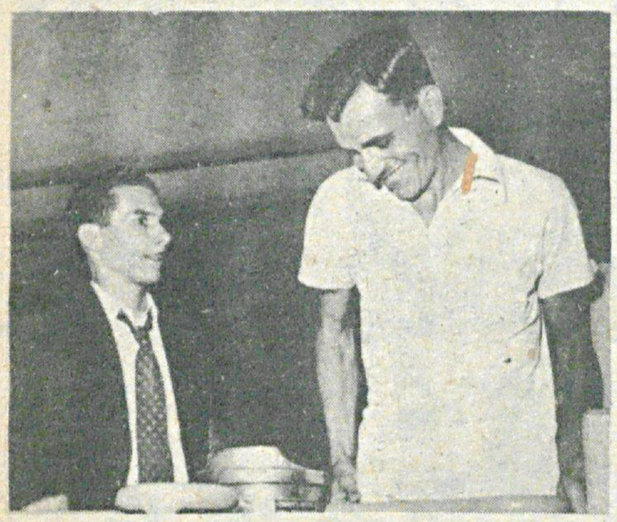
3.º TURNO

19-2-56 — Maracanã — América 3 x 1 Flamengo, gols de Ferreira, Leônidas (2) e Paulinho — Juiz: Frederico Lopes — Renda: Cr$ 1.042.606,90 — 25-2-56 — Flamengo 4 x 3 Bangu. gols de Joel (3), Dida, Calazans (2) e Hilton — Renda de Cr$ 515.330,60, e arbitragem de Gualter Gama de Castro — 29-2-56 — Maracanã — Fluminense 3 x 2 Flamengo, gols de Paulinho (2), Escurinho, Joel e Índio — Arrecadação: Cr$ 1.559.338,70 — 10-3-56 — Maracanã — Flamengo 2 x O Bonsucesso, gols de Índio e Evaristo — Juiz: Amílcar Ferreira — Arrecadação: Cr$ 124.342,70 — 17-3-56 — Maracanã — Flamengo 2 x 1 Vasco, gols de Pinga e Joel — Arbitragem de Mr. Williams, e renda de Cr$ 521.704,70.

MELHOR DE TRÊS

25-3-56 — Maracanã — Flamengo 1 x O América, gol de Evaristo — Juiz: Frederico Lopes — Renda:..... Cr$ 1.453.000,00 — 1-4-56 — Maracanã — Flamengo 1 x 5 América, gols de Ferreira, Alarcon. Canário, Leônidas, Romeiro e Joel — Arbitragem de Mário Viana, e renda de Cr$ 1.699.842,80 — 4-3-56 — Maracanã — Flamengo 4 x 1 América. gols de Dida (3), Edson (contra) e Romeiro. Arbitragem de Mário Viana e renda de Cr$ 2.492.334,40. (récord).

O 1.º HOMEM DA "NEGRA"



O primeiro homem da "negra", ou mais objetivamente, o primeiro torcedor que transpôs a roleta que dá acesso ao maior estádio do mundo, foi o rubro-negro (hereditário, como deve ser o legítimo rubro-negro) Waldemir Machado de Amorim, casado, vacinado, reservista, com domicílio na Rua Sílvia Neto, 75, fundos, em Realengo. Contou que fêz meio feriado, almoçou sem vontade, inteiramente concentrado no jôgo. Não levou farnel, porque sua fome e sua sêde eram tão sòmente de tri-campeonato. Não tomou outras precauções para não sujar a roupa, porque nem uma roupa coberta de ouro podia valer cuidados em face da festa, do carnaval do tri-campeonato, para o qual êle estava espiritualmente preparado, pois sabia que, no match decisivo, cantaria mais alto a fibra rubro-negra. Aplaudiu o lançamento de Dida, punha a mão no fogo pelo garôto, que faria misérias, logo mais. E arriscou sua previsão: veria uma "negra" maluca com um "banho" do Flamengo no América, bom time aliás.

DIDA: "NUNCA HOUVE "NEGRA" COMO ESSA"

Sou eu mesmo, Dida, que te fala. Na noite de quatro de abril de 1956, eu vivi a grande hora da minha vida, ao disputar, com a camisa do Flamengo, a "negra" da "melhor de três". Quatro dias atrás, o América nos dera uma goleada: 5 a 1. E, agora, íamos gastar o último cartucho. Eu e meus companheiros estávamos dispostos a dar a vida pelo tri-campeonato. No vestiário, houve uma espécie de pacto rubro-negro: "A "negra" há de ser nossa !" Só Deus sabe o nosso estado de nervos. Afinal, entramos em campo, debaixo do calor de 200 mil bôcas, talvez. Os nossos adversários eram os francos favoritos. Apostava-se, na cidade, pela vitória americana. Eis a verdade: ninguém fazia fé com o Flamengo, a não ser a nossa fabulosa torcida. Agora que tudo passou, eu posso dizer: nunca houve uma "negra" como essa. O que eu vou contar é, justamente, a história da grande batalha. E meu desejo é que a minha palavra chegue aos netos dos meus netos, como exemplo.

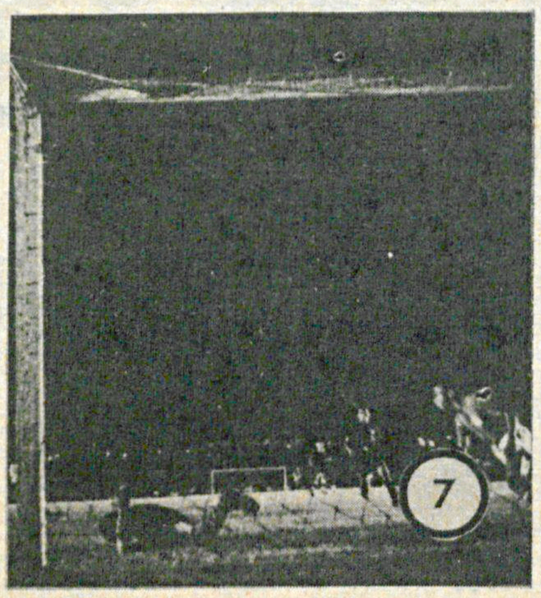
Antes do jôgo, o mesmo de sempre. Instruções, "quem meter o pé vai pro chuveiro" e tudo o mais, o normal nos jogos de futebol. Depois a moedinha subiu: "Cara ou coroa ? Coroa ! Ganhou o América, saída do Flamengo". Êste foi o primeiro capítulo da decisão do título. Batalhão igual de fotógrafos, sòmente naquelas memoráveis jornadas da Copa Mundial de 50. Quando os "flashes" brilhavam, o Maracanã se iluminava mais. A "negra" ficou perpetuada em milhares de fotografias, distribuídas através do Brasil, nos diários e revistas.

A SAÍDA FOI DO AMÉRICA, AINDA COM ALARCON NA "PONTA DOS CASCOS". DEPOIS...

6

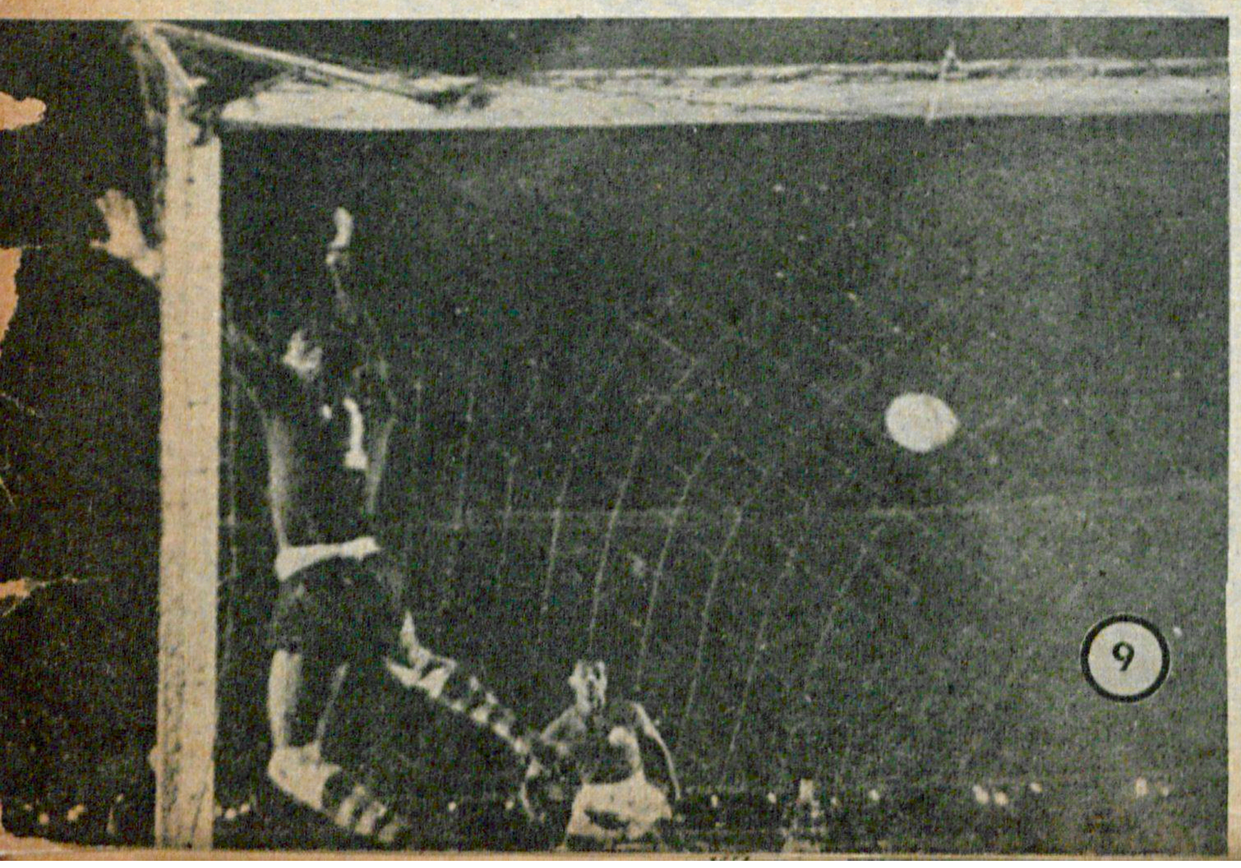
DIDA, O "MOCINHO" DA "NEGRA" FALA DA "NEGRA"

A saída coube ao América. Leônidas deu o pontapé inicial. E depois uma escapada perigosa. Ouvi a torcida rubra vibrando. Não há de ser nada, pensei. O Flamengo se manifestou. Duca atirou, Pompéia estava lá mesmo. Não sei por que, com a troca de jogadas, achei que estava pintando o primeiro gol do Flamengo. E olhem o América em apuros. Alarcon cai em campo contundido, e dá cuidados. Onze do Flamengo contra dez do América, até segunda ordem. E, sucessivamente, Duca e Evaristo experimentam a pontaria. E o Flamengo continuou insistindo, inteiramente obcecado pelo gol. Agora é a vez de Joel colocar à prova o goleiro dos rubros. Assim foi que, de posse da bola, não pensou duas vêzes. Foi só o tempo de ajeitar a "bichinha" e "fuzilar". A bola bateu na trave, violentamente. Depois? Bem, depois foi um Deus-nos-acuda. Ninguém entendeu mais ninguém. A defesa do América meio maluca, procurando a todo custo amarrar os pés de todo o ataque do Flamengo. Mas como? de que jeito? E não sei o quê me disse que era a hora, que chegara o grande momento do Flamengo encontrar o caminho da vitória, iniciar a goleada, enfim, marchar para a conquista do tri-campeonato. E a bola sobrou pr'a mim. Aí? perguntarão todos. Aí então... Depois eu conto.



7

8

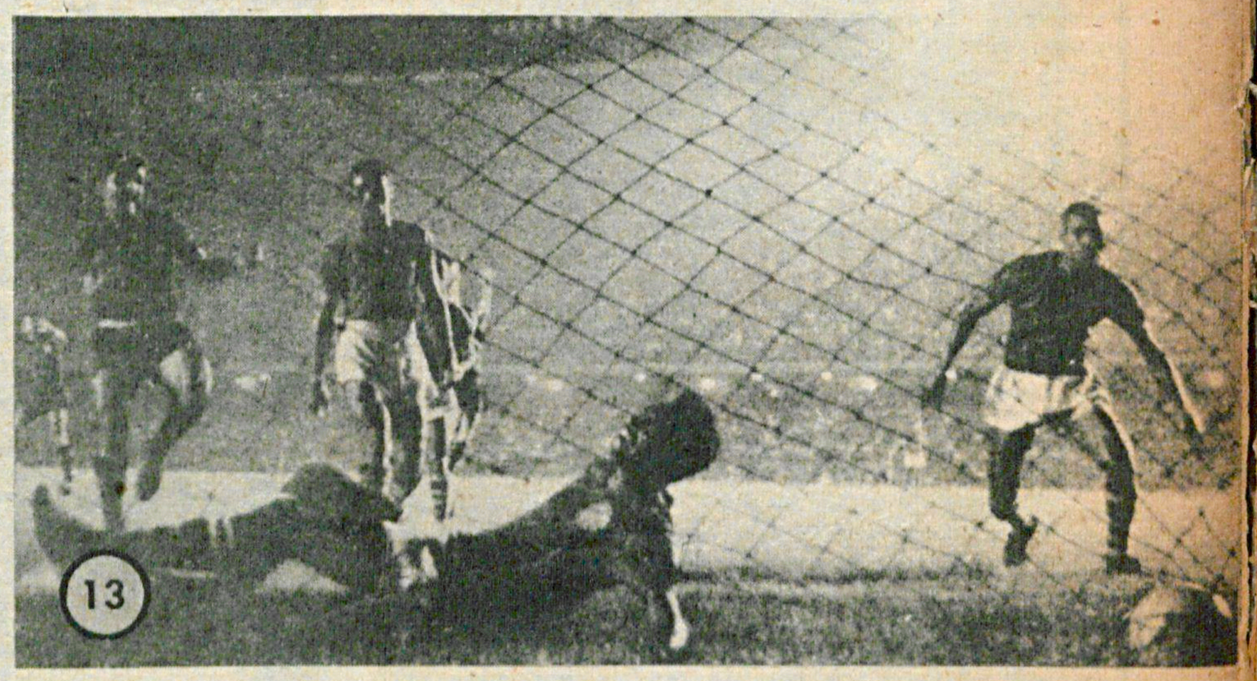


9

10

11

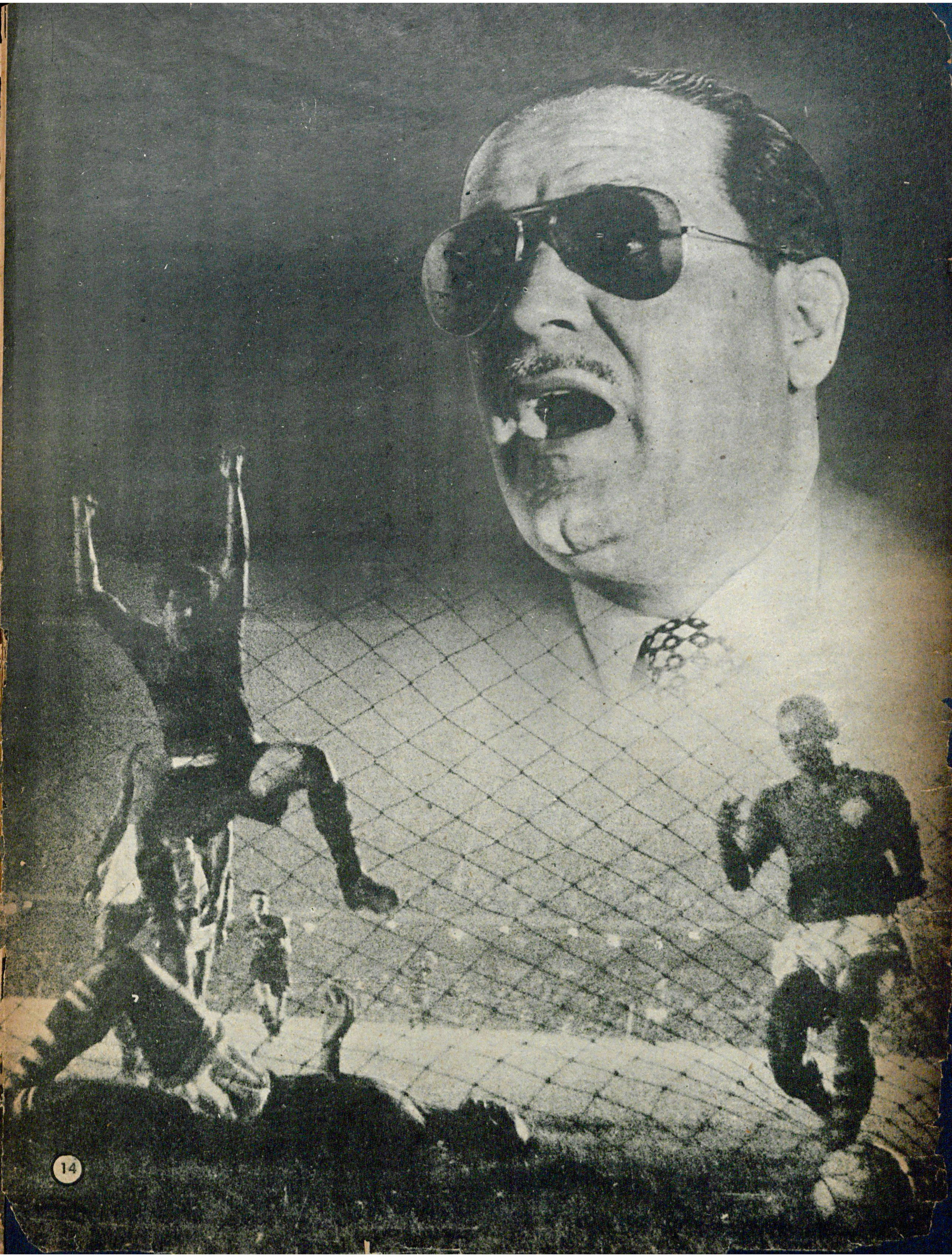
12



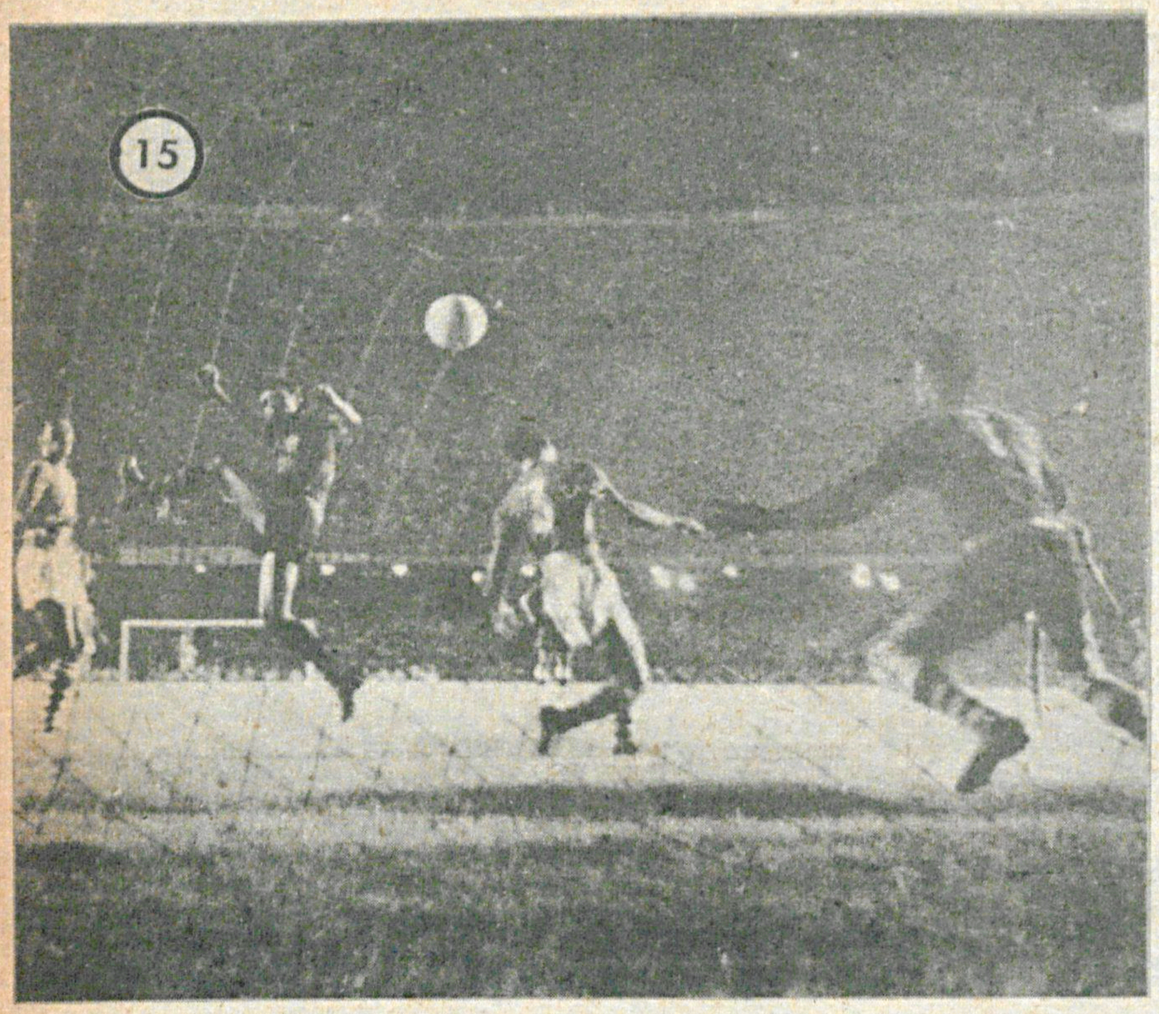
13

Início da Goleada

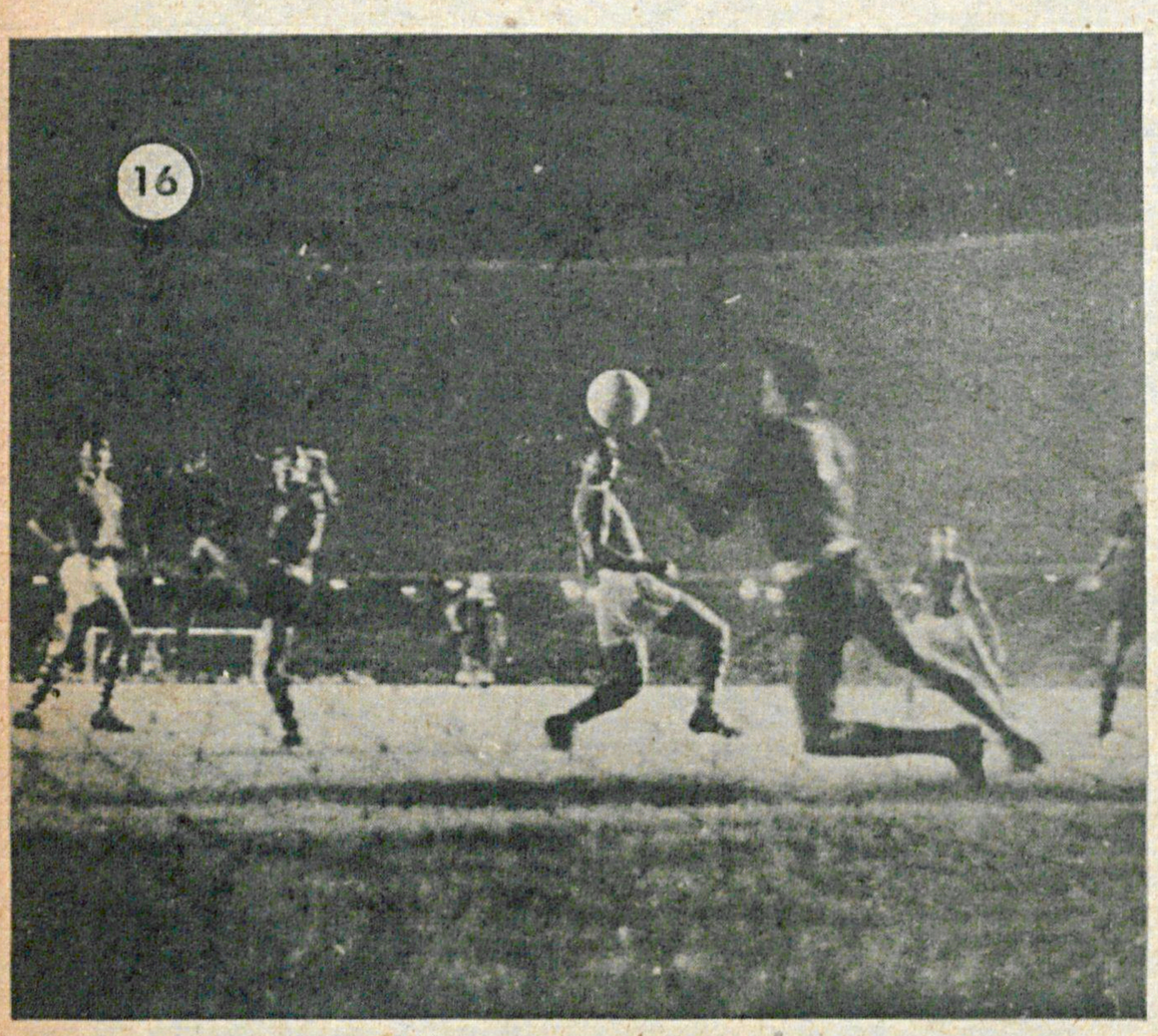
Depois que a bola atirada por Joel se chocou de encontro à trave e voltou à cancha estava formada a confusão, estava decretado o pânico, era a hora da "onça beber água", ou melhor, do Flamengo fazer o primeiro gol. Evaristo e Joel ficaram fora da jogada, Zagalo, um pouco distante, não tinha maiores possibilidades. Correu Duca, corri eu. E fui mais feliz, porque a bola sobrou para mim. Daí para a queda de Pompéia foi um instante, foi um pontapé feliz, que pegou na bola como devia pegar. Aconteceu então que vi a bola entrar, Osvaldinho ainda procurou salvar o América ,e ouvi o delírio da torcida rubro-negra. Acho que fui beijado, quase me sufocaram, vencia o Flamengo por um a zero! E só iríamos parar nos quatro...



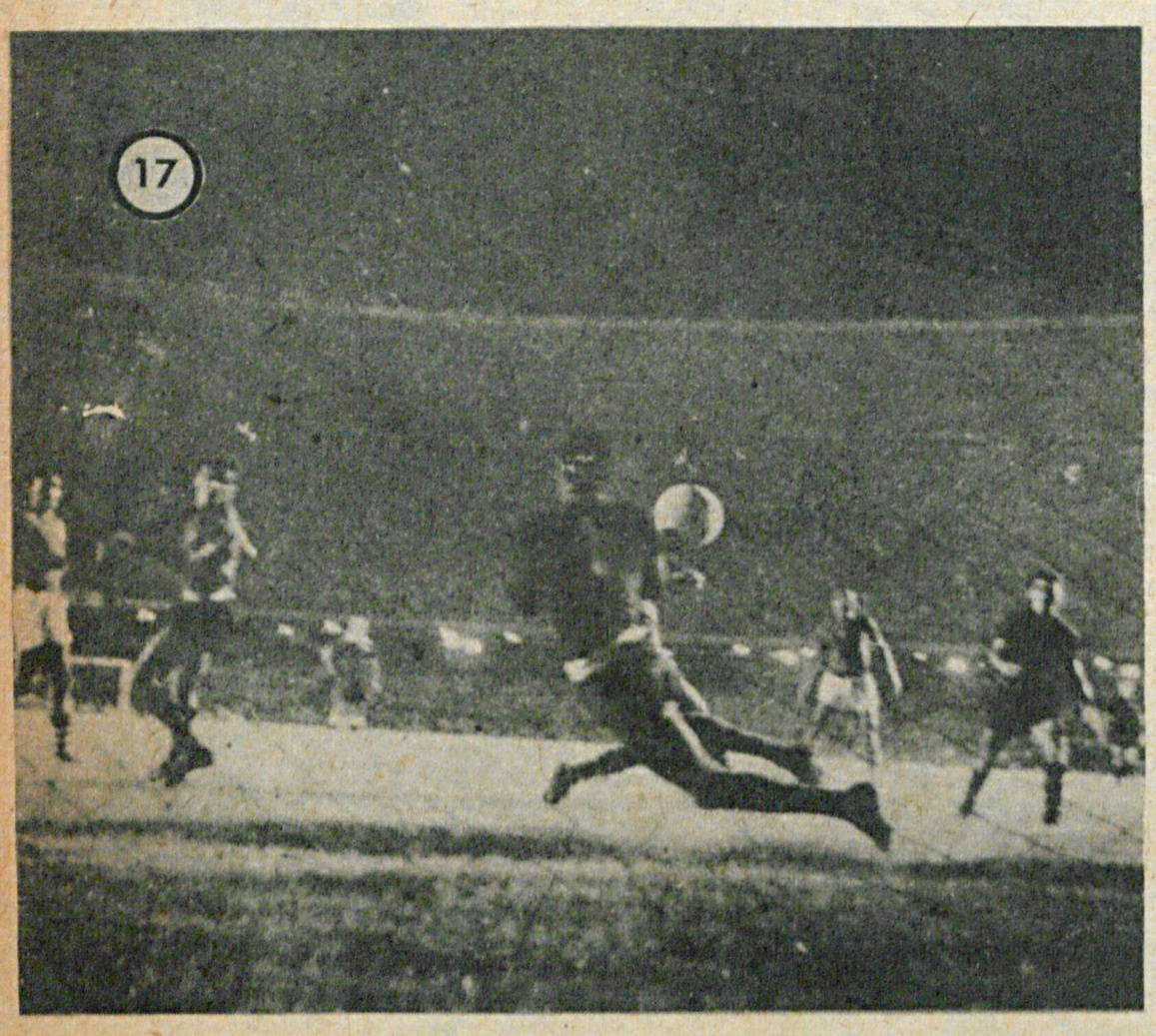
15



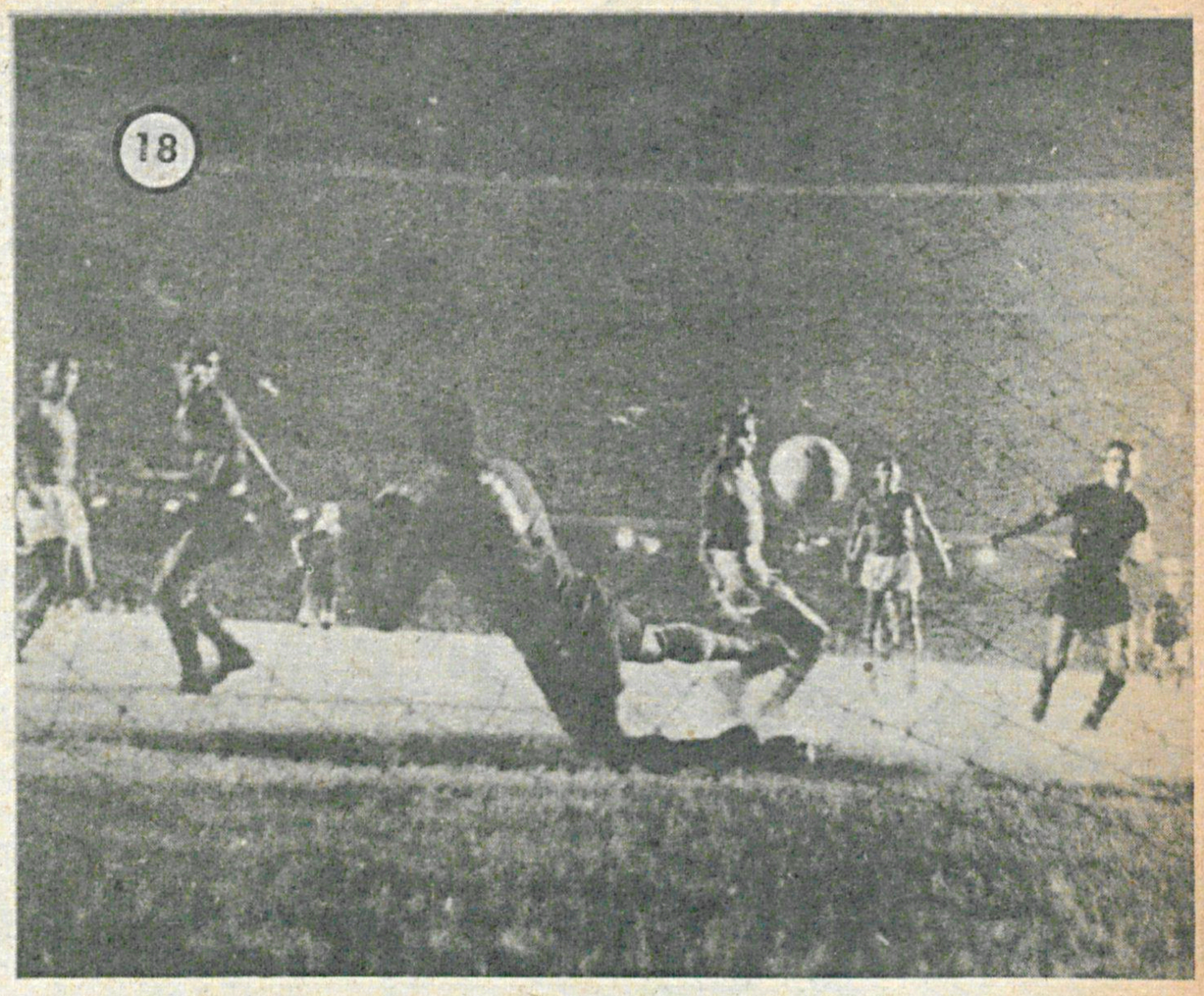
16



17



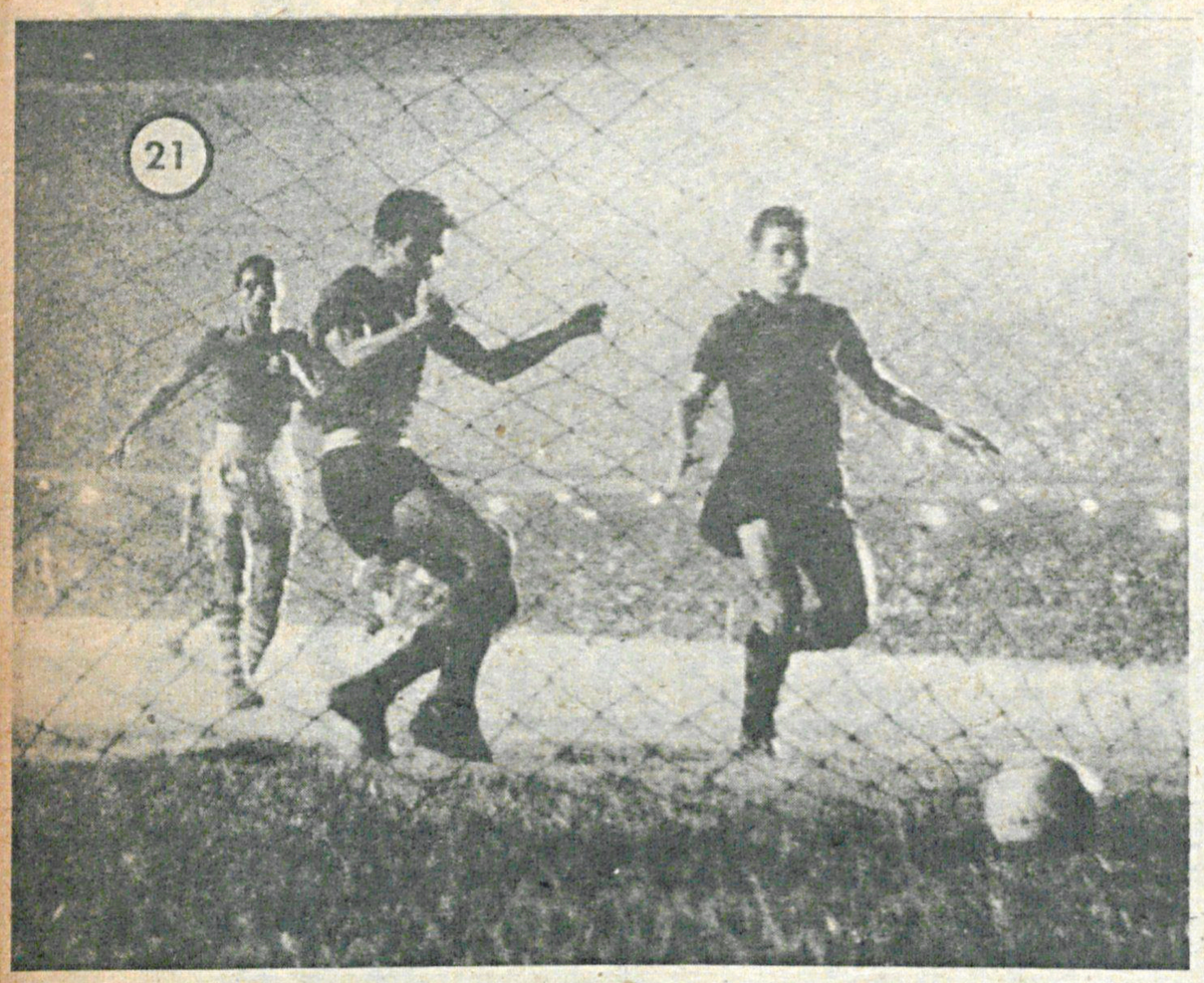
18



19

20

UMA VEZ FLAMENGO...


21

23

22

24

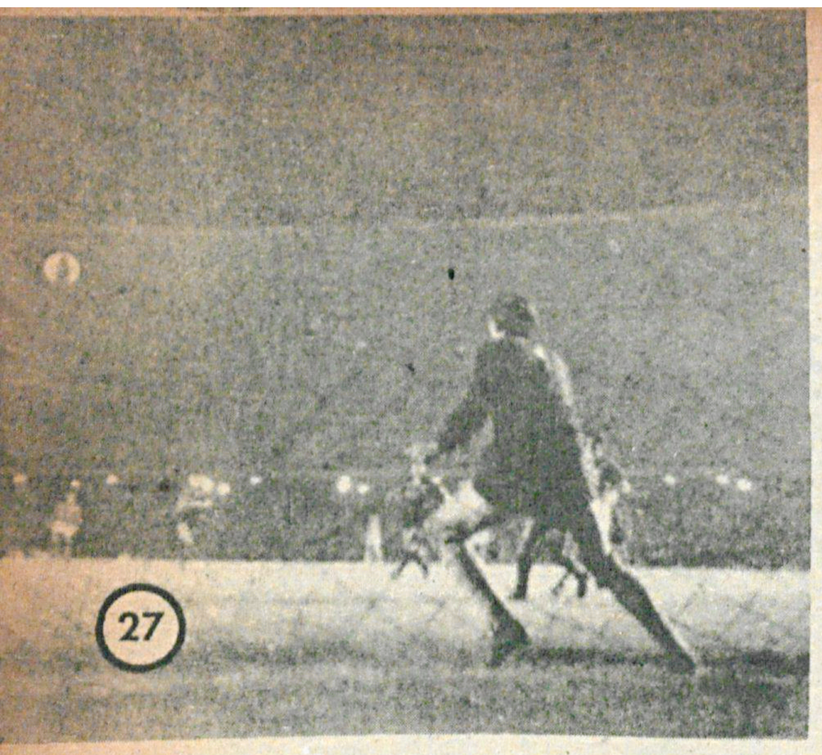
25

26

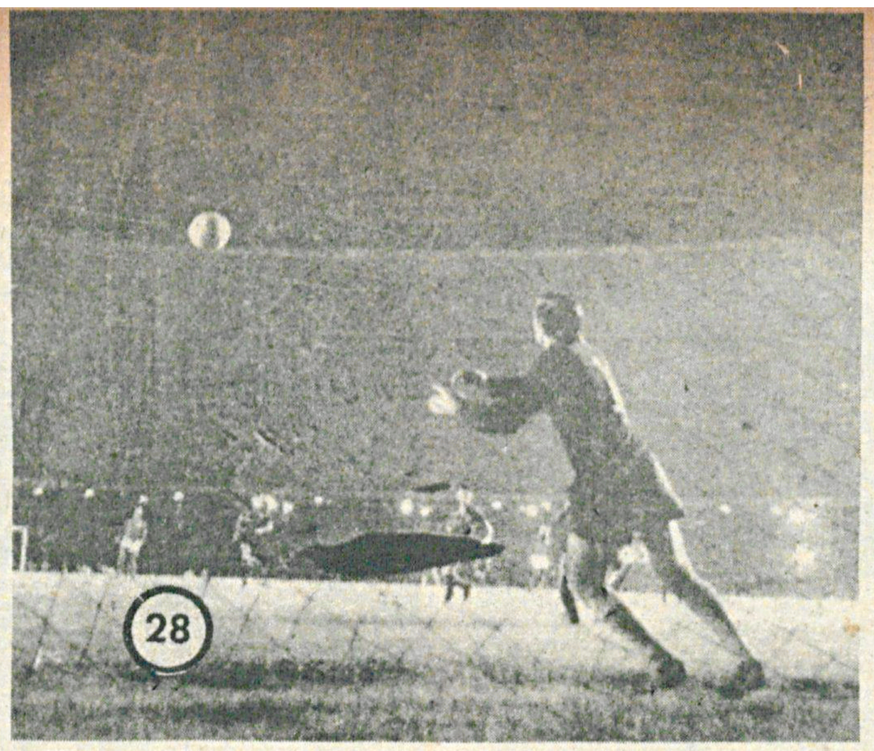
DOIS PARA O TRI

"Não se poderia afirmar que o jôgo estava decidido, só pelo fato de o Flamengo ter feito o primeiro gol. O América é perigoso, tem muito sangue e não se entrega. Tanto que, logo depois, Ferreira escapa, ultrapassando Tomires e obriga Chamorro a mandar a corner, com dificuldade. Mas, Zagalo também teve uma boa chance, num lançamento feito a Evaristo, que centrou pelo alto; Zagalo recolheu e, quando podia chutar, foi prensado. E mais ou menos dentro desta característica foi o jôgo caminhando para o final do primeiro tempo. Oportunidades desperdiçadas de lado a lado. Quando surgiu a chance do Flamengo ampliar. E num momento em que o América procurava ganhar fôrças para a segunda fase. Foi aos 42 minutos, segundo afirmam. Joel recebe falta de Hélio. Cobra Tomires, passando a Evaristo, que lança imediatamente pelo alto. Pompéia salta, mas não segura, sobrando para a minha cabeçada, que acabou ganhando as redes. Era o segundo gol e eu não pude deixar de vibrar, porque já nos colocava mais próximo do triunfo. A torcida, então, nem se fala. A gente olhava assim, em volta do Estádio, e era um tal de acenar bandeirolas, gritar, pular, que não acabava mais. Lá no campo quase me matam sufocado de tantos abraços e até mesmo beijos. Mas, era preciso não descuidar, e continuamos".

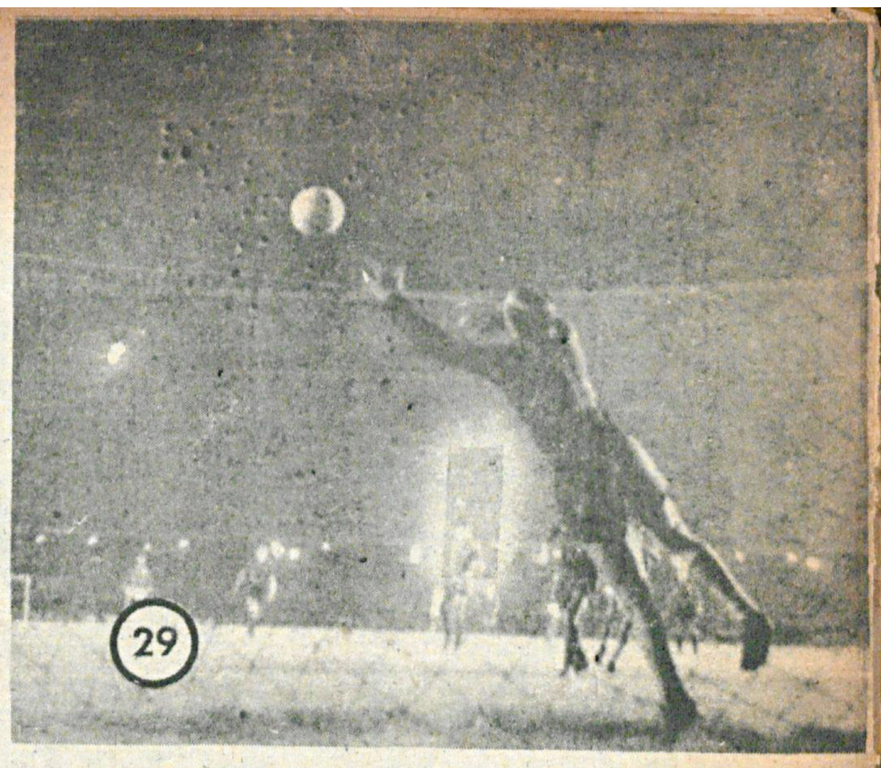
14 de Abril de 1956



27



28



29

Confiança definitiva na vitória, só após o terceiro gol. O que mais impressionou foi o América, com dez homens, iniciar o segundo tempo avassaladoramente. Com Romeiro marcando um tento logo aos seis minutos. E êles pressionando, pressionando. Confesso que ali chegamos a duvidar um segundo do sucesso. Pelo menos já perigava. O gol de Romeiro — prossegue Dida — mostrou que o América não iria se entregar.

Segundo Tempo: Parte

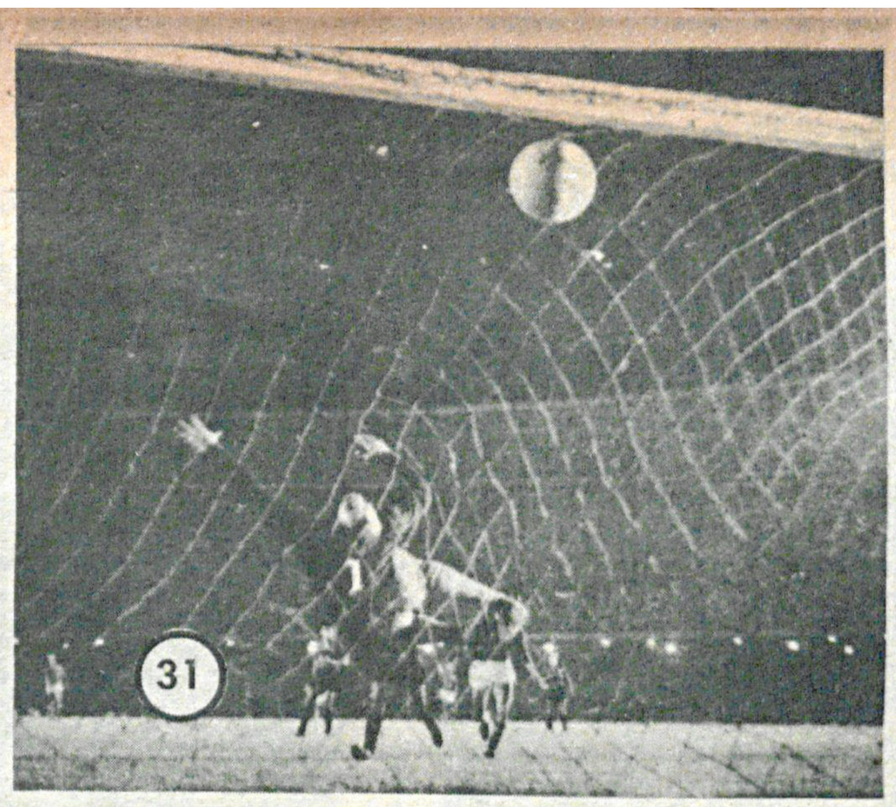
33

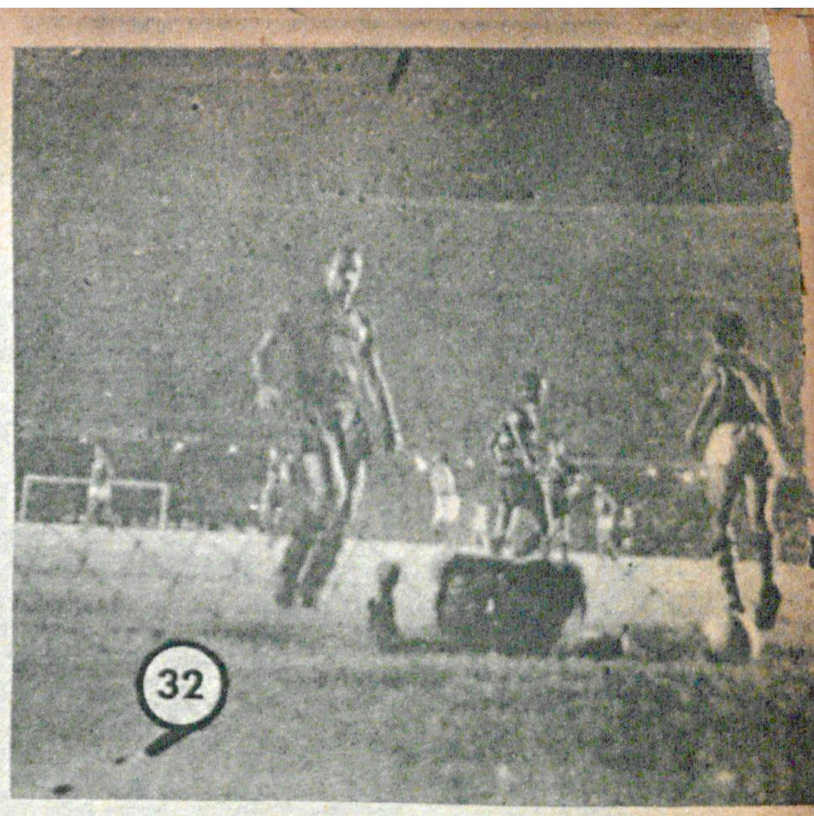
Não digo que tenha sido uma bola feia. Mas o Chamorro se lamentou da sorte. Disse que a bola o enganou. Durante alguns minutos, ficou inconformado na meta.

34

Não me esqueço — isso não — daquele lance com Osvaldinho no centro do campo. Não irei afirmar — diz o artilheiro — que êle entrou "pra matar", que eu estava de costas. Mas depois o Duca me disse: — "Se pega quebra você todinho". Não comento. Só sei uma coisa, quando o "seu" Mário me levantou e carregou nos braços para fora do campo, não enxergava, nada, tão grande era a dor que sentia. Pensei — juro — que não voltaria.

30


31


32

o FLAMENGO Para a GOLEADA

35

Se alguma vez em minha vida marquei um gol que me emocionasse demais, foi o terceiro da "negra". Escapamos, eu e o Evaristo. O Duca mais atrás. Vi quando Evaristo atrasou para o gol. Girei e chutei, à meia altura no canto oposto — para mim, no bico esquerdo da grande área. Estava de costas e Duca penetrou com a bola. Apertado por Osvaldinho, passou à esquerda de Pompéia. Sabe lá o que é isso? O time apertado num 2 a 1, o adversário com dez e beirando o empate?

"FLASHES DA NEGRA"

Agredido por Ivan (um sôco na cara e mais três chutes na dita) não foi fotógrafo ou um radialista como pensaram e disseram. Foi um torcedor do Flamengo (um dos oito que estavam daquele lado com o irmão de Fadel Fadel). O Flamengo fêz o quarto gol. O moço entrou em campo e abraçou Evaristo. Depois virou-se para Ivan, passou a mão no queixo e exclamou: — "É barbada!! O América é time de...". Ivan mandou o braço. Depois o pé. No Maracanã os gols (atrás) têm sido o prolongamento das arquibancadas. No fim acusam fotógrafos ● Cada jogador do Flamengo que participou de todos os jogos do tri (êste ano) ganhará 100 mil cruzeiros de prêmio. Os demais receberão em função dessa quantia ● Alarcon fraturou mesmo o maléolo. Conclusão, no mínimo três meses afastado, sem participar das excursões anunciada ● Após o jôgo, no vestiário, Zé Alves de Moraes "quase teve uma coisa". O presidente, emocionadíssimo, ficou com falta de ar, "Jaime me abana aqui" — e o Jaime abanando —e deixou seus companheiros de clube um tanto apreensivos ● O cancioneiro da "negra" cantou assim: "Dida pegou na bola, desapareceu. Pompéia deu um mergulho, a torcida estremeceu". E depois: — "Zum, zum, zum, zum, zum, zúm, zum, zum, zum. já está três a um ● No dia seguinte ao do jôgo, organizou-se uma romaria ao túmulo de Gilberto Cardoso. Discurso, choro, emoção intensa, foram matizes do acontecimento. Mas, no próprio dia do jôgo, a "torcida" já tinha ido at lá. E levou uma faixa que estendeu sôbre o túmulo: "Flamengo Tri-Campeão".

Não creio que o América tenha merecido perder de goleada. Jogou muito, mas muito mesmo. Mas nossa "torcida" precisava de um tento final, em cima da hora, o ponto de partida para o carnaval. Pavão chutou lá do meio do campo. A bola encobriu Pompéia e bateu na trave. Vi quando sobrou e corri, arrematando para o fundo das rêdes. Era o 4 a 1. O tri-campeonato, conquistado com fêcho de ouro.

Aí nós descansamos. Olhei lá no marcador: Flamengo 4 a 1. Sabe? Quase chorei ali mesmo, antes do "seu" Mário acabar o jôgo. Nunca, antes, senti emoção mais forte em minha vida. Ser tri-campeão e marcar os quatro gols do jôgo decisivo é demais para qualquer um

Sim, houve um acontecimento antes do final, logo após o último gol. Ivan bateu num torcedor que estava atrás do gol. Não vi direito. Mas o Tomires falou que o rapazola estava gozando o "inimigo". Só sei uma coisa: o Ivan deve ter tido motivos muito fortes para dar socos e pontapés. Não discuto isso. Afinal, nada tenho a ver com o caso, como não têm nem tiveram nossos companheiros. Apesar dos pesares, o jôgo acabou em abraços dos jogadores. E depois demos a volta olímpica.

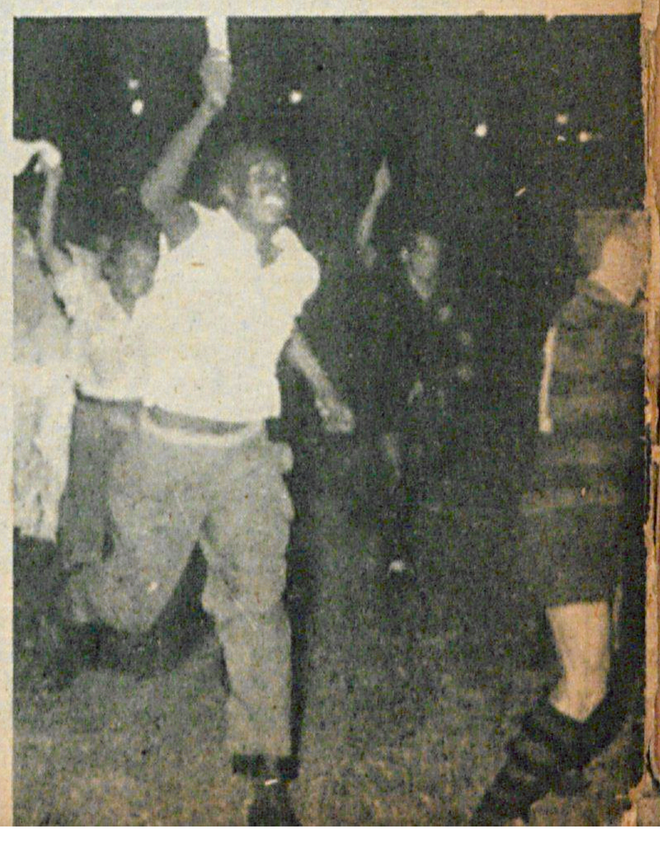
FIM

CARNAVAL DA VITÓRIA

ZUM... ZUM...

O MOVIMENTO TÉCNICO

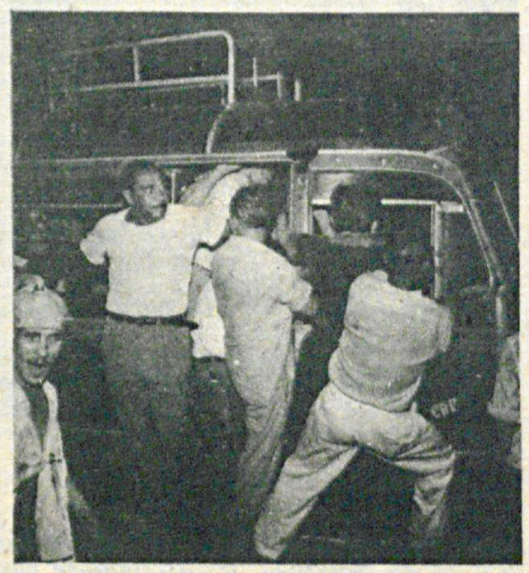
C. R. FLAMENGO: Ataques, 35 — Defesas, 10 — Faltas, 17 — Escanteios, 9 — Toqués, 1 — Impedimentos, 4 — Bolas na trave, 2 — Gols, 4.
AMÉRICA F. C.: Ataques, 34 — Defesas, 16 — Escanteios, 8 — Impedimentos, 4 — Gols, 1.
1.º tempo — Flamengo 2 x 0.
Final — Flamengo 4 x 1.
Juiz: Mário Viana (regular atuação. Não acompanhou os lances de perto).
Auxiliares: osé Monteiro e Frederico Lopes (regulares).
Arrecadação: CrS 2.492.334,40 (recorde em campeonatos cariocas).
Preliminar — Infanto-juvenis: Flamengo, 3 x Olaria, 0.



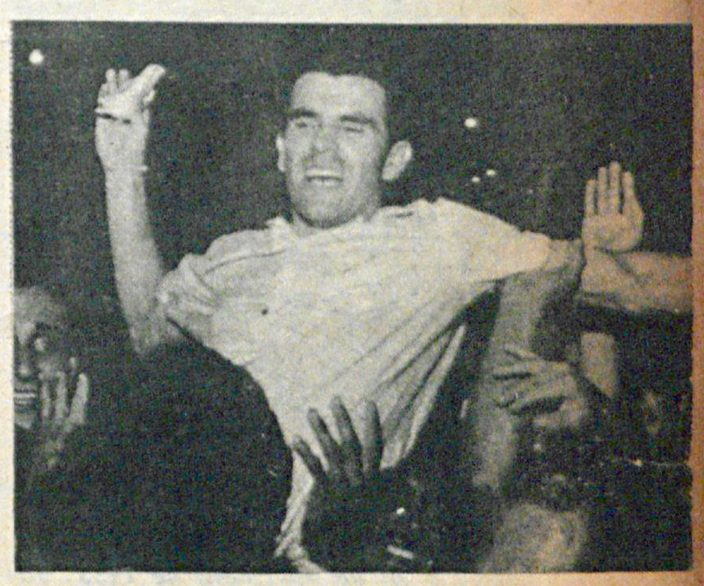
ZUM... ESTÁ FALTANDO UM

A LÁGRIMA DA "NEGRA". O presidente José Alves de Morais, emocionadíssimo com o tri, chorou ali mesmo, na bôca do tunel. Fadel Fadel fêz côro.

O FEITICEIRO SOLICH, que trabalha com a cabeça, que não dá a menor pelota ao azar, entrou de "chave" para cima do América. E acertou em cheio. 4 a 1...



NOITE FELIZ. A torcida rubro-negra esperou a saida dos jogadores, cercou a caminhonete, quase fêz a passeata carregando o carro como um trono.



A CIDADE NÃO DORMIU MAIS. Os craques do Flamengo foram para a caminhonete nos braços da torcida. E a torcida logo identificou o Evaristo e Dida.

NOITE DE CARNAVAL

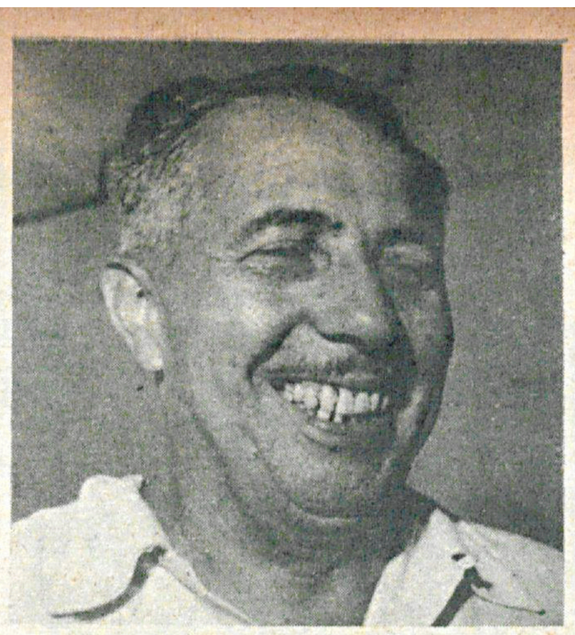
Noite de carnaval embora fôsse quatro de abril. A torcida lembrou Gilberto: zum, zum, está faltando um!...

A FANTASIA DE BABÁ. Êsse rubro-negro punha a mão no fogo pela vitória do Flamengo. E fêz sucesso, pelo traje e confiança na conquista do tri-campeonato.

Foi Mário Viana levantar os braços — ponto final — e foi dar a louca no Maracanã. A torcida lá em cima, os craques do Flamengo cá em baixo. Um alivio!...

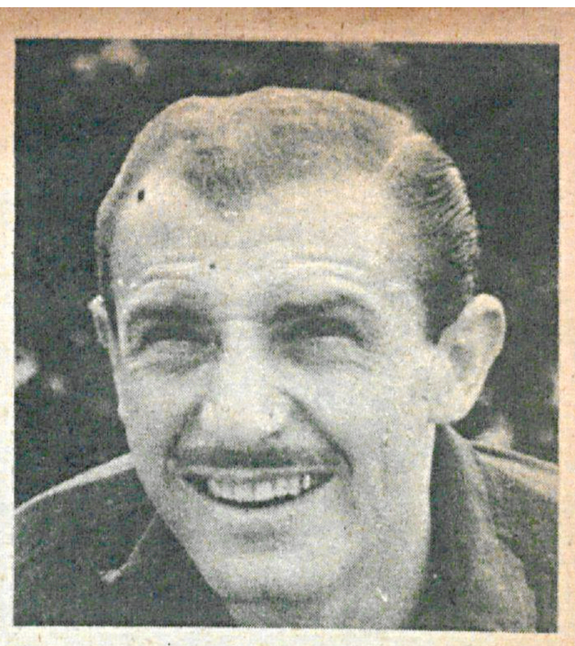
RAIO X DOS TRI-CAMPEÕES

TEXTO DE ARNALDO NISKIER



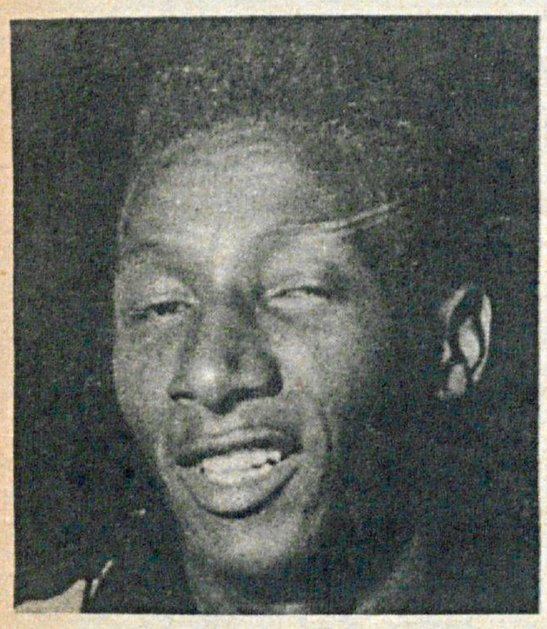
SOLICH (técnico)

Fleitas Solich — Até 1927, jogou e dirigiu o Nacional de Assunção, clube a que pertenceu durante 10 anos. Depois, na Argentina, como centro-médio, chegou a vestir a camisa da seleção, nos amistosos. Foi campeão sul-americano em 53, dirigindo o "scratch" guarani, ocasião em que recebeu o convite para orientar o Flamengo. De lá para cá, deu os três títulos ao "mais querido" que constituem o tricampeonato: 53-54-55. Grande estrêla!



CHAMORRO (goleiro)

Euzébio Chamorro — Argentino, nascido em Rosário, província de Santa Fé, a 22 de novembro de 1925. Sempre jogou no gol, arriscando em várias ocasiões a vida: foi internado três vêzes com princípio de comoção cerebral, o que comprova o seu arrôjo. Veio para o Flamengo ganhando 15 mil cruzeiros mensais e com a contusão de Garcia e Aníbal, foi o elemento indicado para ocupar o gol do Flamengo. Estêve à altura.

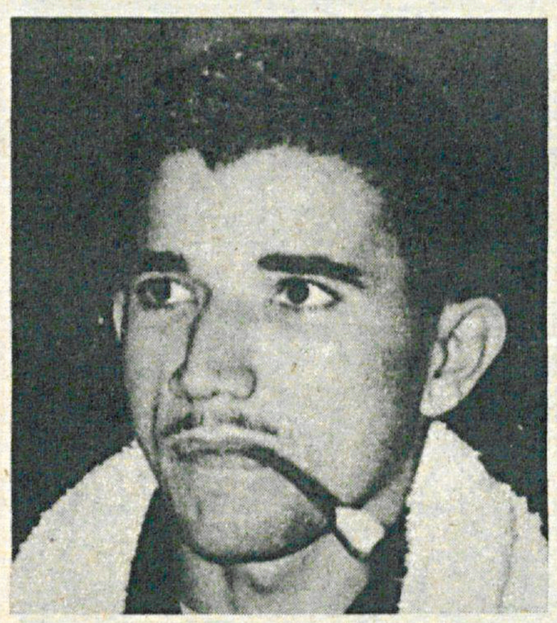


JORDAN (médio direito)

Jordan da Costa — Carioca da gema, nasceu a 24 de novembro de 1933. Jogou alguns anos pelo São Cristóvão, a partir dos juvenis. O seu passe foi cedido ao Flamengo, por 300 mil cruzeiros, em 51. Apesar de se dar melhor rebatendo de direita, é um sinônimo de firmeza, na asa média esquerda. Jordan é figura de proa do sistema defensivo gaveano, principalmente na tarefa de destruição dos ataques contrários. Colaborou muito.

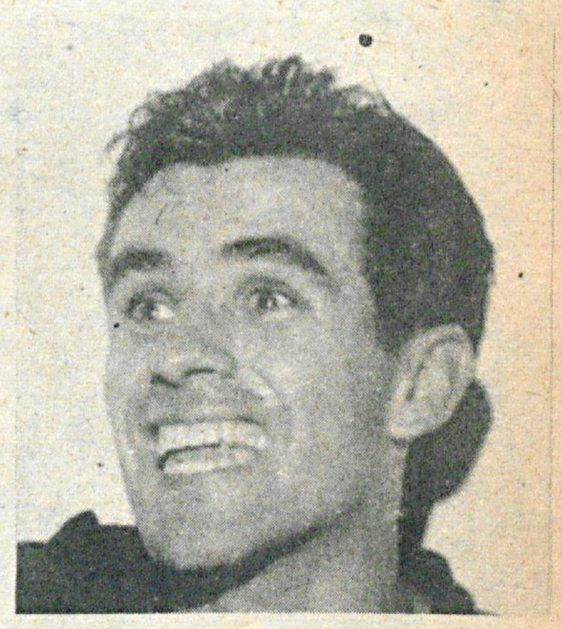
JOEL (ponteiro direito)

Joel Antônio Martins — Começou nos juvenis do Botafogo, transferindo-se para o Flamengo em 1952. E' natural do Distrito Federal, tendo nascido a 23 de novembro de 1931. Muita razão teve o Flamengo, quando quebrou lanças para a sua contratação, num caso que apaixonou a opinião pública. E' um dos principais valores da linha avançada rubro-negra, possuidor de um tiro forte e de uma cabeçada respeitável. Titular absoluto.



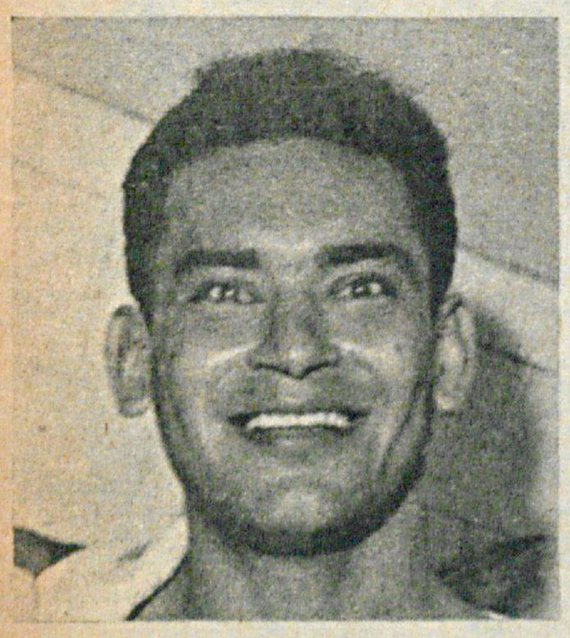
DUCA (meia direita)

Adrualdo Barbosa da Silva — E' pernambucano, de Recife, tendo nascido a 4 de maio de 1934. Veio em 1953 para o Flamengo, a fim de integrar a sua equipe de juvenis. Jogando pelos aspirantes, sempre chamou a atenção o seu estilo calmo e eficiente de atuar, tanto que mereceu a confiança de Solich, quando êste foi obrigado a lançá-lo no esquadrão principal, por ocasião do terceiro turno. E Duca, na manobra, brilhou.



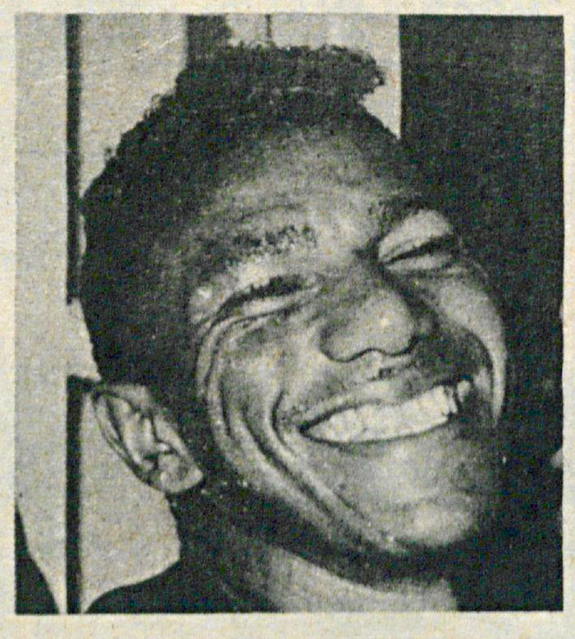
EVARISTO (centro-avante e meia)

Evaristo de Macedo Filho — Veio ao mundo em 22 de junho de 1933, aqui mesmo, no Distrito Federal. Começou pelos juvenis do Madureira, no tricolor suburbano subindo ao primeiro time e dali sendo contratado pelo Flamengo, em 1953. Jogador essencialmente "artilheiro", chega a decidir partidas, como aconteceu na primeira da "melhor de três". Apesar de jovem, mereceu o chamado de Flávio Costa, para o selecionado.



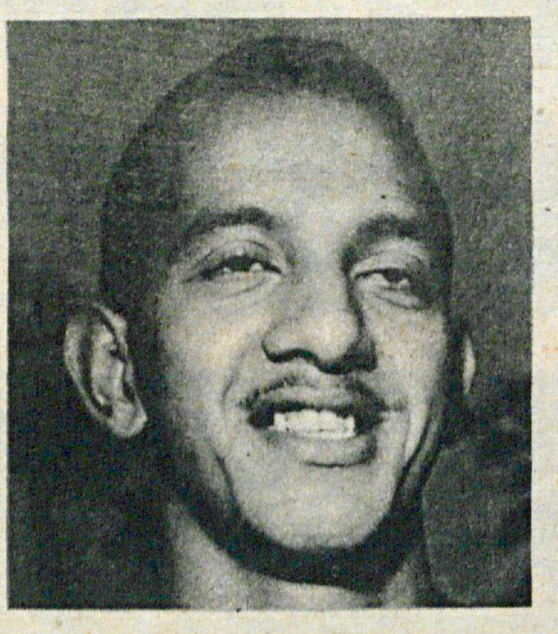
GARCIA (goleiro)

Sinforiano Garcia — Nasceu a 22 de agôsto de 1924, na cidade paraguaia de Puerto Pinasco. Teve seu período áureo, no futebol paraguaio, de 46 a 49. Mas, estava encostado quando Solich o convidou para o "scratch" que veio ao Brasil em 49, pelo sul-americano. Despertando a atenção do Flamengo, por suas soberbas atuações, foi contratado por cruzeiros 250.000,00. Contundido, não participou dos últimos jogos, mas foi uma figura.



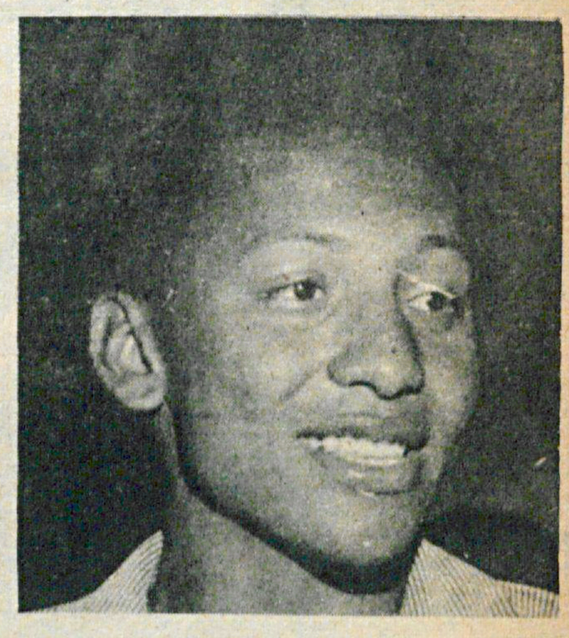
JADIR (médio direito)

Jadir Egídio de Sousa — Está hoje com 25 anos, pois nasceu em São Paulo, a 19 de abril de 1930. Quando começou a despontar, em 52, foi contratado pelo Flamengo. Jogador abnegado, que corre os noventa minutos, num treino fraturou a perna, passando longo tempo inativo, precisamente quando "pintava" para a seleção. Inteiramente recuperado, hoje é elemento dos mais úteis ao "plantel" de Fleitas Solich, como médio de apoio.



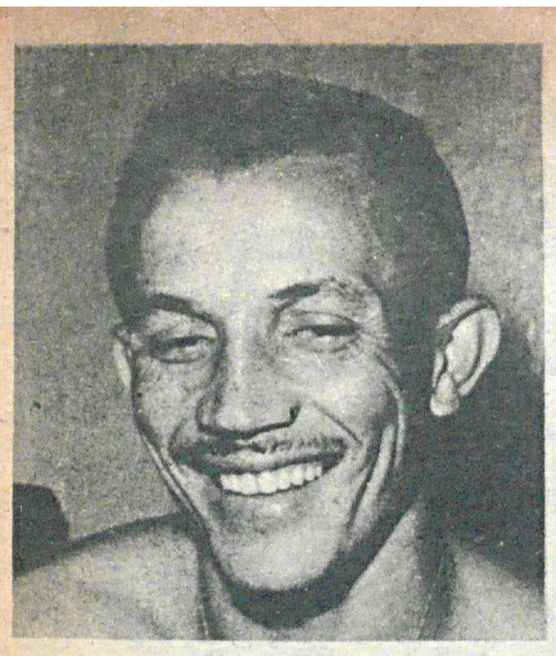
PAULINHO (ponta e meia)

Paulo Almeida — Fluminense, sendo natural de Campos, nasceu a 15 de setembro de 1933. Veio de sua cidade natal para os juvenis do Flamengo, sendo promovido aos aspirantes e depois ao quadro principal, quando Joel se contundiu. Por suas soberbas atuações, acabou garantindo um lugar no time de cima, jogando em tôdas as posições do ataque. Por isso, foi convocado para a seleção brasileira. É um valor novo e de classe.



ÍNDIO (centro-avante)

Aluísio Francisco da Luz — Paraibano, natural de Cabedelo, nasceu a 1.º de março de 1931. Jogava por um clube de baixo e depois pelo Bangu. Mas, "olhado" por Kanela, veio ter ao Flamengo, onde brilhou, desde os tempos de juvenil. Galgou a equipe principal, por próprios méritos, cumprindo "performances" que o levaram à seleção nacional. Contundido, estêve afastado do esquadrão da Gávea, mas foi figura saliente do tri.

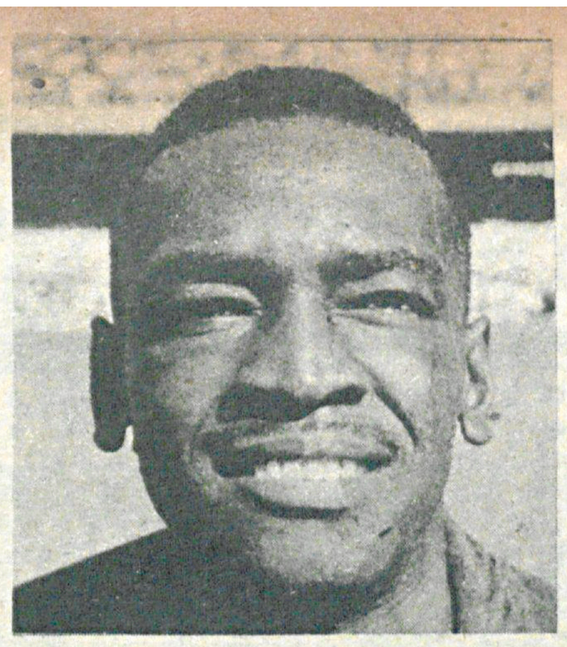


TOMIRES (zagueiro direito)

Tomires de Sousa Galvão — Natural de Maceió, nas Alagoas, veio ao mundo a 8 de fevereiro de 1928. Tem como principal característica a virilidade nas intervenções, constituindo-se num dos mais duros marcadores de ponta do futebol carioca. Está no Flamengo desde setembro de 1953 e hoje forma, com Pavão, uma zaga de respeito. E' figura indispensável à segurança da defesa rubro-negra, sendo chamado o "Cangaceiro da bola".

PAVÃO (zagueiro central)

Marcos Cortez — Paulista, de Santos, nasceu a 4 de janeiro de 1929. Na Portuguêsa Santista galgou tôdas as categorias : juvenil, aspirante e profissional. Em 51, foi cedido ao Flamengo, por 350 mil cruzeiros. E' de uma eficiência à tôda prova, emprestando a sua colaboração, inclusive, à seleção nacional, onde, pela identidade com Flávio Costa, figura com brilho. Joga com muita personalidade e é um dos nomes destacados do Flamengo.

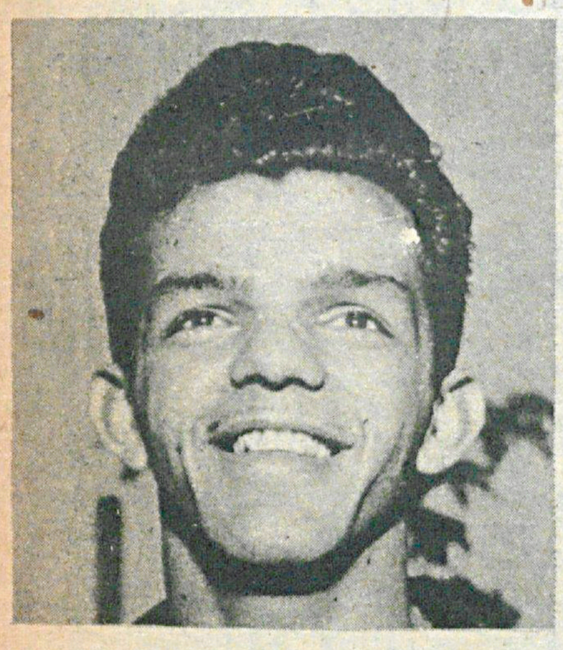


SERVÍLIO (médio direito)

José Lucas — Irmão do famoso Brandãozinho, da Portuguêsa de Desportos, veio ao mundo a 25 de setembro de 1929, na cidade paulista de Vargem Grande. Iniciou seus passos no Mogiana, depois se transferindo para o XV de Novembro, de Jaú e dali para o Flamengo, em 53. Era, primitivamente, meia direita. Contudo, dada a sua elevada altura, agora brilha na defesa, como demonstrou na "negra", quando anulou a Leônidas.

DEQUINHA (centro-médio)

José Mendonça dos Santos — Dequinha nasceu em Mossoró, no Rio Grande do Norte, a 19 de março de 1929. Jogou, sucessivamente, pelo Atlético de Mossoró, Potiguar, ABC de Natal e América de Recife, até ser contratado pelo Flamengo, em junho de 1950. E', talvez, a figura de maior projeção da defesa rubro-negra. Jogador fino, de movimentos fáceis, excelente contrôle de bola, o seu caminho só podia ser o "scratch".

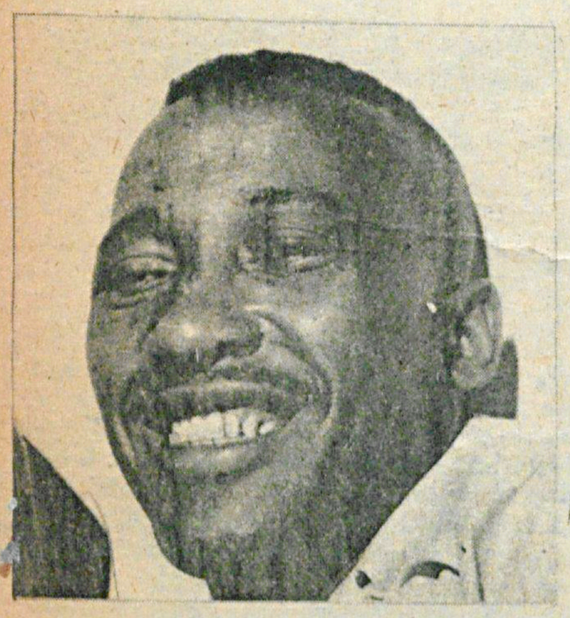


DIDA (meia esquerda)

Edvaldo Alves — E' natural de Alagoas, tendo nascido em Maceió, a 16 de março de 1934. Destacou-se no time de aspirantes do Flamengo, onde ingressou em março de 1954. E' o tipo do jogador-chave, já tendo sido utilizado por Solich como arma secreta, o que aconteceu na partida decisiva do campeonato de 55, quando foi lançado, de surprêsa, e acabou sendo o herói da "negra", conquistando três dos quatro gols do Flamengo.

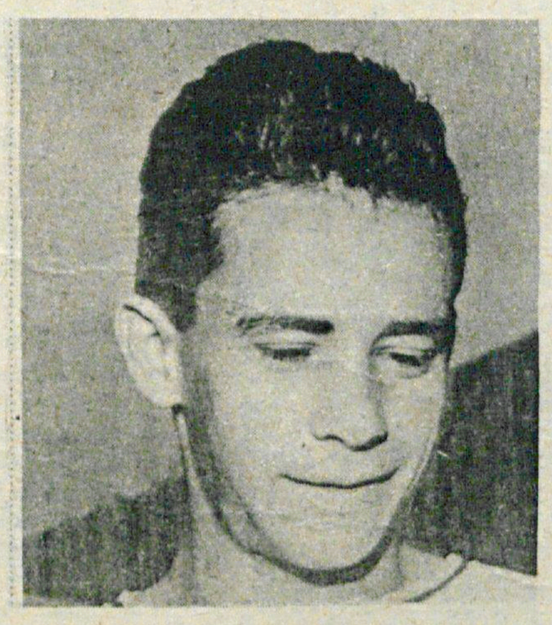
ZAGALO (ponteiro esquerdo)

Mário Jorge Lôbo Zagalo — Outro alagoano do Flamengo, pois que veio ao mundo em Maceió, a 9 de agôsto de 1931. Começou no América, onde, aliás, foi "cobra" no tênis de mesa. Jogou pelos juvenis de Campos Sales e em 50 foi para o Flamengo, onde subiu, gradativamente, até entrar no time de cima, ocupando o pôsto que, por muito tempo, pertenceu a Esquerdinha. Jogador malicioso e inteligente, está bem na ponta.



RUBENS (meia direita)

Rubens Josué da Costa — Já com 14 anos, atuando pelo Barreiras, destacava-se dos demais. Nasceu em São Paulo, a 24 de novembro de 1928. Iniciou-se no profissionalismo no Ipiranga, depois se passando para a Portuguêsa e dali para o Flamengo (em 51), por 600.000 cruzeiros. Era o maior jogador do ataque rubro-negro, o "doutor" da equipe. Depois, contundido, teve que abandonar o seu pôsto. Mesmo assim, colaborou.



BABA' (ponteiro esquerdo)

Mário Braga Gadelha — Natural do Ceará, nasceu a 24 de abril de 1934. Jogador pequenino (1,54 m), desde 1954 que vem entusiasmando a torcida do "mais querido", com suas avançadas espetaculares e o seu espírito de luta verdadeiramente incomum. Chamado a integrar o time principal, em algumas ocasiões, desincumbiu-se a contento da missão, revelando-se um elemento útil. Dá autênticos "shows" quando atua no time.

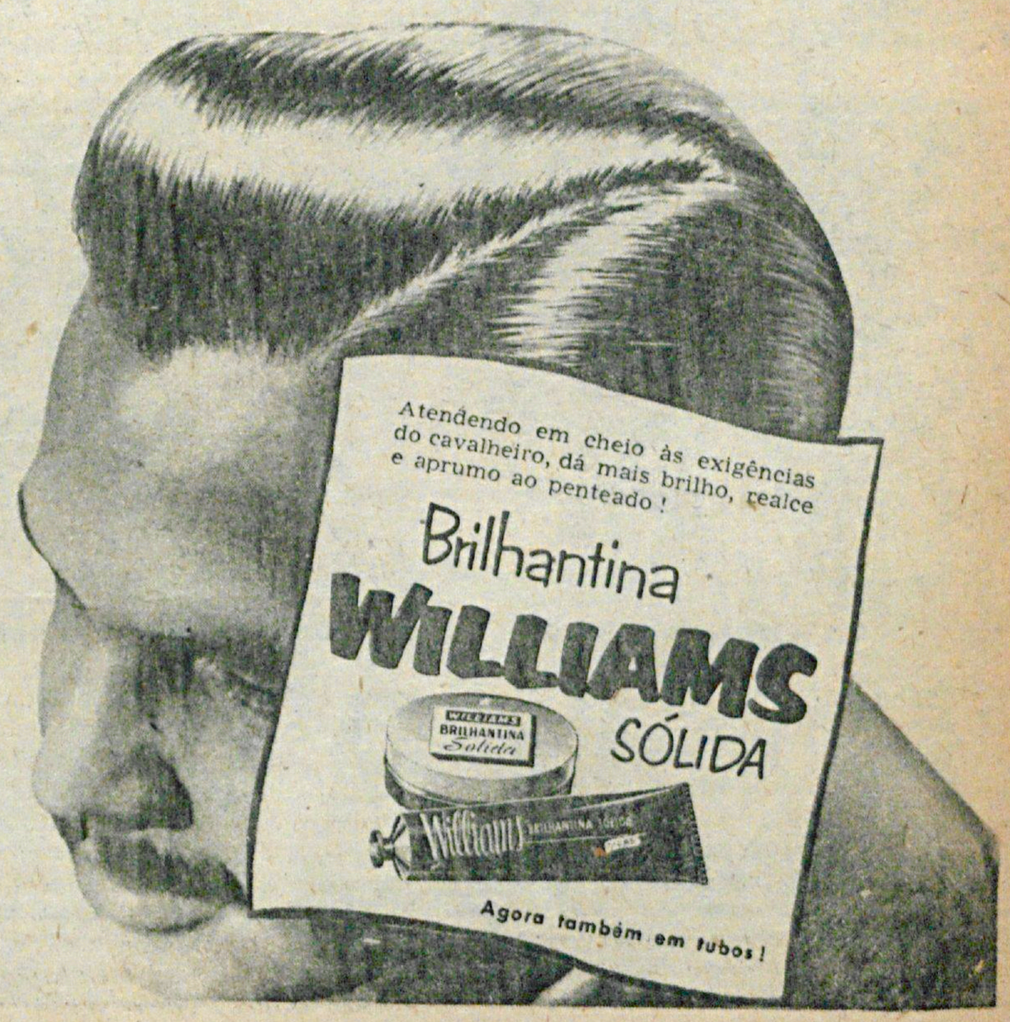
MENÇÃO HONROSA

Não poderíamos encerrar esta reportagem sem a menção honrosa àqueles que, em menor escala, colaboraram para o desfêcho do certame carioca de 55, a favor do C. R. do Flamengo : Leone, Jorge David, Luiz Roberto, Milton, Valter, Henrique, Anibal, Ari, Osni, Jouber e Milton Pessanha, também são nomes dignos, dentre os jogadores que compõem o "plantel" rubro-negro, da admiração de tôda a maravilhosa torcida do "mais querido", que colaborou bastante.

A SELEÇÃO DA "MELHOR DE TRES"

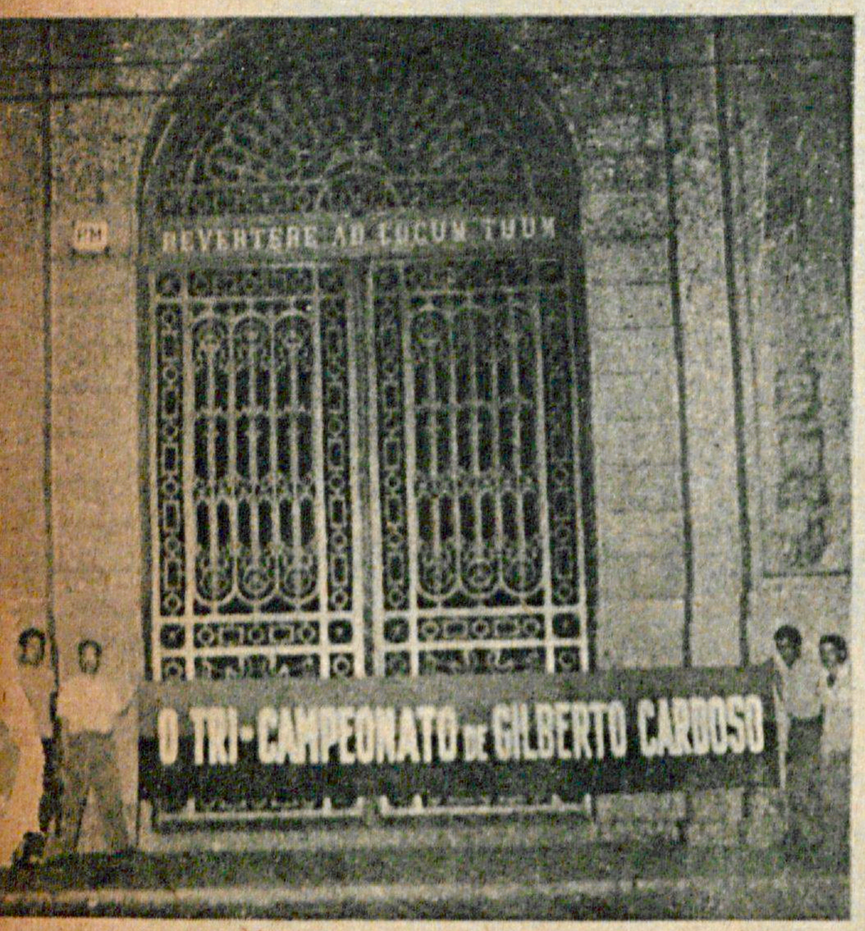
Observando-se as atuações dos craques que se empenharam na sensacional decisão do Campeonato Carioca de 1955, poderíamos eleger a seguinte selecão : — **POMPÉIA — TOMIRES — EDSON — IVAN — DEQUINHA — JORDAN — JOEL — ALARCON — LEÔNIDAS — DIDA — ZAGALO**

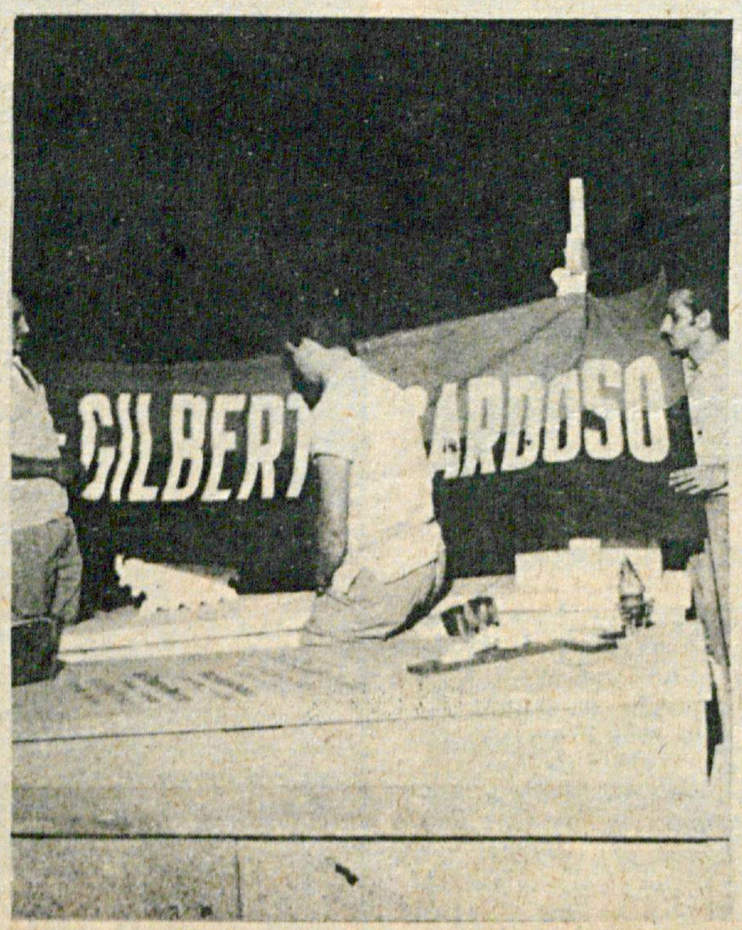
Tornou-se um Sucesso Masculino porque É WILLIAMS



DO MARACANÃ PARA S. JOÃO BATISTA

Á MEIA-NOITE, A TORCIDA VIOLOU O CEMITÉRIO PARA BEIJAR UM TÚMULO





A apaixonada torcida rubro-negra não esqueceu o presidente morto, não esqueceu aquêle que se entregava de corpo e alma ao Flamengo. E depois da "negra" histórica, depois daqueles 4x1 que lavou sua alma, a torcida rubro-negra foi ao São João Batista. Assim, à meia-noite, o cemitério foi violado. A torcida queria colocar, simbòlicamente, a faixa do tri-campeonato no maior presidente de clube de todos os tempos. Mas o vigia do cemitério que não estava sabendo de nada, apareceu de revólver em punho. Entretanto, ao conhecer as razões daquela violação ao cemitério, consentiu que o túmulo de Gilberto Cardoso fôsse coberto pela faixa do tri-campeonato e compreendeu as outras manifestações da torcida, pela madrugada adentro. Pela primeira vez, na história do futebol, a torcida invade um cemitério, após um jôgo, alta noite, para prestar homenagem a um desportista, e Gilberto Cardoso merecia essa homenagem, êle que criou, em vida, a atmosfera ideal para a conquista do tri-campeonato. E é, Gilberto Cardoso, para o Flamengo, uma figura imortal. As estrêlas, na madrugada de cinco de abril alegremente, faziam a festa, no céu, para Gilberto, o único tri-campeão ausente.

O ÚLTIMO BALLET DE CRISCA: "OH"!

CRISCA e seu grupo passaram a só se apresentar em festas de caridade ou inauguração. E treinam em qualquer piscina, por puro amadorismo e vontade de criar o belo. Agora mesmo a Primeira Dama, D. Sarah Kubitschek pediu a Crisca que preparasse um programa para uma festa. E ela está caprichando em cada número, em cada menina, para que o espetáculo seja um sucesso sem precedentes. Crisca diz que todos os seus números são bonitos e são mesmo, mas há sempre um preferido, ainda que às vêzes sejam introduzidas modificações. Chama-se "Oh !" e é muito interessante pois as meninas levam prêsa ao maillot uma bateria luminosa, que se acende de vez em quando, produzindo efeito de estrêlas brilhando aqui e ali, ou de pirilampos deslizando na piscina escura. Desde 1947 Crisca tem o seu ballet e ainda hoje algumas das moças são as mesmas. Elas casam, largam e depois voltam ao grupo amigo, ao ballet. Assim foi com Mina e com Luciana Alencastro. Cada bailarina de Crisca é antes de tudo uma amiga que nunca se esquece dela e tem prazer em voltar ao que as uniu um dia: o ballet aquático, esporte e arte reunidos.

POR MEG

FOTOS DE JADER E JANKIEL

MANCHETE
Esportiva

FLAMENGO TRI-CAMPEÃO 53-54-55

TEXTO DE JOSÉ CARLOS STABEL

EKTACHROME DE WILSON SANTOS

Maurinho, o Pescador

O homem é "espêto" em matéria de pescarias. Faça o leitor um cálculo aproximado: enquanto na sossegada concentração do São Paulo cada qual inventa uma maneira para matar o tempo. Maurinho, de caniço e samburá, vai para a beira do Tietê e passa horas seguidas sòzinho — como convém a todo pescador que se preza — a matutar e a esperar que algum peixe morda a isca. Diz êle — e nisso é que vai o extraordinário do caso — que já conseguiu várias vêzes tirar peixes das águas turvas do legendário rio. "Lorota boa" — dirão alguns, como dissemos nós. "Lorota coisa nenhuma" — replicará Maurinho, já com um ar meio enfezado de vaidade ferida.

Não importa. Verdade ou não, o certo é que êle é maluco por pescarias. Nada de cinema, nada de bailes, nada de coisa nenhuma. Diversão para êle, só mesmo de caniço em punho, na beira de um rio, mesmo que êsse rio se chame Tietê e que nas suas águas só um ou outro animal consiga sobreviver.

Para o futebol, Maurinho começou nas peladas de meio de rua na pacata Araraquara. Era o "dono" de um time. Depois foi para o juvenil do Paulista e, de lá, passados dois anos, foi contratado pelo Guarani, onde se projetou a ponto de Feola ir buscá-lo para o plantel do São Paulo. Não tinha ainda vestido camisa de seleção regional quando foi convocado para o "scratch" de Zezé que perdeu na Suíça. Não se amofina, entretanto, ao lembrar o fiasco do Mundial. Seu consolo resume-se numa frase que nos repetiu: "Pior foi em 50, que êles perderam aqui mesmo no Brasil..." Outras ocasiões em que vestiu a camisa da CBD: Sul-Americano de Montevidéu e jogos com paraguaios e chilenos. Pela Federação Paulista só jogou uma vez: no Uruguai.

Casado, pai de um filho (Mauro Rafael Junior), vê, nas horas em que pode brincar com o garoto, momentos de felicidade indescritível, que êle, católico fervoroso, agradece a Deus. Sua vida poderia bem se resumir neste triângulo: Família, futebol e pescarias.

De cinema e teatro, dissemos, não gosta. Uma vez ou outra consegue reunir paciência para ficar à frente de um aparelho de televisão assistindo a um ou outro programa. Dos países que visitou, impressionou-se muitíssimo com o asseio, a delicadeza e a educação dos suíços. Não tem nenhum jôgo de que se lembre com particular atenção. "Todos os jogos — diz — são bons quando a gente ganha".

Ia (mas não foi) para a Europa com o "scratch", disposto a fazer das tripas o coração (como sempre). Do São Paulo F. C. guarda uma mágoa que não esconde mesmo aos diretores mais sisudos:

— "Foram construir o Estádio justo onde não tem um riozinho pra gente pescar..."

ESCREVE
Nelson Rodrigues

A Divina Goleada

Para muitos, a batalha América x Flamengo foi um absurdo monstruoso. De fato, como explicar que perdesse de quatro um time que, dias antes, venceu de 5 ? Foi o que aconteceu com o América, foi o que aconteceu com o Flamengo. E, no entanto, o mistério é muito mais aparente do que real. Se examinarmos bem a segunda e a terceira da melhor de três, veremos o seguinte: — há um nítido, um taxativo parentesco entre uma goleada e outra. Os 5 a 1 explicam os 4 a 1 e vice-versa. Com uma ingenuidade suicida, arranjamos uma data falsa para o tri-campeonato. Segundo o rádio, a imprensa e a televisão, o Flamengo tornou-se tri-campeão na quarta-feira e só na quarta-feira. Ninguém quer ver que, quatro dias antes, o América já estava liquidado. Sim, amigos: — a partir do momento em que cravou no Flamengo, até o cabo, os 5 a 1, o clube rubro fêz o próprio e irremediável abismo. Certos escores são proibitivos, fatais. Por exemplo: — 5 a 1. É uma goleada e vamos e venhamos: — qualquer goleada promove duas vítimas: — o que perde e o que ganha. Basta folhear a história do futebol. E nós temos, à mão, um exemplo crudelíssimo, que ainda hoje, nos enfurece: — o do match Brasil x Espanha. Perdemos o campeonato do mundo porque, dias antes, goleamos os espanhóis de uma maneira quase imoral. Tivéssemos obtido uma vitória mais sóbria e menos feérica, trucidaríamos o Uruguai com um pé nas costas. Direi mais: — admite-se uma goleada num match isolado e contra um perna-de-pau. Nunca, porém, num match decisivo e contra um Flamengo. Mas acontece o seguinte: — os escores altos geram, quase sempre, uma insatisfação total. Os times que fazem muitos gols querem ampliar o placard, mais e mais. O América devia ter parado nos dois ou, no máximo, nos três a um. Quis chegar aos cinco e não sossegou enquanto não viu o Flamengo arrasado. Geralmente, não enxergamos um palmo adiante do nariz. Não fôsse esta cegueira crassa, e teríamos percebido tudo. Quero dizer: — a depressão rubro-negra, naquele domingo, era um precário disfarce dos seus brios enfurecidos. E ao sair de campo, sob o impacto de tantos gols, sangrando de humilhação, o Flamengo já devia levar o estigma, ainda imponderável, do tri-campeonato. A tragédia do América foi ter dado, ao rival, no último ou, por outra, no penúltimo momento, o incentivo final e decisivo. Deu-se o inevitável: — houve o desarmamento interior do América frente ao Flamengo. Era óbvio. Não há irritação possível e, muito menos, ódio nas relações do vencedor com o vencido. O ganhador está sempre disposto a deixar-se apunhalar pelo adversário. Eu imagino que, antes da dor, da raiva, do desespêro, o América há de ter experimentado, quarta-feira, sincero, fidedigno espanto diante daquela rajada de gols. E, no entanto, não cabia o seu assombro: — êle perdera o campeonato quatro dias antes ! O triunfo do Flamengo encerra uma luminosa e aguda lição de vida. Êle foi humilhado e sabemos que a humilhação, a grande e irresgatável humilhação, confere aos homens e aos times uma dimensão nova, uma potencialidade irresistível. O "mais querido" devia ter, à mão, sempre, um adversário que o goleasse de 5 a 1, o maior número possível de vêzes. E assim espicaçado, assim transfigurado, acabaria sendo tri-campeão todos os anos.

TRAVESSEIRO
DE MOLAS
DIVINO
com Flexibilidade Científica

TRAVESSEIRO DE MOLAS DIVINO – A garantia de um sono tranquilo. Único com flexibilidade cientificamente dosada. Não deforma, não solta poeira, não empelota, não tem cheiro.

UM PRODUTO
PROBEL

REPRESENTANTES E
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS NO
DISTRITO FEDERAL E NITERÓI
Alberto Portella & Cia. Ltda.

MATRIZ:
Praça da República, 66 Tel. 22-5249
LOJAS:
COPACABANA: Av. N. S. de Copacabana, 1334
CENTRO: Rua Sete de Setembro, 66
MEIER: Rua Arquias Cordeiro, 452

FLÁVIO COSTA NÃO GOSTOU

Acha que a equipe não produziu o que normalmente pode.

LISBOA, 8 (Da Sport Press): — "A seleção brasileira produziu o que um quadro com pouco treinamento pode produzir" — disse o técnico Flávio Costa após a partida com Portugal. "Enfrentamos uma seleção forte, relativamente boa no tocante à técnica e que conta em seu acervo com uma vitória recente sôbre a Turquia, vencedora da Hungria. O quadro brasileiro não me agradou inteiramente. Tivemos uma defesa soberba, mas um ataque mal entrosado. Por isso não conseguimos marcar novos tentos, conquanto julgue que os tenhamos merecido. Não ponho restrições a qualquer dos homens do sexteto defensivo. De Gilmar a Zózimo estivemos bem. Mas a ofensiva pecou pela pouca compreensão de seus homens, daí o uso constante das jogadas individuais e inoperantes. Espero, porém, que nos próximos embates já possamos apresentar uma linha mais armada, à altura de um aproveitamento integral das bolas vindas de trás. O corpo-a-corpo viril dos portuguêses contribuiu, igualmente, para um certo acanhamento dos nossos homens". Com respeito a De Sordi, que levou três pontos, Flávio Costa espera que possa intervir nos próximos compromissos, aguardando o parecer do dr. Gifoni.

TRÊS MIL CRUZEIROS DE "BICHO"

O "bicho" da vitória foi de três mil cruzeiros. Os jogadores tiveram folga até meia-noite, aproveitando a oportunidade para irem ao cinema e visitarem os lugares pitorescos da cidade. Neste particular Oto Glória e Iustrich serviram de cicerones.

BRASIL 1 x PORTUGAL 0

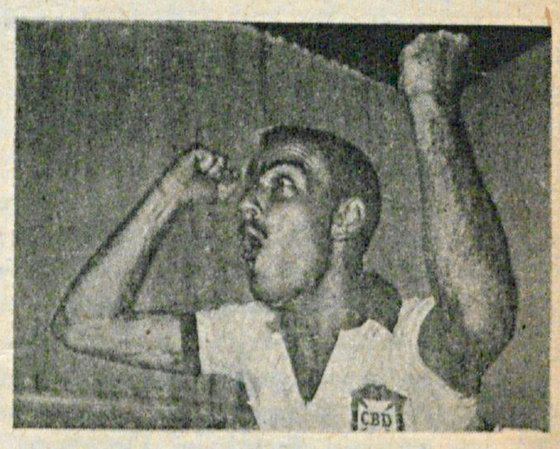
Gino conquistou o Jamor de

Levando em conta as circunstâncias de uma estréia, o resultado alcançado pelos brasileiros foi satisfatório, apesar de o ataque não ter rendido dentro do normal. Os pupilos de Tavares da Silva foram lutadores ardorosos, mas esbarraram na classe dos nacionais. Nesta radiofoto do INS, Canhoteiro disputa com um defensor contrário.

1 - Um gol que não merecia companhia no placard.

2 - Gilmar defendeu um pênalte e salvou o time.

3 - Zózimo, a barreira negra da meia cancha: Nota 10



LISBOA, 8 (De Jader Neves, Enviado Especial de MANCHETE ESPORTIVA) — Viveu o estádio do Vale do Jamor, em Lisboa, uma de suas tardes mais empolgantes, com suas dependências literalmente cheias, ante a realização, pela primeira vez na história do futebol mundial de um encontro entre as seleções do Brasil e de Portugal. O recorde absoluto de arrecadação registrado pelas bilheterias do Estádio Nacional desta cidade justifica-se inteiramente, primeiro pelo ineditismo da disputa, segundo, pela natural curiosidade que os portuguêses tinham em conhecer a fôrça máxima do futebol brasileiro, tido como dos mais poderosos no concêrto mundial.

EQUILÍBRIO ABSOLUTO

Antes do prélio os brasileiros eram tidos como favoritos. Os portuguêses, conquanto alimentassem esperanças, não as tinham, porém, fundamentadas de forma a que pudessem cobrir-se de otimismo. Com efeito, foi com apreensão e até certo temor que os portuguêses iniciaram a luta. E sòmente se alevantaram de forma a equilibrar a partida — que ela foi equilibrada, não se pode negar — quando ficou positivada uma certa fragilidade nas linhas brasileiras, decorrência, sem dúvida, de uma estréia precedida de pouco treinamento e com alguns de seus elementos, ainda por cima, possuindo pouca experiência em matches internacionais.

À margem do equilíbrio das ações, notou-se duas facetas distintas no match.

"Bicicleta"

Os brasileiros, de um lado, mais objetivos, mais calmos — embora sem o melhor padrão técnico — mais coerentes em tôdas as linhas e esquivando-se de corpo-a-corpo viril oferecido pelos portuguêses. Esses, atabalhoados, movidos mais pelo entusiasmo do que pela técnica aprimorada. A defesa brasileira cumpriu uma performance sem restrições. O ataque, porém, talvez pela violência do jôgo adversário — jôgo comum às defesas européias, diga-se de passagem — não se encontrou como era lícito de se esperar.

O GOL SOLITÁRIO

Brasil x Portugal teve apenas um gol solitário. Mas, de tão bela feitura foi o tento, de acabamento tão magistral que, conscientemente, não mereceria que outro, ou muitos mais, o viessem fazer sombra, afastá-lo como número único do marcador. Aos 11 minutos da primeira etapa o Brasil organizou uma arrancada. Didi escapou pela esquerda, e, na altura da intermediária portuguêsa foi aterrado por Ângelo. Canhoteiro bateu a falta com um tiro enviesado e rasante. Momentâneamente despoliciado, Gino, no centro da área, aplicou uma "bicicleta", mandando a pelota de forma inapelável para o fundo das rêdes de Carlos Gomes. Virgílio ainda tentou salvar, embora inùtilmente.

O PÊNALTE DEFENDIDO

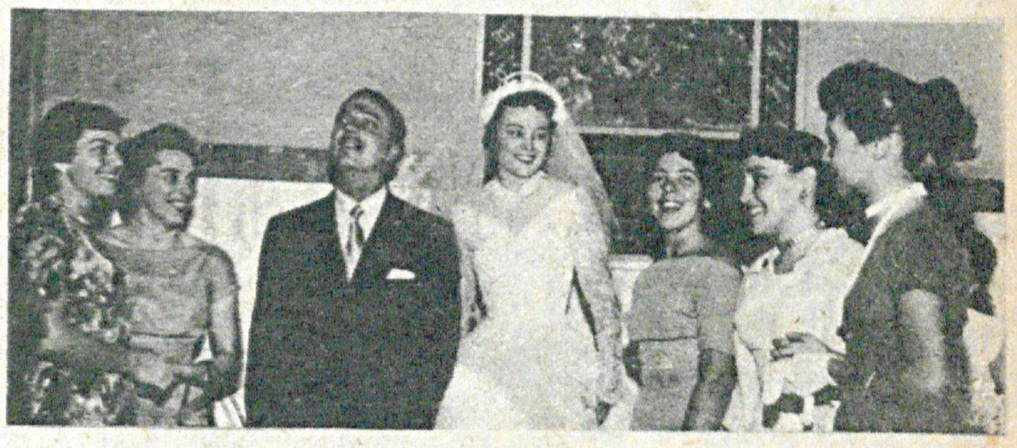
Aos 36 minutos, houve outro lance emocionante. De Sordi deslocou Matateu dentro da área, assinalando Leaf — o juiz — o pênalte. Cobrou o próprio Matateu. Mas Gilmar, estirando-se no canto direito, defendeu de maneira soberba, arrancando demorados aplausos da platéia.

OS DETALHES

A arrecadação, em moeda brasileira, ficou pela casa dos 3 milhões e oitocentos mil cruzeiros, recorde absoluto em Portugal. A arbitragem estêve a cargo do inglês R. J. Leaf, auxiliado por Pullin e Newport. Atuação acomodada de S. S., permitindo que o jôgo desvirtuasse em alguns momentos. Os quadros formaram assim: BRASIL: Gilmar; Djalma Santos, De Sordi (Pavão) e Newton Santos; Zózimo e Roberto; Sabará, Valter, Gino, Didi e (Canhoteiro (Escurinho). PORTUGAL: Carlos Gomes; Virgílio e Passos (Arthur); Ângelo, Pedroto e Juca; Dimas, Vasques, Águas, Matateu (Caiado) e Travassos. De Sordi saiu de campo aos 42 minutos, contundido com certa gravidade.

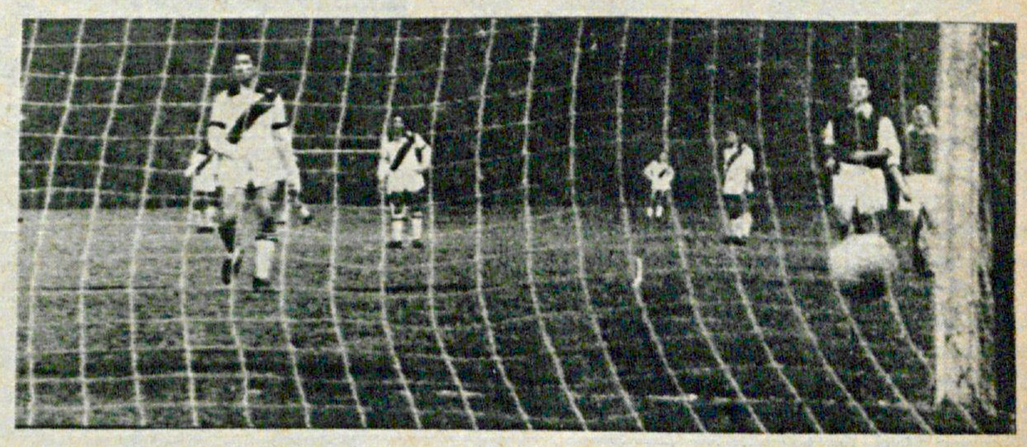
Como detalhe curioso fica a caracterização dada pela imprensa portuguêsa ao sensacional encontro internacional: — "Récita de Gala no Jamor".

O BRASIL EM MANCHETE Esportiva



CHARLES BORER — EUÊNIA RINDEIKA — Sábado último, o técnico Charles Borer, preparador da equipe campeã brasileira de basquetebol feminino e atual orientador do quadro nacional da mesma categoria que vai intervir no Torneio Internacional, casou-se com a jovem "estrêla" botafoguense Eugênia Rindeika. O enlace, bastante concorrido, realizou-se na Igreja de São Sebastião. Na foto, os nubentes cercados por "estrêlas" do nosso basquetebol feminino, momentos após a cerimônia nupcial.

COMO CAMPEÃO — São Paulo, 9 — O Santos F. C., campeão paulista e da parte internacional do Torneio "Roberto Gomes Pedrosa", estreou na parte regional vencendo a Portuguêsa por 4x3. Na outra partida, o Corintians empatou com o São Paulo por 2x2 ● Salvador, 9 — O Ipiranga levantou o Torneio Início da Federação Baiana de Desportos Terrestres ● Pôrto Alegre, 9 — O Internacional empatou com o Renner por 1x1 ● São Paulo, 9 — No Autódromo de Interlagos, Celso Barberis venceu a prova principal, depois de uma renhida luta com o campeão Chico Landi. A diferença entre os dois foi de 30 segundos. Eugênio Martins ganhou a prova de mecânica nacional ● Rio, 9 — Está assentada para o dia 4 de maio, a luta americana entre Valdemar Santana e Carlson Gracie. A luta americana é a mais violenta modalidade que se conhece ● Juiz de Fora, 9 — No Torneio Municipal de Futebol, o Tupinambás bateu o Social por 4x3 ● Barbacena, 9 — Em luta pelo Torneio Intermunicipal de Futebol, o Olímpico venceu o Volante por 1x0 ● Belo Horizonte, 9 — Num match amistoso, o América empatou com o Cruzeiro por 2x2 ● Florianópolis, 9 — Abrindo o Campeonato Catarinense de Futebol, o Figueirense enfrentou e venceu por 2x0 o Comerciário ● Goiana, 9 — Os primeiros jogos do Campeonato Goiano de Futebol foram ganhos pelo Goiás por 4x0 e o Vila Nova empatou com o São Luís por 3x3 ● Fortaleza, 9 — O Clube do Remo do Pará empatou com o Fortaleza por 2x2 ● Recife, 9 — Depois de estar perdendo de 3x0, o América F. C. do Rio de Janeiro conseguiu empatar com o Santa Cruz por 3x3 ● Curitiba, 9 — Na primeira partida da melhor de três decisiva do Campeonato Paranaense de Futebol, o Ferroviário empatou com o Monte Alegre por 2x2 ● Fortaleza, 9 — Pelo arrasador escore de 8x1, o Clube do Remo, do Pará foi batido pelo Remo ● Barra Mansa, 9 — Um quadro misto do Fluminense empatou com o Barra Mansa por 2x2 ● São Paulo, 9 — O Noroeste derrotou o Taubaté por 2x1 — Não tem sido muito feliz o Vasco, em suas primeiras apresentações no Velho Mundo. Quatro jogos, três derrotas (Anderlecht, seleção austríaca e Fenerbhacen) e uma vitória: Besiktas. Na foto, um aspecto da estréia, na Bélgica, contra o Anderlecht: Parodi faz o segundo gol do Vasco, que perdeu por 5x2.



BRASIL X PORTUGAL

O filme do jôgo, amanhã, pelo ESPORTE EM MARCHA, no Cineac Trianon.

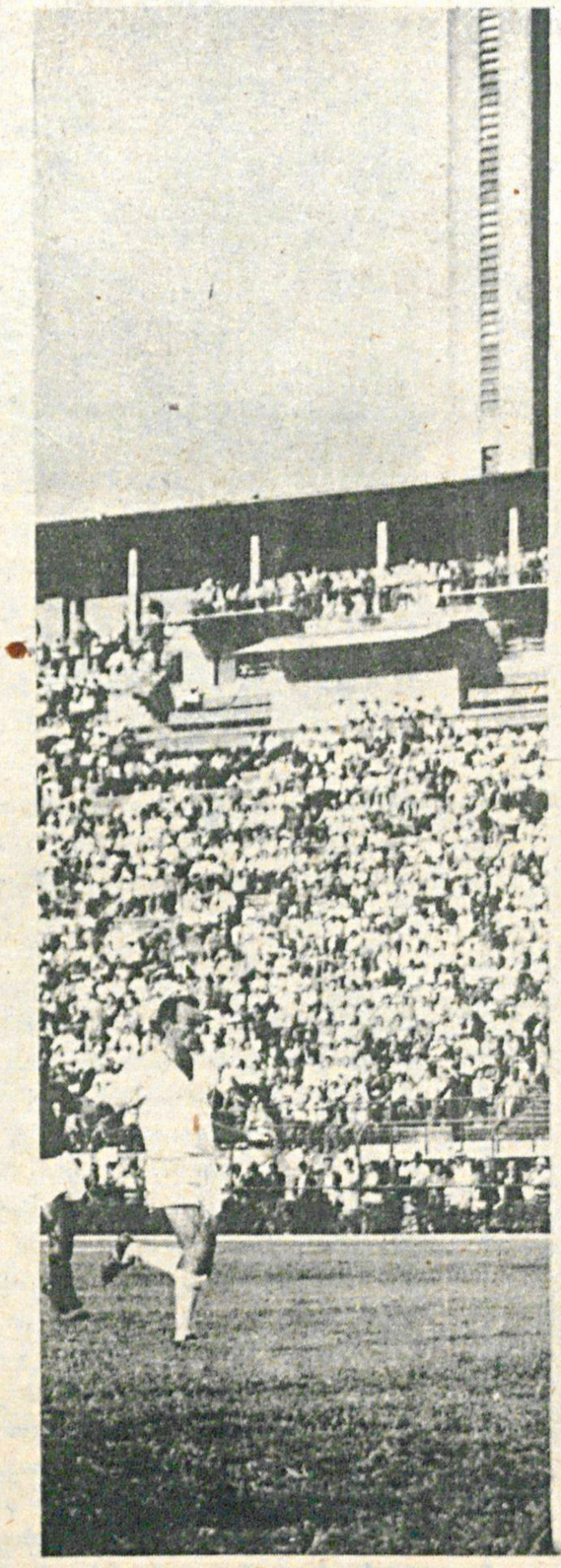
O ESPORTE EM MARCHA, de Milton Rodrigues, que poucas horas depois da conquista do Tri-campeonato pelo Flamengo lançava a reportagem cinematográfica da "Negra", num dos mais sensacionais "furos" dos últimos tempos, já amanhã, na tela do Cineac Trianon, apresentará o filme completo da batalha Brasil x Portugal. Assim, o público carioca terá oportunidade de vibrar com o gol de bicicleta de Gino, o pênalte defendido por Gilmar e outros lances.

MANCHETE
Esportiva

Em Tôdas

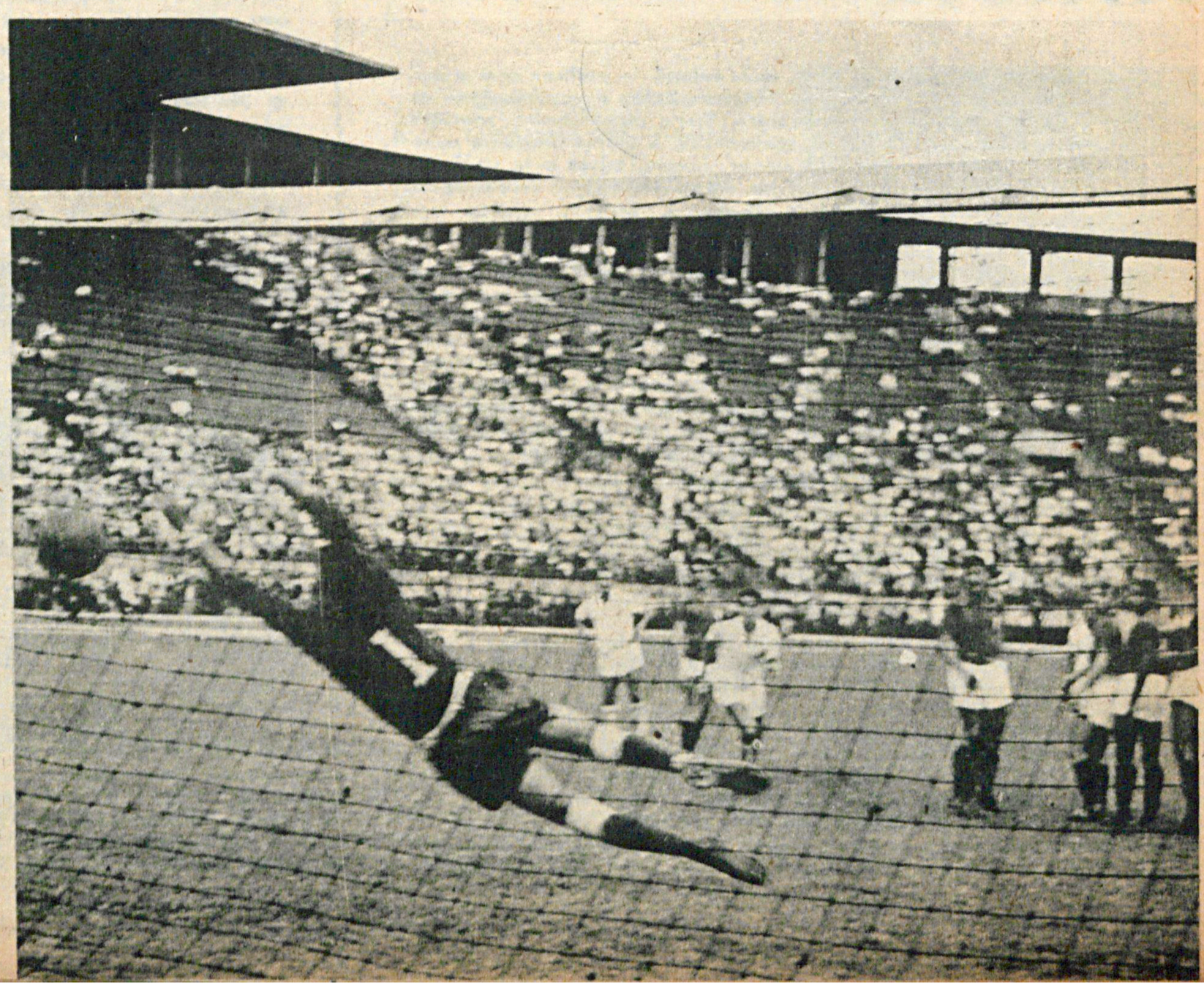
VENCEU, MAS NÃO CONVENCEU — Lisboa, 9 — Com um sol carioca, temperatura amena e 60 mil pessoas espiando, a seleção brasileira estreou vencendo a equipe portuguêsa por 1x0, gol de Gino aos 11 minutos do primeiro tempo. O curioso é que o único tento foi consequido quando dominavam os portuguêses e, Gilmar defendeu um pênalte batido pelo africano Matateu ● Lima, 9 — O Sport Boys de Lima venceu o Penarol de Montevidéu por 2x1 ● Londres, 9 — O Manchester United sagrou-se campeão da Primeira Divisão da Liga Inglêsa de Futebol ao derrotar o "Blackpool" por 2x1. O terceiro lugar foi obtido pelo Birmingham que derrotou o Cardiff por 2x1. Mas a surprêsa da rodada foi o triunfo do "lanterna" Huddersfield sôbre o West Bromwich por 2x1. O quarto lugar coube ao Manchester City e Arsenal, o quinto ao Bolton; o sexto ao Wolverhampton, Newcastle. Burnley, Luton e Portsmouth, o sétimo ao Charlton, o oitavo, ao West Bromwich, Everton e Sunderland, o nono ao Preston, o décimo ao Cardiff, o décimo primeiro ao Chelsea, o décimo segundo ao Sheffield United e Tottenham e o décimo terceiro, ao Aston Vila e Hudersfield ● Paris, 9 — O Nacy, Sedan, Lyon e Troyes classificaram-se semifinalistas no Torneio Eliminatório da Copa da Associação Francesa de Futebol ● Lima, 9 — O Universitário de Desportes derrotou o Fluminense F. C. por 3x1 ● Istambul, 9 — O time do Vasco que vencera o do Besiktas por 2x0, perdeu ontem para o Fenerbarce, terceiro colocado em terceiro lugar no campeonato turco, também de 2x0 ● Roma, 9 — O Fiorentina pràticamente campeão italiano de futebol venceu ontem o Novara por 4x2. Nas outras partidas do certame italiano, o Bolonha venceu o Internazionale por 3x0, o Milão bateu o Lane Rossi por 3x1, o Nápoles venceu o Sampadoria por 3x1, o Roma ganhou do Pro Pátria de 1x0 e o Torino empatou com o Lázio por 2x2 ● Bilbáo, 9 — O Atlético de Bilbáo venceu o Barcelona por 1x0. Faltam sòmente duas partidas ao Atlético para que levante o campeonato. No caso de uma derrota, o Barcelona poderá voltar à liderança do campeonato ● Madrid, 9 — A seleção francesa de basquetebol venceu a de Lisboa por 75x57, no Torneio Internacional em realização nesta capital ● Nice, 9 — A tenista brasileira Ingrid Metzner classificou-se para as finais do Torneio Internacional de Tênis que está sendo disputado aqui, ao derrotar a francesa Anne Marie por 6-1 e 6-2 ● Bowie, Maryland, 9 — O "racer" "Sailor" ganhou o "John B. Campbell Memorial Handicap", com a dotação de 110.750 dólares, com a vantagem de 4 corpos ● Lima, 9 — A Colômbia foi eleita para a vice-presidência da FIFA, no Congresso Sul-Americano Extraordinário de Futebol. O Equador foi escolhido para membro do Comite Executivo. O Brasil estêve representado pelo desportista João Havellange ● Melburne, 9 — O australiano John Landy superou, pela quarta vez, o recorde da milha com o tempo de 3 minutos, 58 segundos e 6/10 ● Palermo, 9 — O chileno Andres Hammersley e o italiano Giuseppe Merlo classificaram-se para as semi-finais do Torneio Internacional de Tênis ● Montherly, 9 — O volante brasileiro Da Silva Ramos, com um carro Gordini de 3 litros, obteve a melhor média horária nas eliminatórias para o "Grand Prix de L'Union Sportive Automobile". A média de Silva Ramos foi de 157.075 quilômetros por hora ● Londres, 9 — O time do C. R. Botafogo, do Rio de Janeiro, estreará hoje, segunda-feira, nesta capital, contra o Fulhan, pertencente à Segunda Divisão. Êsse será o terceiro compromisso do quadro brasileiro que estreou perdendo para o Uda, de Praga e reabilitou-se ao vencer o Norkoping por 2x0.

SANTOS: PÉ DIREITO NA



Pagão assinalou o primeiro gol do Santos aos 31 minutos do 1.º tempo. A foto mostra Félix sendo vençido.

Feita a cobrança de uma falta perigosa, Feijó conseguiu marcar o 2.º tento peixeiro. A barreira foi encoberta.



FASE DOMÉSTICA

A PORTUGUÊSA de Desportos, dia a dia, cada vez mais, firma seu prestígio de equipe-surprêsa. Quando menos dela se espera, é quando surpreende e consegue grandes resultados. Dia em que vai para campo com favoritismo, é dia em que, irremediàvelmente apanha as surras mais desconcertantes. Favoritismo, pròpriamente dito, não havia, no domingo último, mas de qualquer maneira o Santos, campeão paulista e vencedor da série internacional do "Roberto Gomes Pedrosa" reuniu maiores possibilidades de êxito. E a Portuguêsa vendeu caro o resultado de 4x3. Marcou em primeiro lugar, chegou depois a estar perdendo por 3x1 e acabou ameaçando a vitória peixeira. Coisas da Portuguêsa.

Melhor que o de sábado, o jôgo de domingo agradou pela movimentação. Os gols surgiram na seginte ordem: Hélvio (contra) aos 13, Pagão aos 31 e Feijó aos 43 no 1.º tempo. Nena (contra) aos 5, Vasconcelos aos 30, Ipojucan aos 34 e Edmur aos 38. As duas equipes: SANTOS: Manga, Hélvio e Ivan; Feijó (Urubatão), Ramiro e Zito; Alfredinho, Jair (Negri), Pagão, Vasconcelos e Pepe (Tite). PORTUGUÊSA: Félix, Reinaldo e Nena; Giacomini (Brandãozinho), Ceci e Hermínio; Liminha (Paulinho), Zé Amaro, Airton (Zé Carlos), Ipojucan e Edmur. A arrecadação do match foi de Cr$ 250.000,00.

O ÚNICO QUE PERDEU: O PÚBLICO

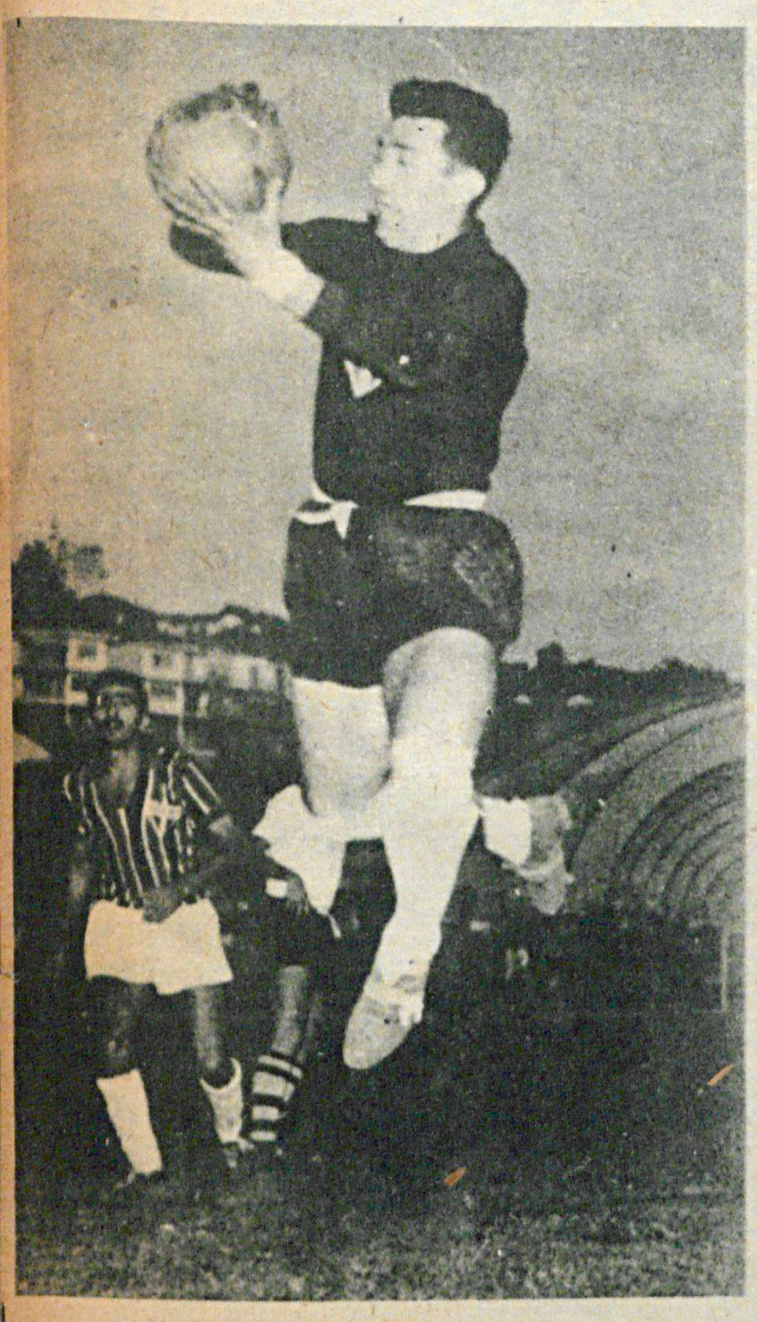
O S. PAULO não ganhou. O Corintians muito menos. Em verdade, porém, houve quem tivesse perdido, sábado, no Pacaembu: foi o público que fêz um sacrifício tão grande como o de ir até o Pacaembu, para assistir a uma partida tão ruim como a que disputaram os dois antigos rivais do futebol bandeirante. Alvi-negros e tricolores, de fato, realizaram uma das mais fracas exibições que nos últimos tempos foram efetuadas em São Paulo. O resultado final da "pelada" foi um magro empate de 2x2.

O time do Corintians resumiu-se numa defesa violenta, sempre disposta a distribuir pontapés a torto e a direito e num ataque que funcionou pela metade, pois quando um ia bem, outro falhava e vice-versa.

O S. Paulo apresentou-se com uma equipe crivada de novidades, algumas boas, outras más, estas em muito maior número que aquelas.

O resultado, não se pode negar, fêz justiça aos dois quadros. Só o público é que saiu do Estádio injustiçado.

Os gols foram marcados na seguinte ordem: Turcão, pênalte, aos 42 e Rafael aos 44 do primeiro tempo. Dino aos 30 e Rafael aos 35 do segundo. As duas equipes formaram: S. Paulo: Bonelli, Clélio e Turcão; Vítor, Tanga e Alfredo; Lanzoninho, Sarcinelli (Dino), Zèzinho (Mairaporã), Maneca (Zèzinho) e Mairaporã (Roberto). CORÍNTIANS: Arlindo, Olavo e Alan; Idário, Julião e Goiano; Cláudio, Luizinho, Baltasar (Carbone), Paulo (Rafael) e Jansen. O árbitro foi Charles Williams. A renda: Cr$ 412.370,00. Destaques: Rafael, Cláudio e Olavo pelo Corintians; Bonelli e Dino pelo São Paulo



Êste é Bonelli, o novo goleiro do São Paulo, um dos jogadores que estrearam no sábado contra o Corintians. O goleiro teve bom desempenho e praticou boas defesas.

Não esqueça você também esta lição: um rosto bem barbeado desperta simpatia e conquista corações. É a boa aparência uma das chaves do sucesso na vida. Barbear-se diàriamente é fácil e econômico, para os que usam lâminas GILLETTE AZUL num moderno aparelho GILLETTE TECH. Recuse imitações. Exija a *marca* "GILLETTE".

IA-092

Um sucesso a realização do "Sweepstake" combinado com o "Outono". A parada de elegância marcou a grande festa de domingo. Eis aí a prova do bom-gôsto.

ESTATÍSTICAS

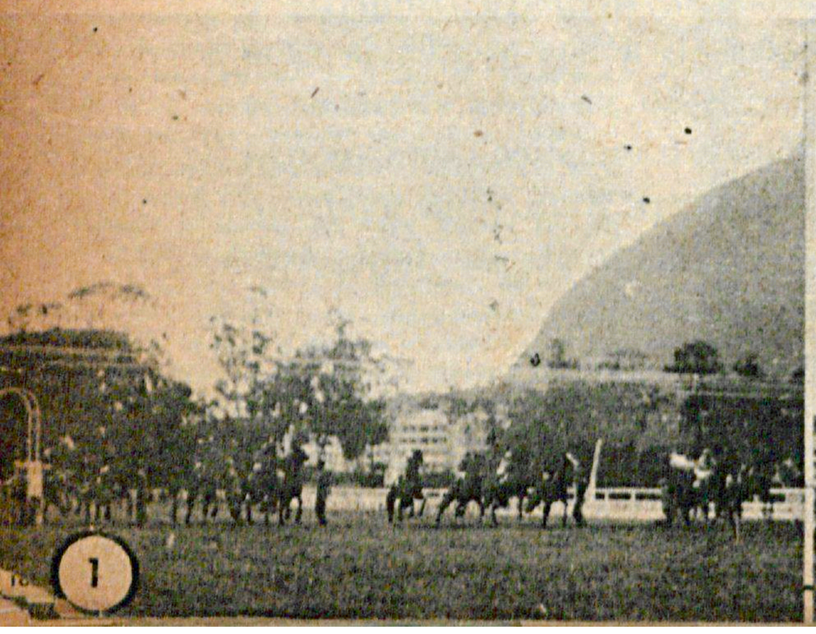
JÓQUEIS

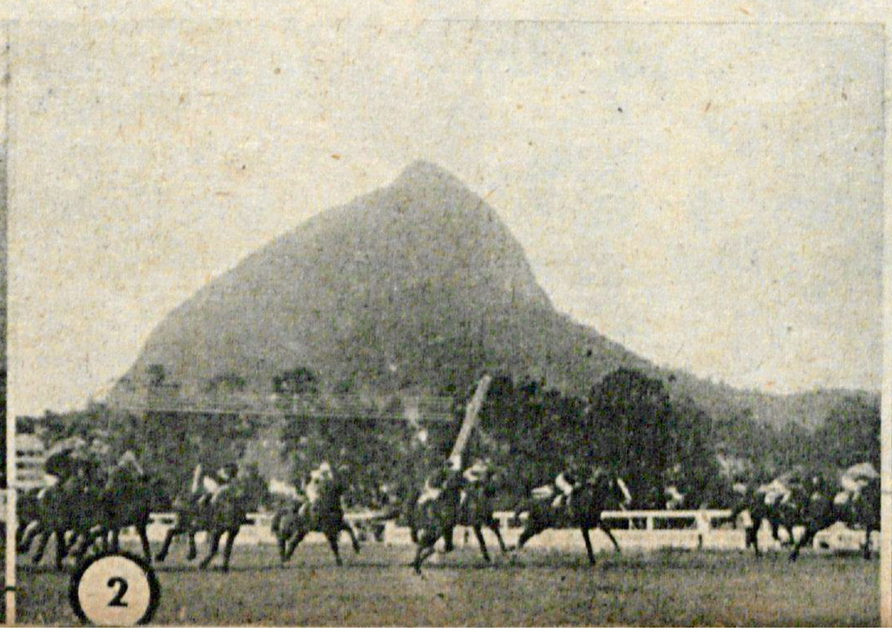
Manuel Silva	34
José Portilho	21
Emigdio Castillo	20
Oswaldo Ullôa	16
Luiz Diaz	16

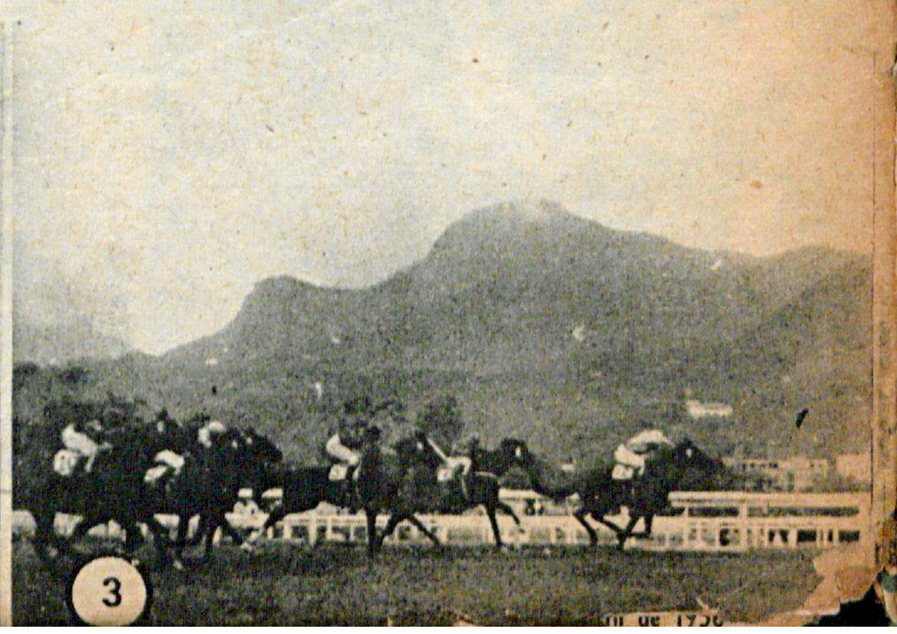
TRATADORES

Carlos Cabral	17
Jorge Morgado	17
Sabatino d'Amore	17
Levy Ferreira	13
Pedro Gusso Filho	12

EIS O DESFECHO DO G. P. "OUTONO". TIMÃO DESTACADO NA FRENTE DE L'INCONNU, HOTSPUR, EVERGLADE, RONSARD E OUTROS CONCORRENTES.







TIMÃO CONFIRMOU: É UM GRANDE CAMPEÃO

Timão passou incólume pelo primeiro obstáculo da Tríplice-Coroa — Brilhantes, também, as performances de L'Inconnu e Hotspur que escoltaram o vencedor.

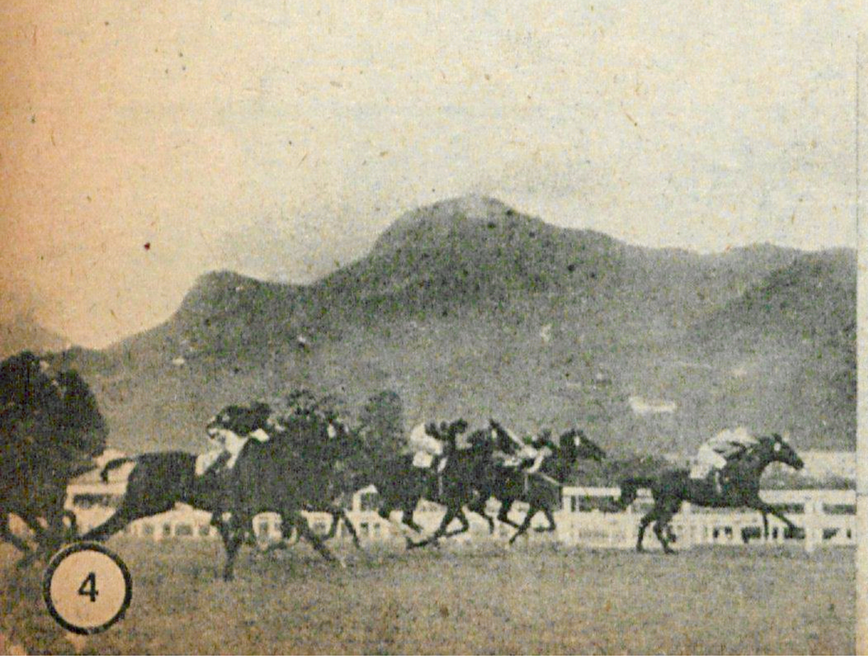
POR sua própria importância dentro do calendário clássico do turfe carioca, apresentava-se bastante atraente o Grande Prêmio "Outono", 1.ª da Tríplice-Coroa brasileira, em 1.600 metros, com a dotação de Cr$ 400.000,00. Todavia, havia ainda o "Sweepstake" com o prêmio maior de Cr$ 10.000.000,00. E a festa, como não podia deixar de ser, resultou em um grande sucesso, sob todos os aspectos. Se na véspera Royal Game, baixando para 56"4/5 o recorde do quilômetro, que estava em poder de Empenosa desde 1950 com 57"3/5, deu um "show", não lhe ficou atrás Timão, no domingo, ao vencer espetacularmente o "Outono", em 95"3/5 para a milha, a melhor marca até aqui registrada por um vencedor da milha inicial da Tríplice-Coroa. Uma ótima largada, com Roncidade, investia para tomar a ponta, imprimindo "train" fabuloso à carcidade, investia para tomar a ponta, imprimindo "train" fabuloso a carreira: primeiros 600 metros em 34"2/5, primeiros 800 em 46" e primeiro quilômetro em 57"3/5! Timão postou-se em 3.º, um corpo atrás de Ronsard, que corria em 2.º oito corpos atrás do ponteiro. E Hotspur aparecia no fundo do lote, como cerra-fila. Atingida a reta Timão arrancou avassaladoramente e nos 400 metros já ocupava a posição principal, destacando-se daí por diante, para ganhar com 4 corpos de luz sôbre L'Inconnu, que se defendia valentemente da forte carga final de Hotspur. Logo atrás, pegando mal a raia, terminou Everglade, com Ronsard em 5.ª, precedendo Linx, Rocket, Bold Boy, Pretencioso, Lateral, Rubaiyat e finalmente Leocádia. Timão será embarcado amanhã para São Paulo, onde permanecerá até fins de maio, quando voltará ao Rio para tomar parte no Grande Prêmio "Cruzeiro do Sul", 2.ª prova da Tríplice-Coroa, permanecendo inativo até àquela carreira. Registramos a presença no Hipódromo do jovem Sérgio Peixoto de Castro Palhares, neto do casal Peixoto de Castro, que não resistiu à tentação de ir ver Timão em atividade, reaparecendo no Hipódromo da Gávea depois de mais de dois anos de afastamento. Sérgio assistiu à corrida de longe, torcendo com calma e confiança pelo sucesso dos defensores da estimada jaqueta de sua querida avó. D. Zélia Peixoto de Castro.

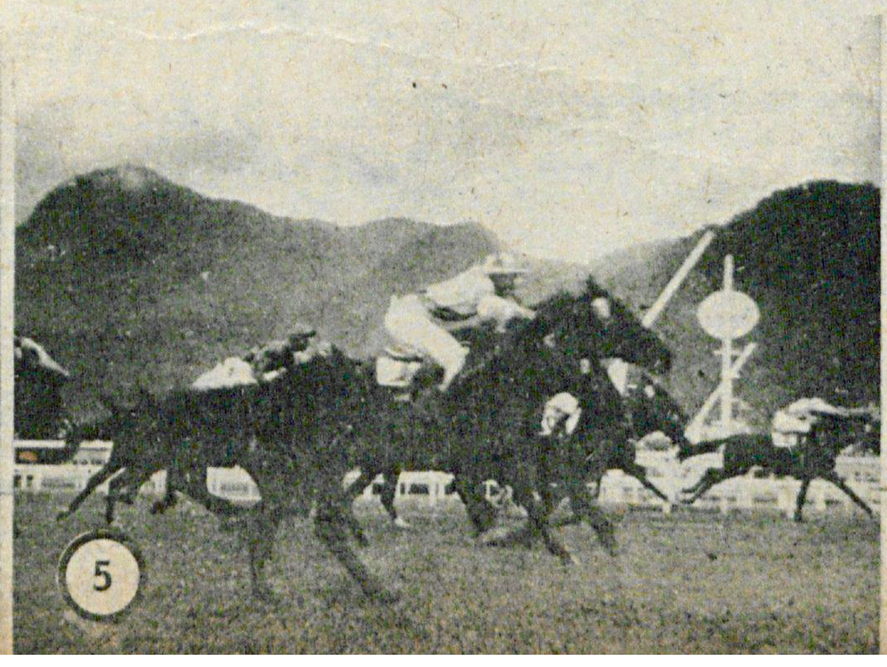
Timão, o flamante vencedor do Grande Prêmio "Outono", primeira prova da Tríplice Coroa brasileira, após a empolgante vitória. O defensor da blusa estrelada foi primorosamente preparado por Mário de Almeida e magistralmente dirigido por Juan Francisco Marchant. E correu também como legítimo craque.

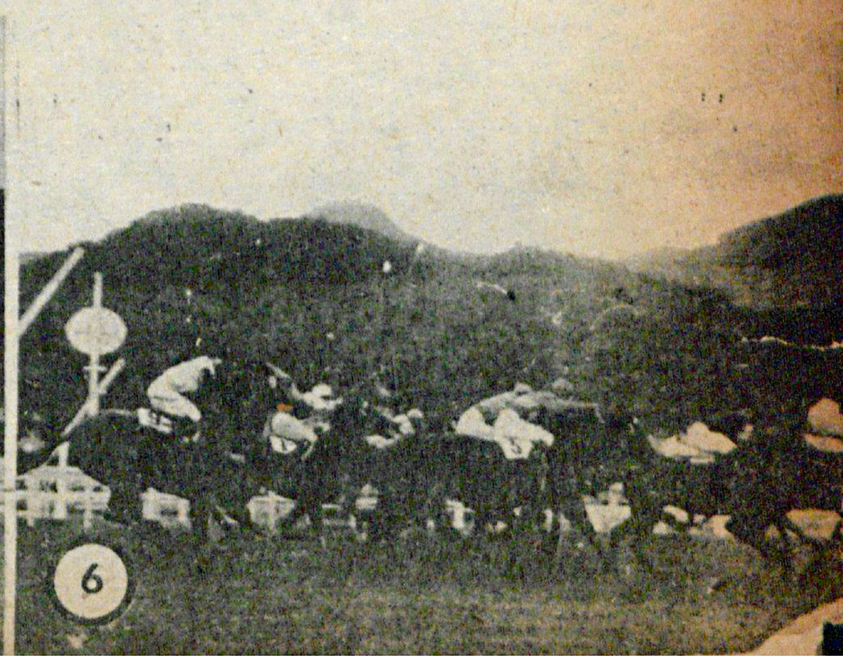
Mário de Almeida, após a empolgante vitória, enquanto aguardava a chegada do veterinário que viria colhêr a saliva de Timão, abraça o seu valente pensionista.

Momentos antes de se dirigirem aos "starting-gate", quando tudo era esperança, posam os jóqueis que dirigiram os doze concorrentes ao Grande Prêmio "Outono" de 1956. No alto: A. Araújo, E. Castillo, e Ullôa. No meio: J. Marchant, D. P. Silva, L. Diaz e Irigoyen. Em baixo: I. Baffica, M. Silva, A. G. Silva, J. Portilho e U. Cunha.

Acompanhem os primeiros instantes do "Outono" através da seqüência. No primeiro quadro o pique de partida; no segundo, Ronsard tomando a ponta com L'Inconnu em 2.º; a seguir Ronsard ainda na frente de L'Inconnu e Linx; no quarto, a mesma ordem, com Everglade e Lateral a seguir; no quinto, a mesma ordem: vendo-se Hotspur em último lugar e Timão em penúltimo. E por fim o lote em conjunto.







No Cenário dos Alpes Coroados de Neve Mais Dois Adversários Difíceis Esperam o Brasil Nesta Semana:

SUÍÇA E ÁUSTRIA

Contra a Áustria, na cidade de Viena, o Brasil dará curso às suas apresentações por gramados do Velho Mundo e Ernst Ocwirk, grande centro-médio, estará em ação.

DE ALBERT LAURENCE

A Suiça será, quarta-feira dia 11 de abril, o segundo adversário do Selecionado do Brasil em "tournée" no Velho Mundo. E a Áustria, domingo próximo, dia 15, o terceiro. São duas nações de longa e gloriosa tradição na história do futebol europeus, e que os poetas do "soccer" escolheriam talvez para simbolizar, no arco-íris dos estilos do jôgo de bola, a primeira a virilidade teimosa, e a segunda a elegância soberana. Talvez sejam, aliás, características que se refiram mais ao passado do que ao presente, mas, de fato, serão mais dois adversários perigosos para os brasileiros, sobretudo jogando em casa, animados por ardentes torcidas, a Áustria, em particular, quase invencível em Viena. No cenário grandioso das montanhas dos Alpes, o quadro de Flávio Costa deverá batalhar muito portanto, por duas vêzes nesta semana.

O "FERRÔLHO" SUIÇO IMPÔS O EMPATE AO BRASIL EM SÃO PAULO EM 1950: 2 A 2

A Suiça foi um dos pioneiros da introdução do futebol na Europa continental muitos anos antes do início dêste século e sua Associação Nacional — a Associação Suiça de Futebol e de Atletismo — foi fundada, aliás, a 7 de abril de 1895. O "soccer" helvético chegou a figurar entre os grandes do Velho Mundo apesar do tamanho muito reduzido do país (nem cinco milhões de habitantes) e, em particular, em 1924, foi finalista do Torneio de Futebol dos Jogos Olímpicos de Paris, e primeiro classificado entre os europeus, pois perdeu na finalíssima para o Uruguai por 3 a 0. Em 1938, novamente em Paris, na terceira "Copa do Mundo", a Suiça também brilhou eliminando por 4 a 2 (depois de um empate por 1 a 1) a Alemanha, então muito forte devido ao "Anschluss" com a Áustria que lhe permitia incorporar no seu scratch todos os maiores jogadores de Viena. Mas a seguir, os helvéticos foram eliminados pela Hungria por 2 a 0.

Hoje, o futebol suiço mantém-se num nível "regular" e suas performances dêstes últimos anos são muito desiguais, com mais fracassos do que sucessos. Não convém esquecer, contudo, que, em 1950, no Campeonato Mundial disputado no Brasil, o scratch suiço, depois de perder para a Iugoslávia por 3 a 0, conseguiu empatar por 2 a 2 com o Brasil, no Pacaembu, pois o Selecionado dirigido por Flávio Costa não conhecia o "ferrôlho", no qual colidiu sem saber quais providências tomar para chegar a vencê-lo decisivamente. E em 1954, no Campeonato Mundial disputado na Suiça mesmo, como todos sabem, os "donos da casa" eliminaram a Itália com duas vitórias seguidas sôbre a **"squadra azzurra"** por 2 a 1 e 4 a 1, sendo a seguir eliminados pela Áustria pela contagem esquisita de 7 a 5.

Publicamos ao lado, um quadro dos últimos resultados internacionais da Suiça, com cinco derrotas, dois empates e uma única vitória em oito jogos disputados desde o "Mundial" de 1954. Mas a vitória foi justamente conquistada na última apresentação do Selecionado helvético e de modo particularmente meritório pois foi no dia 11 de março último, no campo do adversário, em Bruxelas, por 3 a 1, sôbre a Bélgica que, recentemente, derrotara a França por 2 a 1.

O SCRATCH SUIÇO

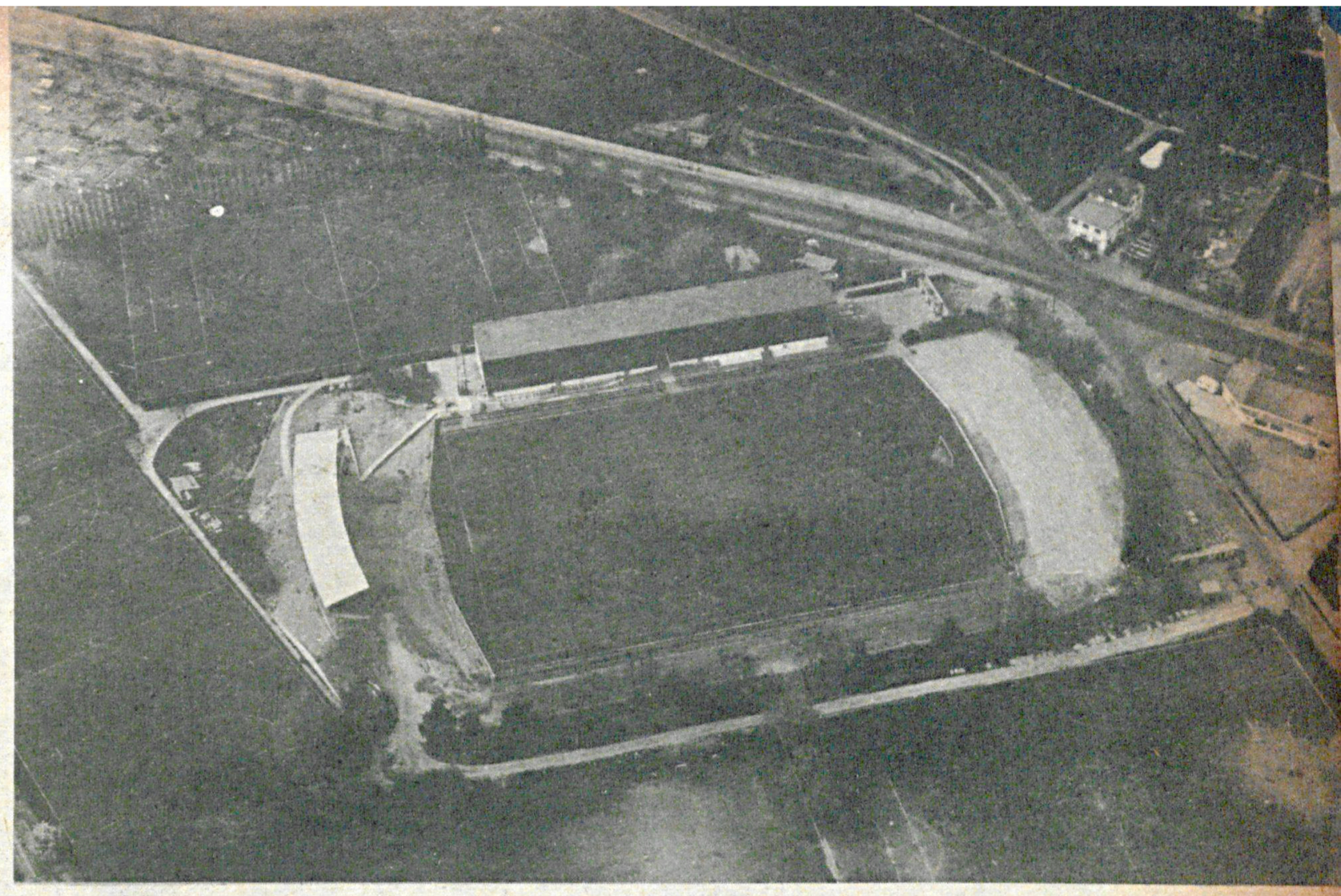
Nesta ocasião, o scratch suiço tinha a composição seguinte que não deverá sofrer grandes modificações para o match contra o Brasil: Permunian; Perruchoud, Vonlanden e Dutoit; Kuntz e Roesch; Chiesa, Antenen, Meier, Ballaman e Pastega.

Permunian, arqueiro muito hábil, Vonlanden, zagueiro sólido e dinâmico, e Ballaman, atacante perigosíssimo, foram

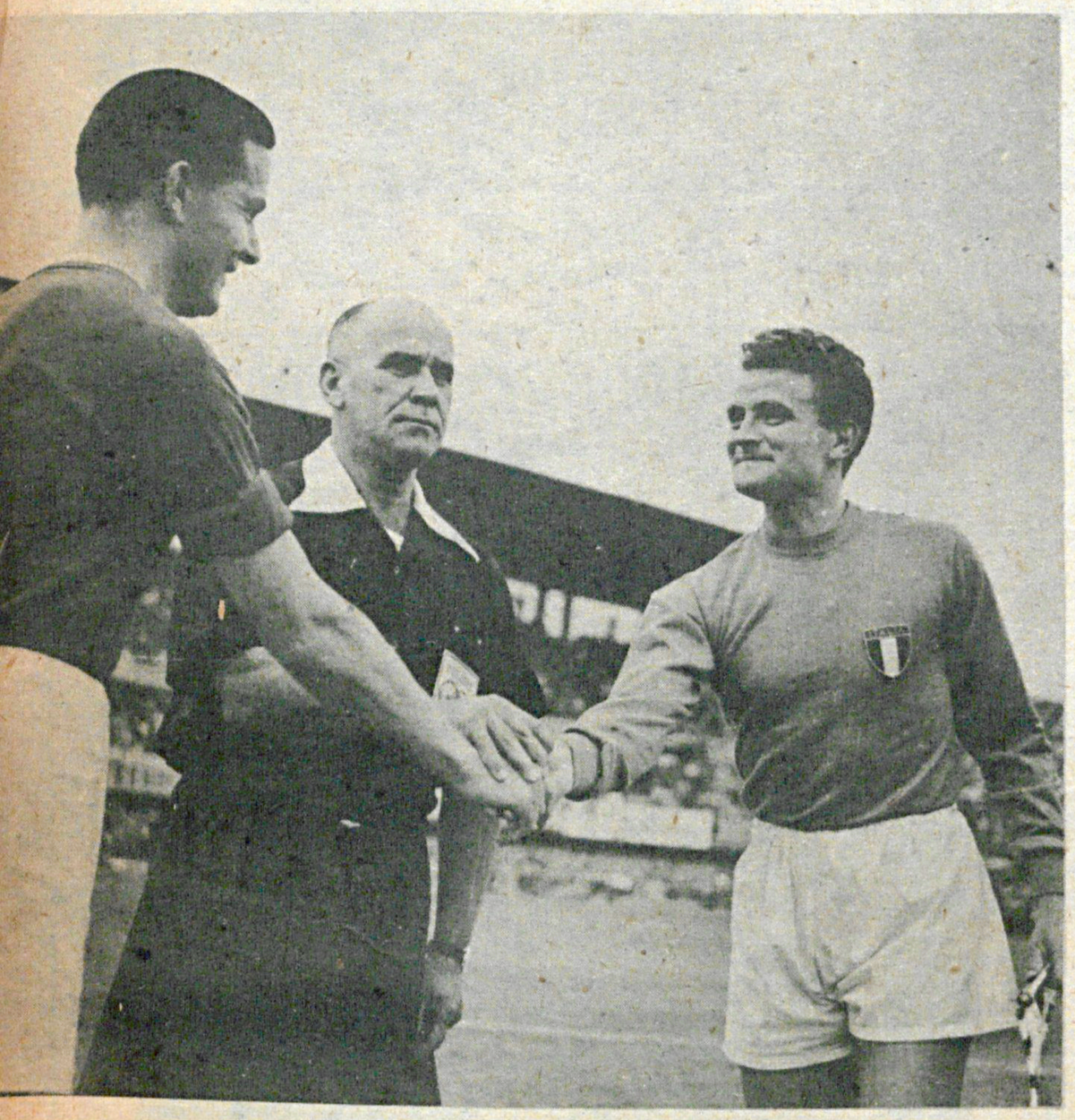
SUÍÇA X ITÁLIA

EM DURA PARTIDA, TALVEZ DURA ATÉ DEMAIS, OS SUIÇOS TRIUNFARAM SÔBRE OS ITALIANOS, EM DISPUTA DA COPA DO MUNDO. O QUE MOSTRA ESTAR O SEU FUTEBOL EM BOM ESTADO, SEM DÚVIDA. NÃO DEVEMOS MENOSPREZÁ-LOS.

VIRILIDADE TEIMOSA E "FERRÔLHO" EM ZURICH E ELEGÂNCIA E TRADIÇÃO SAUDOSAS DE UM PASSADO GLORIOSO EM VIENA, AS ARMAS DOS ADVERSÁRIOS DO SCRATCH DA C. B. D. — APESAR DE UM BALANÇO INTERNACIONAL DESFAVORÁVEL NESTES ÚLTIMOS ANOS, A SUIÇA E A ÁUSTRIA CONTINUAM MUITO DIFÍCEIS DE CURVAR "EM CASA" — SEGUNDO JÔGO BRASIL X SUIÇA E PRIMEIRO BRASIL X ÁUSTRIA DE TODOS OS TEMPOS.



Volta o Brasil a pisar canchas da bela Suiça, após a disputa do Campeonato Mundial, em que a nossa representação foi eliminada pela Hungria, naqueles famosos 4 a 2. E desta feita enfrentando a representação local, o selecionado brasileiro irá tentar aquilo que não conseguiu em São Paulo, na IV Taça "Jules Rimet": a vitória, pois que naquela ocasião registrou-se um empate. O prélio, que terá por palco o Estádio de Zurich, pela diversidade de estilos, os suiços fundamentalmente defensivos, desperta a atenção do mundo futebolístico, esperando-se por isso uma grande renda.



Nesta peleja, pela última Copa do Mundo, houve o diabo. Suiços e italianos, mesmo tendo contra si a arbitragem de M. Viana, "mimosearam-se" com cantantes botinadas.

os heróis da tarde. Mais uma vez, o velho "ferrôlho" e o jôgo defensivo muito viril, quase violento, dos homens de camisa vermelha e cruz branca, asseguraram o sucesso, e nosso parecer é que Flávio Costa estaria bem inspirado tomando providências especiais desta vez a respeito, se quiser conquistar uma vitória neste segundo jôgo Brasil x Suiça.

O "WUNDERTEAM" É APENAS UMA LEMBRANÇA, MAS...

A Áustria é, de qualquer modo, um adversário muito superior, tècnicamente, à Suiça, não há dúvida. No último encontro entre os dois países, aliás, segundo a tradição, os vienenses ganharam, no mesmo estádio de Zurich onde os brasileiros jogarão quarta-feira, por 3 a 2, confirmando o "7 a 5" já mencionado do "Mundial" de 1954. Todos nossos leitores ouviram falar do "soccer" austriaco do passado, da época situada entre as duas grandes guerras mundiais, quando, sob a inspiração de um grande dirigente técnico, Hugo Meisl, o Selecionado de Viena, produzia um futebol de tal qualidade e elegância que chegou a ganhar o apelido de "Wunderteam", o "quadro maravilhoso". Foi sobretudo, aliás, nas competições da Europa Central e nos jogos amistosos que brilhou o Selecionado austriaco, embora tenha chegado a semifinalista do Campeonato Mundial de 1934, sendo eliminado pelo futuro vencedor, a Itália, sòmente por 1 a 0. Mas, depois, anexação pela Alemanha, a guerra, a ocupação russa, as privações de tôda ordem, fizeram com que o valor do futebol austríaco chegasse a decrescer bastante. Apegados à lembrança do "wunderteam", os dirigentes mantiveram abusivamente um sistema de jôgo obsoleto, e hoje, embora convertidos afinal de contas ao uso das táticas modernas, os vienenses ainda não voltaram à qualidade de outrora, sendo um pouco eclipsados por seus brilhantes vizinhos e rivais eternos, os húngaros

O SCRATCH AUSTRÍACO

No Campeonato Mundial de 1954, na Suiça, contudo, a Áustria chegou a um excelente terceiro lugar, derrotando a Escócia (1 a 0), a Tchecoeslováquia (5 a 0), a Suiça (7 a 5), e, depois de uma derrota catastrófica por 6 a 1 ante a Alemanha em semifinal, batendo o Uruguai, pelo terceiro lugar, por 3 a 1. Publicamos ao lado, os resultados da Áustria desde o "Mundial", pouco brilhantes, aliás, com 3 vitórias, 2 empates e 6 derrotas em 11 jogos. E a última performance dos vienenses foi mais uma derrota, ante a França, em Paris, por 3 a 1, no dia 25 de março, decepcionando na verdade. Mas "em casa", repetimos, os austríacos são dificìlimos de vencer e todos os quadros brasileiros que já jogaram em Viena nestes últimos anos bem sabem disso. Contra a França, o scratch austríaco tinha a formação seguinte: Schmied (First Viena); Halla (Rapid), Stotz (Áustria) e Swoboda (Áustria); Ocwirk (Áustria) e Koller (First Viena); Groons (First Viena), Wagner (Wacker), Buzek (First Viena), Hanappi (Rapid) e Kozlicek II (Wacker). Já vimos jogar no Rio os Ocwirk, Stotz, Swoboda, Koller, nas "Copas Rio", e é provável que contra o Brasil, o Selecionado austríaco será muito parecido com o precedente, pois não dispõem em Viena de muito material humano de primeiro plano no momento. Mas fica claro que os companheiros de Ocwirk tudo farão para reabilitar-se aos olhos da sua torcida com uma grande vitória sôbre o Brasil, no primeiro jôgo que jamais opôs os Selecionados dos dois países.

Uma assistência das mais numerosas acompanhou o feito da Suica, diante da Itália. E, ao final, os populares carregaram os seus jogadores em triunfo, num sinal de alegria.

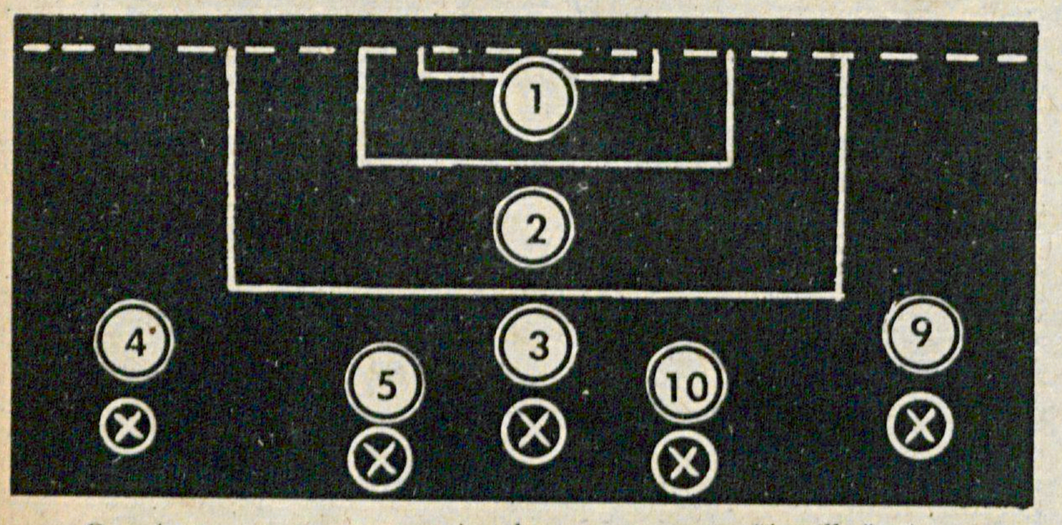
O famoso ferrôlho suiço deverá voltar a funcionar contra o Brasil, na peleja que os dois países travarão em Zurich. No 1.º jôgo, em S. Paulo, houve o empate de 2 a 2.

Todos os Jogos da Suiça depois do "Mundial" de 1954

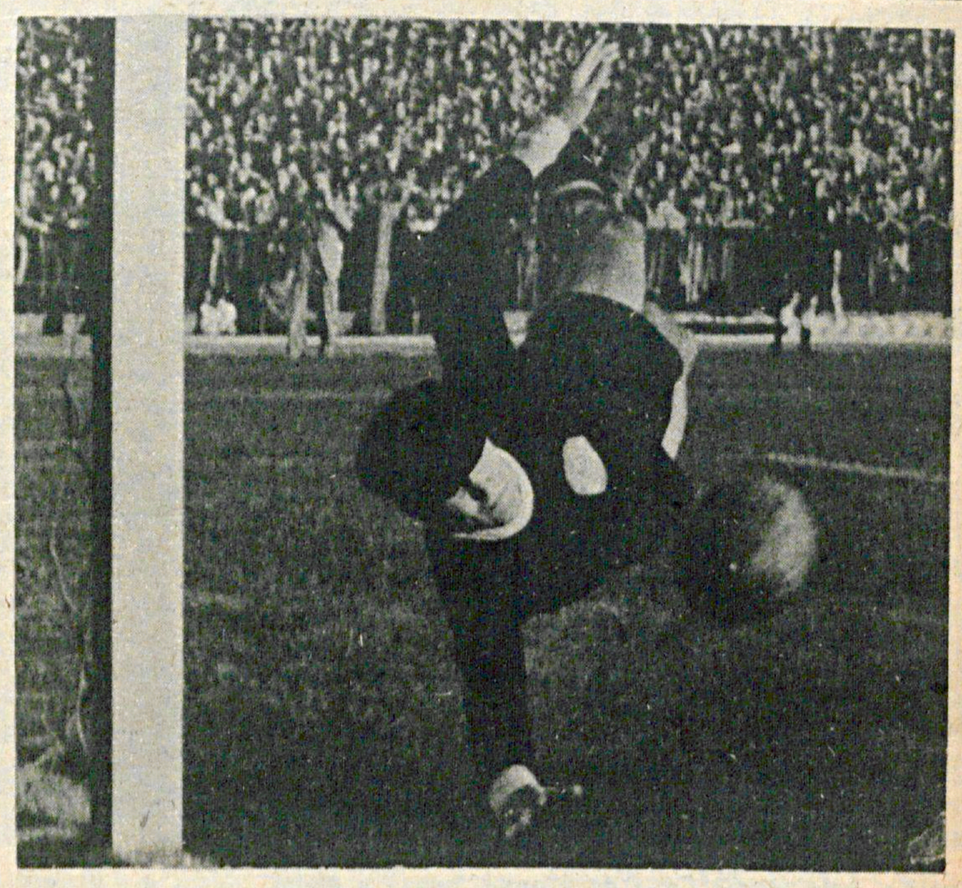
19- 9-54	Copenhague	Dinamarca: 1, Suíça, 1
10-10-54	Budapeste	Hungria: 3, Suíça: 0
1- 5-55	Zurich	Áustria: 3, Suíça: 2
19- 6-55	Genebra	Espanha: 3, Suíça: 0
26- 6-55	Belgrado	Iugoslávia: 0, Suíça: 0
17- 9-55	Losanna	Hungria: 5, Suíça: 4
9-10-55	Basiléia	França: 2, Suíça: 1
11- 3-56	Bruxelas	Suíça: 3, Bélgica: 1

BALANÇO: 8 jogos; 1 vitória da Suiça, 2 empates; e 5 derrotas. A Áustria, a Espanha, a Hungria e a França, tôdas, chegaram a vencer em campos suiços, e é lícito esperar que o Brasil as imite. Mas o empate com a Iugoslávia em Belgrado e a vitória sôbre a Bélgica em Bruxelas mostram que os Suiços são capazes, também, de conquistar excelentes resultados, às vêzes.

ESQUEMA DO FERRÔLHO SUIÇO



Os números representam os jogadores que usam o "ferrôlho". As cruzes são os atacantes do adversário. O zagueiro 2 não tem tarefa de marcação pessoal especial. O zagueiro 3 marca o centro-avante e os médios de ala, 4 e 6, marcam os pontas. O centro-médio, 5, marca o meia ponta de lança do adversário e um atacante, habitualmente, um meia, 10, recua para marcar o meia armador do adversário. Assim os cinco atacantes do oponente são acompanhados por um marcador pessoal e quando chegam a livrar-se dêste ainda encontram no caminho da meta o zagueiro livre, 2, que intervém no ponto ameaçado e despacha "sobras" se o adversário perde o domínio da bola.



Os austríacos, apesar de tudo quanto se diz, praticam, realmente, um bom futebol. Na foto, o arqueiro nacional defendendo magistralmente.

Todos os Jogos da Áustria depois do "Mundial" de 1954

2-10-54	Viena	Áustria: 2, Iugoslávia: 2
31-10-54	Estocolmo	Suécia: 2, Áustria: 1
14-11-54	Budapeste	Hungria: 4, Áustria: 1
27- 3-55	Praga	Tchecoslováquia: 3, Áustria: 2
24- 4-55	Viena	Áustria: 2, Hungria: 2
30-10-55	Zurich	Áustria: 3, Suíça: 2
23-11-55	Viena	Hungria: 6, Áustria: 1
25- 3-56	Budapeste	Escócia: 4, Áustria: 1
1- 5-55	Viena	Áustria: 2, Iugoslávia: 1
19- 5-55	Cardiff	Áustria: 2, País de Gales: 1
16-10-55	Paris	França: 3, Áustria: 1

BALANÇO: 11 jogos; 3 vitórias da Áustria; 2 empates; e 6 derrotas dos vienenses. Apesar do grande número de revéses dos austríacos, convém reparar que, em Viena, a Hungria empatou: 2 a 2 e a Iugoslávia perdeu por 2 a 1.

O COMANDANTE VITORIOSO — FLEITAS SOLICH — DEIXA A CANCHA CARREGADO EM TRIUNFO PELA TORCIDA RUBRO-NEGRA — UMA CARTADA DIFICIL.

Servílio e Dida, Chaves da "Negra"

1 — "O time teve uma missão em campo. Cumpriu-a".
2 — O treinador rubro-negro canta o jôgo planificado.
3 — "Exploramos o lado certo: a esquerda. E vencemos".
4 — Um corredor humano, caminho da bola até o gol.

TEXTO DE NEY BIANCHI

SOLICH explicou os 4x1, assim: — "Joguei uma cartada perigosa — confesso — quando lancei Servílio e Dida, tirando Jadir e Paulinho. Entretanto, para o jôgo que pretendia fazer, precisava dessas alterações. Não porque os que entraram fossem melhores do que os que saíram. Mas, simplesmente, porque se adaptavam melhor à tática visada. For isso, arrisquei.

Servílio teve uma missão: anular Leonidas. Anulou. Dida entrou para puxar a linha com a sua ligeireza, para arrematar, para tontear a defesa adversária com seu jôgo leve, esfusiante. Cumpriu a tarefa. Tanto que foi o artilheiro da partida.

Procurei fortalecer a defesa da área tanto quanto possível. Primeiro na zona central. Depois nas laterais. O bloqueio maçiço tinha um objetivo: impedir os arremates à queima-roupa. Deu certo: — o América não chutou uma única vez de perto. O próprio gol de Romeiro foi feito da entrada da área.

O recuo de Zagalo (às vêzes) e Duca, para o trabalho de meia cancha com Dequinha foi previsto. Assim, contávamos a partir da intermediária num espaco nunca maior que dez metros, sempre, com um homem. Servílio, Dequinha, Duca, Zagalo, Joel. Era uma linha imaginária de ligação, em ziguezague. Era, também, o caminho que a bola devia seguir. E por ali, ela trafegou muitas vêzes. Quando Alarcon saiu — infelizmente para o América machucou-se — mantive o mesmo jôgo. Se bem que tivesse a defesa mais desafogada. Procurei então, explorar Hélio, cuja missão dobrou dentro da partida. Além do mais, era o lado que devia ser explorado. Porque Rubens também avançava, fazendo parte do vai-e-vem que caberia, talvez, a Alarcon, depois a Romeiro. Com o zagueiro na frente, Evaristo ficou muitas vêzes à vontade. Por isso que em quase tôdas as pontadas do nosso ataque levamos o perigo ao reduto contrário. No mais, foi uma partida impressionante. O América jogou como era de se esperar. Muita fibra, preparo físico excelente, decisão indobrável. Foi um adversário que nunca se entregou" — concluiu Fleitas Solich.

Hélio não encontrava ânimo sequer para tomar banho.

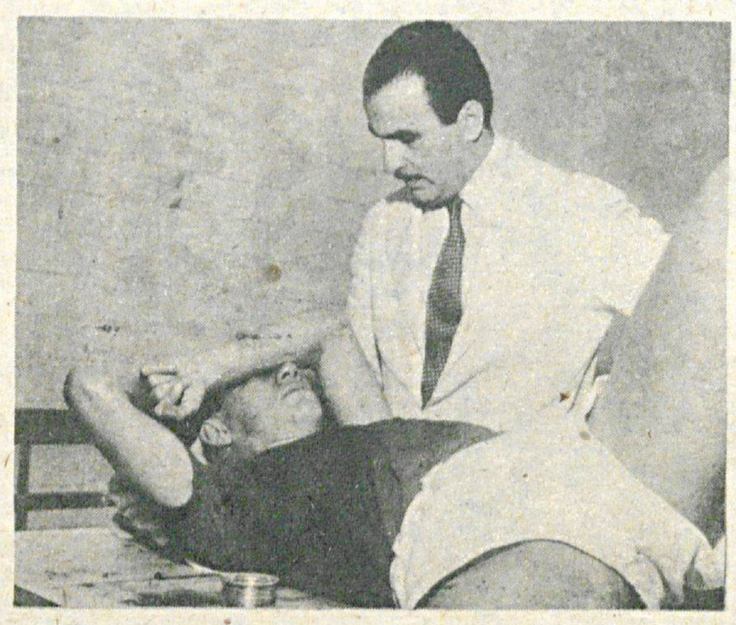
Ivan era o mais inconformado e chegou às lágrimas.

A FALTA DE ALARCON FOI FATAL AO AMERICA

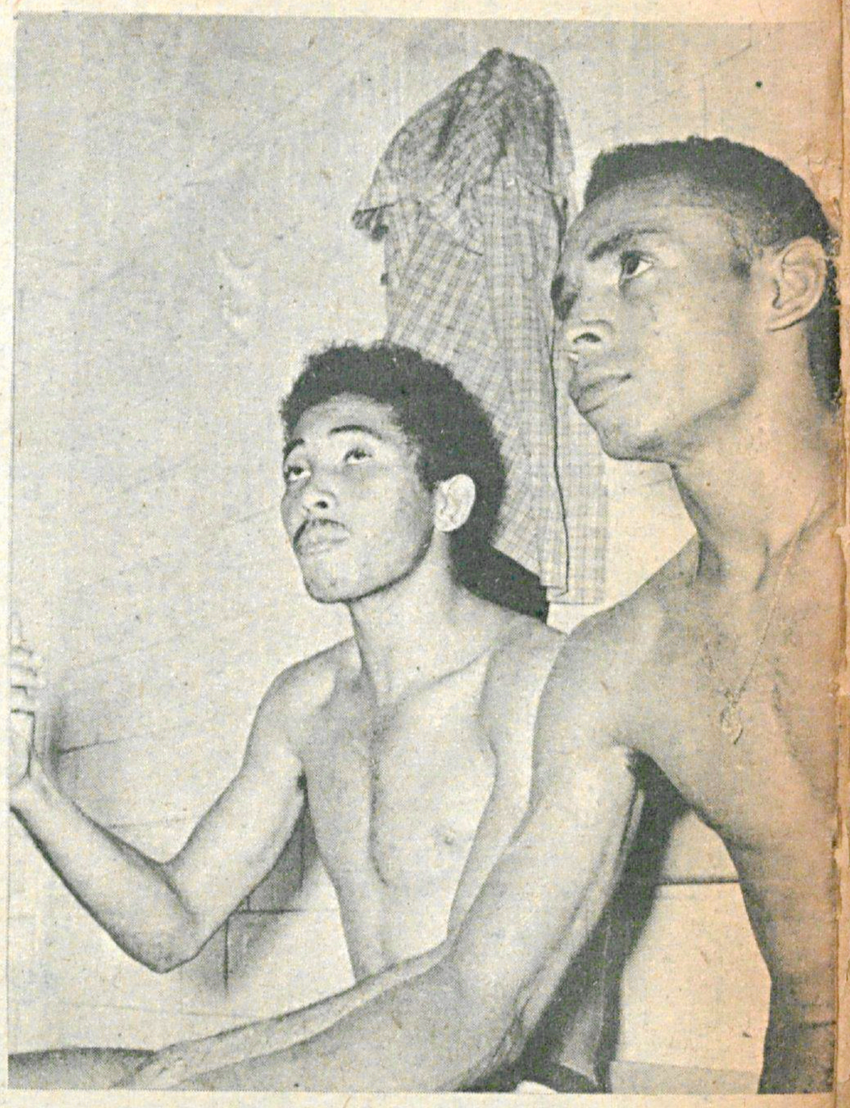
FOI sob a mais absoluta comoção que os rubros receberam o revés. E não era para menos. Afinal, de que valera todo o esfôrço, tôda a dedicação em uma campanha verdadeiramente notável ,quando os sonhos se desmanchavam como um castelo de cartas, ante o irremediável 4 a 1 ? E até cenas de desespêro, se bem que raras, foram anotadas. Ivan era o mais inconformado, chorando como uma criança. Era consolado por todos, principalmente pelo presidente Giulitte Coutinho, êste aparentando calma e um certo conformismo pelo placar. Enquanto se vestia, o médio americano apenas balbuciava algumas palavras e vez por outra passava a toalha nos olhos, enxugando as lágrimas. O presidente Giulitte dizia a todo instante: "Êles lutaram muito. Com dez homens, num jôgo dêsses, é quase humanamente impossível vencer. E ainda mais quando a falta é de um Alarcon, jogador-chave da equipe". Alarcon deixou o campo, definitivamente, aos 38 minutos de jôgo ,depois de ter sido atingido por Tomires, aos 6'. Chorou o jogador argentino logo que abandonou a cancha, pois que não admitia ficar de fora da batalha. Depois, mais calmo, já vestido, mostrava o pé inchado, com um fortíssimo hematoma. Alarcon não poupava Tomires, repetindo a cada instante: "Êle entrou com alma e vida para me pegar. Não entendi essa tática". O dr. Mário Tourinho, que, face à gravidade da contusão, não conseguira recolocar Alarcon em campo, dava o seu diagnóstico: "Suspeita de fratura do maléolo. Se fôr confirmada a fratura, o jogador terá que imobilizar o pé direito por um período nunca inferior a trinta dias". Já Edson era dos mais loquazes, parecendo não sentir o pêso da derrota: "É como eu digo sempre: abaixar a cabeça por que? Perdemos, é fato, mas são coisas do futebol. Não é por causa de um revés, e nas circunstâncias dêste, que vamos deixar de lutar por outros títulos". Ferreira, ao lado de Osni, custou a falar. Depois, revelou sua amargura: "Se fôsse eu, diziam que Ferreira é sujo, é moleque, é isso, é aquilo. Como não foi um jogador do América, vai ver será chamado de herói". Também a arbitragem de Mário Viana não contentara os rubros. Querer acompanhar um jôgo daqueles à distância, longe, não era possível. E a sua complacência com alguns lances bruscos foi verberada. Vários dirigentes americanos, figuras de prestígio do clube de Campos Sales, estiveram no vestiário, anotando-se, entre outros: Álvaro Bragança, Ícaro Braile França, Carlos Chagas, Carlos Afonso de Melo Sobrinho e Plínio Leite. Êste último, abraçado a Giulitte, confessou: "Vim trazer o meu abraço de confôrto moral".

Pompéia não estêve numa noite das mais inspiradas.

Ainda nesta altura, Giulite confiava na volta de Alarcon.



A contusão de Alarcon foi realmente séria, atingindo o maléolo. O jogador argentino, que vinha se constituindo na peça principal dos rubros, foi alijado aos 6'.

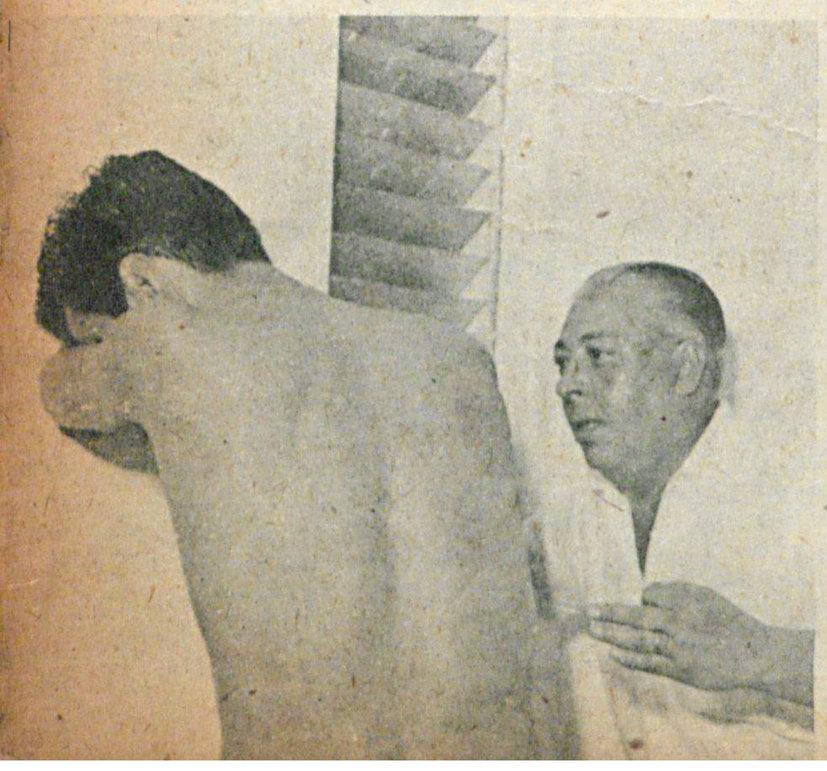


"Se fôsse comigo, iam dizer logo que Ferreira é sujo, é moleque, etc. Mas, como o Tomires não é do América, vai ser condecorado com o título de herói, com certeza"

SOLICH HAVIA TRAÇADO COM ANTECEDÊNCIA OS PLANOS PARA A BATALHA. VENCEU. EI-LO CUMPRIMENTADO PELA MAGNÍFICA ATUAÇÃO DO FLAMENGO.

Ao final, vencedor e vencido confraternizaram. Giulite Coutinho, como desportista, foi felicitar os campeões.

Os rubros sentiram o amargor do revés, a perda da partida decisiva. Eis Ivan ,sendo consolado por Benício.



O "Imortal" Zé Lins despiu sua vestimenta literária, ficou sendo, sòmente, o Zé Lins do povo, Flamengo doente, de beijar a bandeira rubro-negra depois do jôgo.

"TRI-CAMPEONATO DO SAUDOSO GILBERTO"

QUANDO Mário Viana deu por encerrada a partida, o Maracanã serviu de palco para uma inesquecível batalha de confetis. Serpentinas de todos os lados, dezenas de milhares de lenços brancos acenando, as escolas de samba — não havia tamborim calado — e o grito era unissono: — "Flamengooo !" No vestiário do tri-campeão, momentos de emoção suprema foram vividos. Euforia geral! Já os sorrisos não chegavam e as lágrimas ajudavam no estravazamento de tôda aquela alegria. Os dirigentes, molhados — molhadíssimos — de abraçar os craques no chuveiro, de suar, que suaram demais, de se sentirem mal, que se sentiram, quase todos, a ponto do presidente José Alves de Morais precisar de socorros médicos, de ar, e foi abanado frenèticamente.

Chorando na mais viva das emoções, transfigurado pelo sucesso impressionante da equipe, José Alves de Morais declarou: "Enfim demos a Gilberto Cardoso aquilo que havíamos prometido: o tricampeonato. Cumprimos nossa jura para com o inesquecível Gilberto ! O Flamengo, em meio a uma campanha em que teve que pagar tão pesado tributo — como foi aquêle de novembro — merecia a compensação dos céus". Mais o presidente não disse. Cambaleou, chorou. Foi sentar. Em redor os abraços se multiplicavam. Dario de Mello Pinto, o presidente do primeiro tri do Flamengo, também emocionadíssimo, exclamava: — "Gilberto inesquecível ! Hoje sinto-me como nunca — Dario berrava, a tôda fôrça dos pulmões — Empataste comigo ! O Flamengo pela segunda vez tri-campeão! E, Gilberto, ninguém mais do que você merecia um título como êsse !"

Solich — se sorriu sempre, na derrota e na vitória — ontem alargou a bôca mais do que nunca, mostrou os dentes sem parar. E também suava, também tinha caído no chuveiro: — "Os rapazes superaram-se. Não jogamos com onze, mas cento e dez, que cada um valeu por uma dezena". Dida, o artilheiro, não continha sua satisfação: — "Dei o que pude. O Flamengo não podia perder o tri. E foi mais raça, mais fibra, foi mais Flamengo, mais tri-campeão do que nunca !"

Fadel Fadel, outro que vibrava: — "Está decretado carnaval na cidade ! Salve o maior, o tricampeão".

Naquela alegria tôda, faltava uma figura. O Padre Goés. Por certo, ficou em sua capela, rezando a São Judas Tadeu. Primeiro pedindo o tri; depois agradecendo a vitória da fé, no esporte. E a cidade tôda ganhou colorido, apesar do adiantado da hora, com a conquista do segundo tri-campeonato do Flamengo. A sua extraordinária torcida, a maior do Brasil, deixa o Estádio em uma agitação doida com verdadeiros blocos formados:

"Recordar é viver, o Flamengo voltou a vencer" — era o estribilho do triunfo.

O Flamengo amanheceu Tri-Campeão

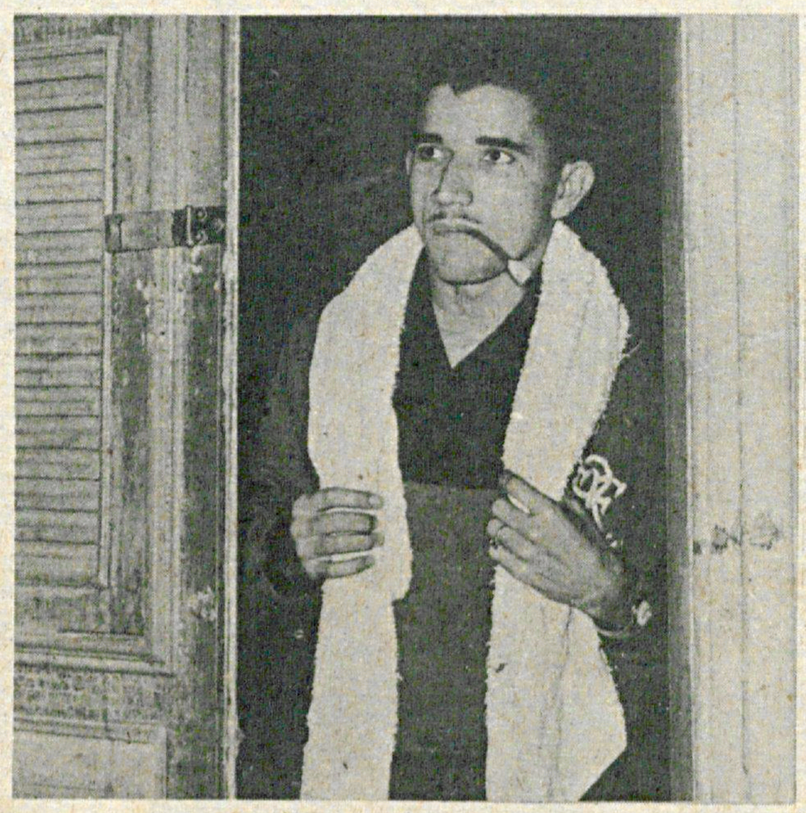
A vigília de um tri-campeonato — Dida e Servílio só foram escalados às onze horas — MANCHETE ESPORTIVA viu acordar o Flamengo para a glória — Confiança sem excessos — A palavra do técnico Fleitas Solich foi definitiva.

DE RONALDO BOSCOLI

EXATAMENTE amigos. O Flamengo amanheceu tri-campeão. Foi um acordar tranqüilo. Quase calmo. Solich convocara na véspera o plantel. Servílio e Dida inclusive. Entreolharam-se. A sala de diversões transformara-se em auditório. Solich falou calmo, medindo as palavras. Todos de ôlho parado, ouvindo o mestre, "Bem, agora é hora de irmos para a cama, amanhã vocês terão que provar que o Flamengo não se entrega sem luta". Derradeiras palavras do técnico. E todos se recolheram. Traziam na face a confiança total. Um leve quase sumido toque de apreensão. Rezaram longamente e as luzes, como vagalumes, iam-se apagando alternadas. Passos grandes permaneciam em vigília. Passos de Solich. E a noite, ganhou proporções no silêncio. Sete e meia. Um raio de sol maroto acorda Chamorro e Zagalo. Pouco depois o plantel estava de pé. No café ninguém falou no jôgo. Dida e Servílio pareciam pressentir que algo lhes cairia nos ombros. Até àquela hora a escalação era uma incógnita. Depois da primeira refeição a sinuca foi muito concorrida. Zagalo e Chamorro fazendo planos. Servílio dando uns passinhos de samba (com o rádio em background), Tomires, Paulinho e Duca discutindo um lance de bilhar, Dequinha e Pavão comentando a viagem que iriam fazer à Europa, Joel e Evaristo liam novelas. Solich passeando calmo. Às onze horas Jaime de Almeida entrou na sala com passos céleres: "Pessoal, Solich quer falar com vocês". Como formigas todos foram, pouco a pouco se aproximando. Joel e Evaristo, os últimos a chegar. Quando Solich entrou ouvia-se u'a mosca voar. Don Fleitas deitou falação. Fêz a retrospectiva das duas derradeiras batalhas. Depois veio o supremo momento. A escalação. "Nós jogaremos com Chamorro, Tomires e Pavão. Servílio (depois direi porque) Dequinha e Jordan. Joel — Duca — Dida — Evaristo e Zagalo". Solich falou mais qualquer coisa e dispensou o plantel. Eram onze e meia. Servílio e Dida seguiram pelo corredor com Solich. Chamorro foi para seu quarto e acendeu uma vela. Rezou contritamente. Veio o almôço e a oração a S. Judas Tadeu. Ninguém mais falou em futebol. Se a certeza ia dentro de cada homem jamais saberemos. Suas faces diziam isso muito levemente. O repórter tem cá consigo que o Flamengo, um clube que possui certa intimidade com as decisões, amanheceu tri-campeão. Horas mais tarde êsses homens deixavam a Gávea para a consagração. A "folhinha" marcava 4 de abril, quarta-feira. Já o Maracanã era uma enorme guirlanda vermelho-negra...

DIDA AMANHECEU COM APETITE — Aí está o "mocinho" da negra. Até as onze horas não sabia ao certo se jogaria. Todos seus gestos eram de gana. À hora do almôço demonstrou apetite. No jôgo também. Mas quem comeu as bolas foi Pompéia...

PROTEGEI ESSAS MÃOS — Chamorro pediu a seu santo de fé. O goleiro parou frente a São Judas e rezou longamente. O santo não falhou.



DUCA, O INCÓGNITO E O CAFÉ DA VITÓRIA: Em cima Duca vai começar um dia que acabaria memorável. Pavão e Dequinha (em baixo) tomam a média da vitória.

A VIGILIA E O DESPERTAR: Solich passeava meditando. Traçava o tri-campeonato. Sete e meia o sol foi acordar Chamorro e Zagalo. O Flamengo amanhecia tri-campeão.

COMO VENCEMOS

DIDA

"Venceu o Flamengo porque foi mais raça, mais fibra. Essa vitória, êsse tri-campeonato, a gente não deixaria escapar por nada dêsse mundo. Tinha que ser nosso, por justiça, por direito, pela fé que nele depositamos, pela fé que em nós depositaram os torcedores, flamengos de todo o Brasil. O América foi um adversário durissimo. Lutou como nunca".

JOSE ALVES DE MORAIS

"A fé, a vontade de cumprir a promessa feita ao saudoso Gilberto Cardoso, a fibra incansável do Flamengo, levou-o à Glória suprema do tri-campeonato. Agradeço a São Judas Tadeu a graça desta vitória ,que nos é mais cara que muitas outras, que nos significa não sòmente um título invejável, mas a satisfação íntima de um dever cumprido".

DARIO DE MELLO PINTO

"Hoje estou mais feliz do que na época do meu tri-campeonato ! Gilberto Cardoso empatou comigo. E, ninguém poderá negar, êsse título pertence a êle, que inspirou tôda essa fé, êsse entusiasmo, o desêjo indomável da vitória que marcou a presença do Flamengo em campo. Hoje, mais do que nunca, o Flamengo é um tri-campeão. Herói memorável".

COMO PERDEMOS

GIULITE COUTINHO

"Fundamentalmente, a saída de Alarcon, logo ao início do jôgo, contribuiu para a quebra de tôda armação da equipe. Mas, de qualquer maneira, os meus rapazes estão de parabens, pela fibra, pelo grande espírito de luta demonstrado. E ao Flamengo, as honras do campeonato, graças a uma bonita campanha. Vou cumprimentar os grandes campeões.

DR. MARIO TOURINHO

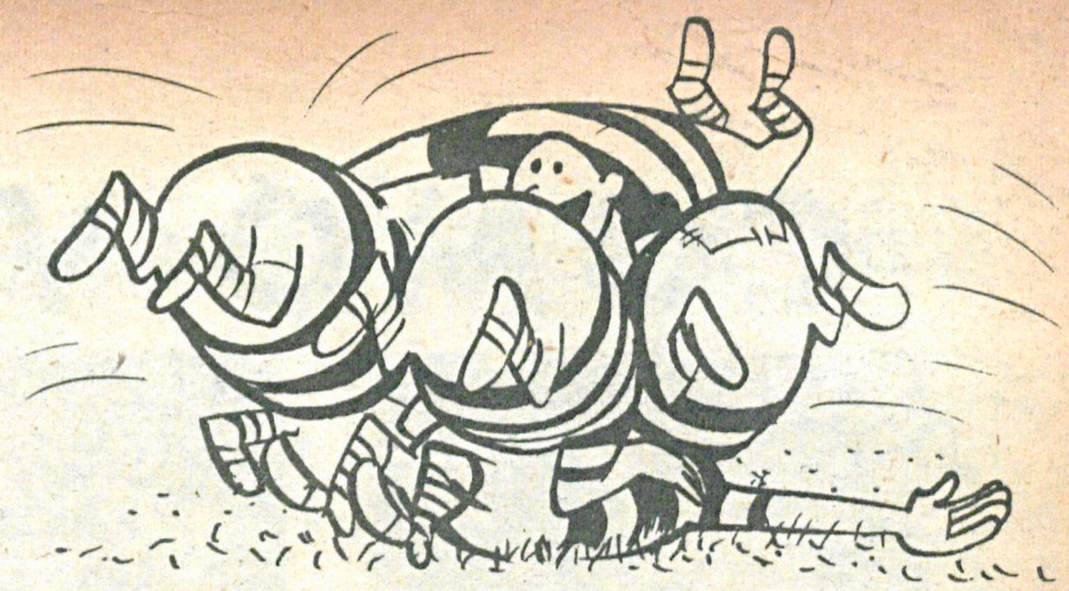
"Se o América pudesse contar com o concurso de todos os seus elementos, com a equipe completa, o resultado seria imprevisível. Tanto poderia pender para um, como para outro. Mas, com a inferioridade numérica, sendo atingido principalmente um elemento-base, o Flamengo pôde crescer e atingir a uma vitória que, de fato, não seria tão cômoda".

ANTONIO CARLOS MANGUALDI

"É ponto pacífico: perder um jogador como Alarcon pode justificar qualquer derrota. O mais gozado de tudo, porém, foi que, mesmo assim, no segundo tempo, tivemos fases de domínio, chegando a assustar o Flamengo, naqueles 2 a 1. Mandei todo time para frente, porque tanto fazia perder de 2 ou de 10. Porém o terceiro gol acabou de nos liquidar".

MÁRIO FILHO:

Noite da Glória do Flamengo



1 Há quem diga que o match se decidiu aos seis minutos, no justo momento em que Alarcon se contundiu. Por que não recuar um pouco mais? Na verdade o match se decidiu quando Leônidas pôs a bola em jôgo e começou, inapelàvelmente, suceder o que sucedeu. Não porque estava escrito. Tem de se olhar um jôgo como uma obra acabada. A Venus de Milo, por exemplo, mas com os bracos. Sem os braços a gente sente-se com o direito de achar que alonga-los, de levanta-los, de imaginar-lhe as mãos. Na vitória do Flamengo tudo aconteceu como aconteceu mesmo. E não há fôrça humana capaz de modificar-lhe um lance por mais insignificante que tenha sido, por menos importância que pareça ter tido no placard. Tocar num out-side, num simples gesto de levar as mãos atrás da cabeça para arremessar a bola é tocar em tudo.

2 No momento em que Leônidas dava a saída, ou até então, no momento em que Mário Viana jogava no ar a moeda para o "toss" acabava o faz de conta. Não se podia mais sonhar. Entrava-se pela realidade a dentro. Devassada, conclusa, essa realidade era o quatro a um, o tri do Flamengo. O mal está em querer se explicar o que já está explicado. Não há mais mistério algum na vitória do Flamengo ou na derrota do América. O mistério havia antes, impenetrável. Um José Scassa nem se atrevia a vê-lo desvendar-se. Ia meter-se num cinema e acabada a sessão sair devagar, sem pressa, como se não quizesse saber de nada. Já Alves de Moraes, capengando, de chinelo, sem óculos, "não vou poder ver nada" não sabia como interpretar o que lhe vinha sucedendo justamente no dia do match. Um mosquito mordera-lhe o pé que infeccionara, levantando os braços, quebrara os óculos. Não ia ver direito ao jôgo, quase cégo, mas não poderia vendo fazer nada, tocar na realidade que se descerrava no Maracanã. O que aconteceu aconteceu definitivamente. Daí ser tão importante Leônidas empurrando a bola para dar a saída como o primeiro gol de Dida, que abriu o caminho para a vitória, como o quarto que aparentemente não decidia nada mas que foi tão necessário quanto o terceiro que decidiu o match.

3 A gente sabe que o match se decidiu no terceiro gol de Dida. Todos sentiram isso. Os jogadores do América que um segundo antes ainda sonhavam com vitória baixaram a cabeça enquanto os do Flamengo corriam de braços abertos para abraçar Dida, para beija-lo. Uns se atiravam sôbre Dida, derrubando-o, e já não era mais Dida, eram uns sôbre os outros, se amontoando; formando uma pirâmide humana. Só Mário Viana se recusava a compreender aquilo. E lá foi êle o peito estufado, de cara amarrada, mandar os jogadores do Flamengo sairem de cima de Dida. Êles saíram e lá ficou, sôbre o gramado, como uma coisa amassada, imóvel, encolhido; na posição de um corpo atropelado por um lotação feito morto, Dida. Mário Viana policialmente limpou o campo de Dida, autor de três gols e que ia fazer ainda o quarto, carregando-o como um fardo e atirando-o para além da linha de out-side. Feito o que soprou o apito e o match prosseguiu.

4 Sem dúvida foi importante também a contusão de Alarcon. Mas importante no sentido de que fêz parte inseparável do match e não porque com êle em campo o América poderia até vencer. Há até quem afirme que o América venceria. Pergunto eu: mas que jôgo? Não êsse dos quatro a um. Não sucedeu apenas a contusão de Alarcon, sucedeu uma porção de coisas. Colocar Alarcon em campo, correndo, seria destruir tudo o que sucedeu. E não se pode, sequer, tocar numa bola que caiu no fôsso. Só encarando o match como um todo imutável, intangível é que se pode escolher a contusão de Alarcon, como a causa da derrota do América. Porque na verdade o América ainda esperava a vitória e lutava por ela, com bravura, sem um instante de desânimo, até no terceiro gol de Dida. O placar estava dois a um e o Flamengo era obrigado a defender-se. E veio aquela arrancada de Edson, lá de trás, driblando um, driblando outro, e mais outro; avançando; avançando sempre, até meter o pé na bola. No momento em que êle chutou o lado direito do Maracanã, o do Flamengo, se encolheu; o esquerdo; e do América, se levantou. Foi um lance que se poderia chamar de épico.

5 Nos cinco a um houve um instante parecido para o Flamengo. O match estava dois a um, o Flamengo ainda esperava o empate e quem fêz o gol foi o América. Agora era o Flamengo que fazia o terceiro e agora era a decisão. E' a maneira de se conhecer o campeão, de prová-lo por assim dizer. Foi a prova em que o Vasco fracassou. E o Fluminense contra o Vasco ficou com dez homens e perdeu um pênalte e o gol do Vasco foi uma bola que ia sair fora e não saiu porque bateu no juiz. E o Fluminense tinha descido até onde um time podia descer. Ninguém esperava nada dêle e assim, aos pedaços, caindo; com dez homens, ganhou. O que não se diz para diminuir o América e sim para fazer justiça ao Flamengo que completou uma campanha de três anos, de três turnos e com uma melhor de três para decidir tudo. Na hora da decisão êle foi Flamengo, o Flamengo de tua glória é lutar, o clube e o time da bandeira, da legenda; do samba, da marcha; da anedota, de tudo que é Flamengo. Para ser tri-campeão não podia falhar e não falhou.

6 E não se pode isolar essa vitória do Flamengo ao campo. Ela também nasceu e se fêz nas gerais e nas arquibancadas, nas cativas; nas numeradas e nas perpétuas. Desde cedo que se via a caminho do Maracanã automóveis, bandeiras do Flamengo já desfraldadas. O Estádio estava como na Copa do Mundo. E tudo aquilo, as bandeiras, a charanga, a cuica roncando; os tambores chorando os pandeiros rindo, podia trabalhar nos nervos dos jogadores. Os jogadores do Flamengo pisaram o campo como atuados; tinindo; como se diz. Onde, depois da longa, da quase interminável campanha do tri, só pode ter sido no Flamengo, na mística da camisa, na outra mística que agora nasce dos calções negros; de luto por Gilberto Cardoso. Porque desde o primeiro momento se sentiu que êles estavam dispostos a tudo, esquecidos de si mesmos, pensando só no Flamengo que era para êles o sinônimo de vitória. Os que tinham jogado mal quatro dias atrás não falhavam, os que tinham cansado não paravam num instante, os que foram lançados para o jôgo parecia que tinham sido escolhidos por inspiração, porque todos estavam num grande dia, aliás, noite, mas de glória.

7 Aliás, o que deu maior emoção ao match foi a luta de palmo a palmo. Cada jogador de cada bando não se esquecendo nunca de que cada lance podia ser decisivo. Bastava que um pegasse a bola para ser atacado, envolvido. Era quase um corpo a corpo. E foi um corpo a corpo com a vitória e com a derrota. Pouco importava que Alarcon estivesse machucado, que Dida marcasse o primeiro gol, o segundo, o match ainda não se decidira, ia ficar dois a um, só se decidiria no três a um. Então, é que a multidão tirou o lenço do bolso para a revoada da vitória do Flamengo. É que a charanga não parou mais de tocar. É que os foguetes deram para assoviar. Das arquibancadas soltaram serpentinas, das gerais chuveiros que se curvavam, lá encima, como girassóis e pareciam olhar à festa cá embaixo para se abrirem e se despetalarem como rosas de fôgo. Era o carnaval do Flamengo que nascia e que ia tomar conta da cidade. E' chegava com o São João, com a grande vitória do Flamengo.

8 Foi quando Pavão, quase da área do Flamengo, soltou, emendando uma bola, um morteiro. A bola subiu feito um balão carregado pelo vento. A impressão que se tinha era de que ia continuar a subir. E aí ela desceu em piqué, quase entrou, bateu na trave, voltou e lá estava Dida, sempre Dida, para mandá-la ao fundo das redes. Já não se olhava o jôgo e as arquibancadas se iluminavam como fogueiras. A loucura do triunfo se espalhava pela multidão que pipocava. Era o samba se juntar ao futebol. E os jogadores, lá embaixo, ainda lutando, os de camisa rubro-negra e calções pretos também enlouquecidos feito bonecos a quem se deu corda demais. Até que Mário Viana abriu e fechou os braços. E o túnel do Flamengo despejou uma multidão no campo para carregar os jogadores em triunfo. A bandeira do Flamengo, enorme, já estava lá, e acenava para tôdas as bandeiras rubro-negras do Maracanã.

9 Primeiro ninguém queria sair para ver tudo, quer dizer, o lado esquerdo que se alongava até formar quase uma ferradura. Porque o lado direito já vinha se despovoando desde o terceiro gol de Dida. Para o Flamengo, a vitória ameaçava. Agora êle podia entregar-se a ela, apossar-se dela, fazer dela o que bem entendesse. E eu que lembrei que chegara a pensar no fastio do Flamengo pela vitória. Êle se banqueteava há três anos com vitórias, em campeonatos. O América, não, o América tinha uma fome de vinte anos. E só a sentira realmente agora quando voltara a ser o América dos grandes tempos. Mas, na hora, o Flamengo aparecera faminto. Não é que a derrota o tivesse espicaçado, embora o tivesse espicaçado, realmente. O verdadeiro campeão é dêsses momentos. Só na decisão é que se pode vê-lo em todo esplendor. Então se compreende mais do que por que êle foi campeão; porque êle é campeão.

10 Embaixo a porta da saída estava apenas entre-aberta, a polícia guardando-a É que o povo queria entrar. Tinha saído e queria entrar de novo. Para que? De momento a momento a multidão engrossava. Só parou de engrossar quando das rampas veio descendo o som da charanga tocando Quem Sabe, sabe, conhece bem, Ai, Flamengo, deixa eu gostar de você. Então se formavam cordões e todo mundo arrastou os pés, gingando o corpo, os dedos balançando Ai, Flamengo, deixa eu gostar de você. Foi quando me apareceu, ensopado de suor, capengando, sem óculos, Alves de Morais. Eu não era Flamengo, mas êle se atirou nos meus braços, encostou o rosto no meu rosto e chegou à dizer Gilberto, mas não disse mais porque prorrompeu em prantos. Queria dizer que era o tri de Gilberto Cardoso. E o disse, bem que o disse que não precisava dizer mais do que Gilberto.

11 Havia gente no bar do Estádio também chorando e beijando a bandeira do Flamengo. Ninguém perguntava que horas eram. Era a vigília da vitória, do tri-campeonato do Flamengo. Ali, embaixo das rampas do Maracanã, nas ruas, por todo o caminho de volta. Até crianças nas filas, à beira das calçadas, senhoras, os flamengos que tinham ficado de fora e que agora queriam gritar Flamengo, à passagem do Flamengo, ou de tudo o que lembrasse o Flamengo. Os carros com bandeiras do Flamengo, os carros sem nada, só com gente dentro, mas que traziam alguma coisa da vitória. Os gritos de Flamengo eram como filas de sons ao longo das ruas e das avenidas. E mesmo quase de manhã, a gente acordava com um Flamengo! Era a vitória continuando, não acabando mais.

NOSSA CAPA: DIDA num Ektachrome de HÉLIO SANTOS — N.º 21

BLOCH EDITÔRES S. A. — Presidente: Adolpho Bloch * Diretor: Arnaldo Bloch * Diretor-Superintendente: Oscar Bloch Sigelman. MANCHETE ESPORTIVA — Rua Frei Caneca, 511 - 3.º andar - Telefone 32-4355 ramal 11 — Rio de Janeiro. Diretor: Augusto Rodrigues * Diretor-Gerente: Nelson Alves * Redator-principal: Nelson Rodrigues * Chefe de reportagem: Paulo Rodrigues * Diretor de Arte: Ricardo Parpagnoli * Diretor de Publicidade: Dirceu Tôrres Nascimento * Sucursal em São Paulo: Rua Barão de Itapetininga, 255 - s. 801 - 8.º andar - Telefone 36-9998 * Representante: Álvaro Paes Leme * Publicidade: Décio C. da Silva.

ASSINATURAS DE MANCHETE ESPORTIVA

Os pedidos de assinaturas de MANCHETE ESPORTIVA devem ser endereçados à Agência de Propaganda e Comércio Interestadual (APCI) — Rua Evaristo da Veiga, 35, conjunto 1.106 — Rio de Janeiro.

Assinatura Anual Cr$ 400,00 — Assinatura Semestral Cr$ 200,00 (porte simples)

As importâncias, para pagamento, devem ser remetidas em cheque ou vale postal. Também os números atrasados poderão ser solicitados ao mesmo devartamento.

Magdala, a Rainha e o Ano de Ouro

PERFIL DA BELDADE
Altura: 1,69 m
Pêso: 60 kg
Busto: 97 cm
Cintura: 59 cm

POR ARNALDO NISKIER

FOTO DE JANKIEL

MARIA Magdala Raupp Barreto, voleibolista do Tijuca T. C., mas Fluminense "roxa" no futebol, 20 anos, é gaúcha de D. Pedrito. Não viveu muito tempo em sua cidade natal, mas lembra que, de tanto cair, acabou enjoando de andar a cavalo. Em 54 iniciou no voleibol, com Wilson Barroso, no Tijuca. Não possui nenhum título, afora a sua beleza morena; espera, todavia, que 56 seja o ano de ouro para o seu clube. Não é de chorar muito, conquanto tenha aberto a "torneirinha" quando o seu time perdeu para o Fluminense, nos "Jogos da Primavera". Nesse dia, tôdas jogaram mal. Está cursando a Faculdade de Filosofia da U.D.F., na terceira série de Filosofia, sendo aluna das mais aplicadas: passou por média em três das quatro matérias do 2.º ano. E' uma "boa" aluna. Em honra à sua plástica e simpatia foi Rainha dos Jogos Abertos de Cambuquira do ano passado, concorrendo com 14 candidatas. Mora no Leme, gosta lògicamente de praia e acha que é cedo para o casamento. Quando êste vier, promete abandonar o esporte, o que é uma pena. Integra o sexteto principal do Tijuca como cortadora (e como castiga!). Fora do esporte e da Faculdade, aprecia uma boa leitura, admirando Érico Veríssimo e Somerset Maugham. "O fio da navalha", de Maugham, foi o livro que mais a impressionou. No cinema, acha Marlon Brando "o maior". Não se considera muito namoradeira, mas admite um bom "flirt". E indaga: Quem é que não gosta? Diz que o seu maior sonho é encontrar o lugar certinho que lhe cabe na vida. Não vai casar já, o que em absoluto constitui obstáculo para que trace os cinco mandamentos de um bom marido: personalidade, cavalheirismo, generosidade, inteligência e fidelidade. Assim é Magdala, esta beldade que desponta entre tôdas as "estrêlas" do grêmio cajuti.

MANCHETE Esportiva

VALTER (MARCIANO) NÃO É DE BRIGA

Valter Marciano de Queirós, astro do quadro vascaíno, ora emprestado à seleção brasileira, apesar de ter o sobrenome do pugilista campeão mundial, esclarece: "Eu não sou de briga. O outro bate forte e eu bato mal à bessa". Valter veio ao mundo na capital paulista, a 15 de setembro de 1931, estando, pois, com 24 anos. Começou no São Caetano, da Segunda [illegible] Ipiranga, Santo [illegible] no Vasco. Aprecia Didi, um gran[illegible]jo[illegible]. Mas para [illegible] foi um que quase chegou à perfeição, tanto jogando recuado, como avançado. Não [illegible] segrêdo no futebol. Destaca ainda Ademir como homem-gol. E da atualidade ressalta os nomes de Sabará, Zózimo e Clóvis. Não dá bola para êsse negócio de sistema: — a finalidade do futebol é uma só, por isso que qualquer sistema é bom, contando com elementos enquadrados nêle, é claro.

GRANDE EMOÇÃO

Esta é a quarta vez que Valter defende a seleção brasileira. Sentiu uma emoção muito grande porque considera uma glória lutar pelas côres do país. Acredita no futebol brasileiro: — o que falta é um pouco mais de sorte nas horas decisivas; futebol, temos até demais, como provaram os gaúchos no pan-americano. É o que diz Valter Marciano.